

Trabalho Final
Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia

**Residência Institucional
no Instituto de Estudos Filosóficos
da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra**

Robert Andres Martins Junqueira
martinsjunqueira2@gmail.com

Tutor:
Tiago Brandão

2021, junho

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade NOVA de Lisboa**

Introdução -----	3
1: Benchmarking Competitivo: IEF x IF x IFILNOVA (2020) -----	4
1.1: Monografias Publicadas -----	5
1.1.1: Quantificação das Monografias Publicadas -----	7
1.1.1.1: Títulos	
1.1.1.1.1: IEF	
1.1.1.1.2: IF -----	9
1.1.1.1.3: IFILNOVA	
1.1.1.2: Gráficos	
1.1.1.2.1: Autoria x Coordenação x Tradução -----	10
1.1.1.2.2: País de Publicação -----	11
1.1.1.2.3: Acesso Aberto x Restrito -----	12
1.1.1.3: Considerações -----	13
1.2: Organização de Eventos -----	16
1.2.1: Quantificação dos Eventos Organizados -----	17
1.2.1.1: Títulos	
1.2.1.1.1: IEF	
1.2.1.1.2: IF -----	20
1.2.1.1.3: IFILNOVA -----	23
1.2.1.2: Gráficos -----	24
1.2.1.2.1: Número de Eventos	
1.2.1.3: Considerações -----	25
1.3: O IEF pode melhorar? -----	26
1.3.1: Monografias Publicadas	
1.3.2: Organização de Eventos -----	27
1.4: Pistas para futuros estudos -----	28
2: Breve Crónica do IEF -----	30
2.1: Antecedentes e Génese	
2.1.1: Prelúdio	
2.1.2: Antecedentes: Entrevista com António Manuel Martins	
2.1.3: Génese -----	35
3: Quadro FOFA -----	36
Considerações Finais -----	37

A: Anexo—Coro SWOT	39
A.1: Forças	
A.1.1: Formação	
A.1.2: Área de Atuação	43
A.1.3: Tradição Filosófica de Coimbra	45
A.1.4: Internacionalização	47
A.1.5: Atividade Editorial	51
A.1.6: Língua Portuguesa	55
A.1.7: Membros	58
A.2: Fraquezas	60
A.2.1: Espaços de Trabalho	
A.2.2: Formalidades	61
A.3: Oportunidades	63
A.3.1: Investigações e Colaborações Interdisciplinares	
A.3.2: Intervenção na Esfera Pública	66
A.3.3: Éticas do Cuidado	69
A.3.4: Mundo Digital	74
A.4: Ameaças	76
A.4.1: Massa Crítica	
A.4.2: Comunicação Interna	78
A.4.3: Divulgação dos Resultados	80
B: Suplementos	82
B.1: IEF - 2020 - Arte e Multimédia	
B.2: La Fonda Filosófica	85
B.3: China Historical Christian Database	91
B.4: A arte de conseguir financiamento	97
B.5: Concurso na Área das Humanidades	100
C: Bibliografia de Apoio	106

Introdução

Aqui está mais um sinal dos tempos para docência e discência: cai o pano de mais uma etapa. Visa este documento assinalar a data, cedendo o elemento final para que se proceda à avaliação da nossa prestação na Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, que com inolvidável proveito foi por nós frequentada ao longo do presente ano letivo. Nas páginas que se seguem, poderão ser encontradas as provas do grosso do trabalho realizado desde o debute até à reta final da Residência Institucional no Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, posta em obra no âmbito da unidade curricular de Projeto em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia II, ministrada por Maria Fernanda Rollo. Sob a seminal tutoria de Tiago Brandão, a estância que nos recebeu foi constituída objeto de apreciação. Num primeiro momento, por forma a dar palco ao espetáculo dos números e ocasionar a realidade de um módico exemplo daquilo que pode ser um exercício de compilação de dados, ensaiamos uma análise de benchmarking. Tal permitiu lançar um precário mas atento olhar estatisticamente informado sobre o objeto desta investigação, sumariamente introduzido. Alguns exercícios de quantificação e expressão gráfica poderão ser encontrados na primeira parte do documento (nomeadamente em 1.1.1.2 e 1.2.1.2), sem que por isso esteja o mesmo despido de um labor reflexivo que engloba e se estende para lá da medida dos algarismos e das gramáticas que, formadas pelos mesmos, os regem. Não foi sem luta que nos venceram os limites deste nosso empreendimento, pelo que fomos não raramente deixando recados com o futuro debaixo de olho. Num segundo momento, aquilo que se pretendeu foi fixar a memória do Instituto que nos recebeu (doravante referido como IEF) e resgatar episódios relativos à sua constituição; isto, devemos-lo—sobretudo, como ficará claro em 2.1.2—a António Manuel Martins. Como resultado, veio a lume uma lacónica narração que permitirá uma leitura sobre os antecedentes e a génese do IEF. Finalmente, antes de expor o tecido de uma secção de desfecho, um Quadro FOFA (ver secção 3) foi desenhado, retratando o Coro SWOT que conduzimos e que pode ser escutado em anexo (cf. A). De modo a desenhar o referido quadro, procedemos—sob as quatro claves que o tipo de análise adotado pressupõe: fraquezas, oportunidades, forças e ameaças—à harmonização de um conjunto de trinta entrevistas.¹ Houve ainda a necessidade de acrescentar alguns suplementos, tal como o registo das fontes bibliográficas, incluídos no índice para satisfazer as necessidades de eventuais leituras ávidas que possam vir a ser dedicadas às páginas deste trabalho. Infelizmente, não nos foi possível produzir um aparato crítico mais caudaloso.²

¹ A/os investigadora/es entrevistada/os, toda/os ela/es membros do IEF à data indicada: Tomaz Fidalgo (04/02), Fernando Sadio Ramos (04/02), Isabel Borges (05/02), Rui Gabriel Caldeira (08/02), Fernando Santor (09/02), Margarida Neves (questões enviadas por escrito no dia 11/02; a resposta à última questão foi recebida no dia 07/03), Pedro Vilar (11/02), Cristóvão Marinheiro (12/02), José Guilherme Sutil (16/02), Maria da Conceição Camps (18/02), Marcela Uchôa (18/02), Fabiana Tamizari (21/02), António Manuel Martins (22/02), Joana Ramos (23/02), Emanuele Landi (24/02), Simone Hashiguti (25/02), Joaquim Braga (01/03), Isabel Campos (01/03), Diogo Ferrer (02/03), Simão Lucas Pires (03/03), Fábio Serranito (03/03), Mitsutake Ikeda (04/03), Vasco Cardoso (08/03), Gilmar Kruchinski Junior (22/03), Catarina Rebelo (01/04), Tom-Eric Krijger (12/04), Samuel Oliveira (13/04), João Carvalho (14/04) e Luliiia Nikitenko (15/04). Todas estas entrevistas tiveram lugar no ano de 2021. Mário Santiago de Carvalho havia sido entrevistado ainda no anterior ano civil, no dia 12 de dezembro, no âmbito da unidade curricular de Projeto em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia I.

² Fica a lembrança de que nos comprometemos também com a preparação de uma peça de apresentação do IEF para a European R&D Exhibition in the Humanities, disponível in <https://player.vimeo.com/video/542614655>.

1: Benchmarking Competitivo: IEF x IF x IFILNOVA (2020)

O objeto deste estudo é, primeiramente, o IEF, uma Unidade de Investigação e Desenvolvimento (I&D) financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., organismo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Governo de Portugal encarregado de supervisionar e subsidiar a investigação científica em Portugal em todas as suas áreas, sobretudo nos âmbitos da ciências naturais, exatas, sociais e do espírito humano. Aqui, será ensaiado um benchmarking competitivo, pelo que o IEF será pousado num dos três pratos de uma balança na qual serão pesados também o IF – Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o IFILNOVA – Instituto de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Não é senão muito prosaico, o nosso principal objetivo, que é colaborar para o desenvolvimento do IEF. Para tal, prestaremos atenção àquilo que fazem duas outras Unidades de I&D. Tal é uma decisão avisada, pois uma boa maneira de nos melhorarmos passa precisamente por observar os outros (Lankford s.d, 57). Abrange este benchmarking competitivo acima de tudo o ano de 2020, não só porque é o ano civil no passado mais próximo do momento em que escrevemos, mas também porque foi o primeiro desde que os membros do IEF passaram a exercer uma atividade de I&D aprovada e reconhecida pela FCT como sendo madura; ou, para sermos precisos, avaliada com um ‘good’ (Cf. Esfeld et al. 2019). Em 2019, o IEF foi avaliado; o caso, para o futuro da Unidade, era de *tudo ou nada*. As atividades do IEF, apesar de todos os defeitos apontados à Unidade pelo comité de avaliação, foram consideradas valiosas e meritórias de um parecer positivo. Trata-se de uma Unidade muito jovem; e, por isso, esperamos que seja possível tirar uma lição a partir do exemplo de Unidades de I&D não só mais experientes como também muito mais prestigiadas, como são o IF e o IFILNOVA. Resta dizer que todos os dados foram recolhidos nas páginas Web das Unidades de I&D durante os primeiros oito dias do mês de abril de 2021.

1.1: Monografias Publicadas

Englobando e ultrapassando o âmbito da tradução filosófica, o IEF desenvolve uma atividade editorial regida por critérios de acesso fácil e aberto, de modo a que a sociedade seja dotada das descobertas mais rigorosas e precisas dos labores filosóficos e interdisciplinares de excelência. Antes de 2020, no período que vai de 2016 a 2019, os membros do IEF publicaram várias monografias sob selos editoriais de reconhecido mérito. A seguinte nuvem de palavras representa os títulos publicados nesse período, que logo de seguida serão listados.



Argumentação, Pensamento Crítico e Filosofia (e outros ensaios), obra da autoria de Henrique Jales Ribeiro, membro integrado do IEF na altura em que a obra foi publicada em Lisboa, pela Edições Esgotadas (2019).

Categorias Existenciais: Fim-Sentido-Ipsiedade, obra coordenada por Nuno Ferro e Paulo Lima, sendo o primeiro membro integrado do IEF. Foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF (2016), no seio da coleção filosófica eQuodlibet. A segunda edição da obra será apresentada *infra*, pois é do ano de 2020.

Comedy for dinner - and other dishes, obra coordenada por Constantino Pereira Martins, membro colaborador do IEF. Foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF (2019), no seio da coleção filosófica eQuodlibet.

Conceiving Virtuality: From Art To Technology, obra coordenada por Joaquim Braga, membro integrado do IEF. Esta obra foi publicada na Suíça pela Springer International Publishing em 2019.

Copa do Mundo e Estado de Exceção: Desvio autoritário e resistências populares na pátria das chuteiras, obra da autoria de Andityas Matos, membro integrado do IEF, que foi publicada pela editora *Initia Via* em Belo Horizonte no ano de 2016.

Cor, natureza e conhecimento no curso Aristotélico Jesuíta conimbricense (1592-1606), obra da autoria de Maria da Conceição Camps e Mário Santiago de Carvalho, na altura ambos membros integrados do IEF. A obra foi publicada pela Coimbra University Press em 2016 e disponibilizada online em acesso aberto na UC Digitalis, um projeto global da Universidade de Coimbra para a agregação e difusão de conteúdos digitais, que procura colocar a dinâmica da transferência do saber ao serviço do desenvolvimento económico, social e cultural, intensificando a ligação da Universidade com o meio envolvente, tanto a nível nacional quanto internacional.

Douta Ignorância, linguagem e diálogo: o poder e os limites da palavra em Nicolau de Cusa, obra da autoria de João Maria André, membro integrado do IEF. A obra foi publicada pela Coimbra University Press em 2019 e disponibilizada online em acesso aberto, também na UC Digitalis.

Ensaios (modernos) de Filosofia Antiga, obra da autoria de Paulo Alexandre e Castro, membro integrado do IEF. Foi publicada em Lisboa, pela Edições Esgotadas, em 2019.

Intersubjetividad y eticidad en biografías educativas de profesores. Dois volumes da autoria de Fernando Sadio Ramos, membro integrado do IEF. Ambos os volumes foram publicados em 2018 sob o selo editorial da Editorial Académica Española e estão disponíveis online em acesso aberto; *inter alia*, na plataforma Estudo Geral (doravante, EG).

Jogo, Corpo e Teatro. A arte de fazer amor com o tempo, obra da autoria de João Maria André. Esta obra foi publicada em Coimbra, em 2017, sob o selo editorial Angelus Novus.

L'Angelo e la Macchina. Sulla genesi della res cogitans cartesiana, obra da autoria de Simone Guidi, membro integrado do IEF. Esta obra foi publicada em Itália, em 2018, pela FrancoAngeli.

Novo Sistema da Natureza: Princípios da Natureza e da Graça. Obra de Gottfried Wilhelm Leibniz compilada, apresentada, traduzida e anotada por Nuno Ferro, membro integrado do IEF. Foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF em 2016, no seio da coleção filosófica eQuodlibet. A segunda edição da obra será apresentada abaixo, pois é do ano de 2020.

O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense, obra da autoria de Mário Santiago de Carvalho, membro integrado do IEF. Esta obra foi publicada pela Coimbra University Press. Uma versão inglesa foi publicada em simultâneo, no ano de 2018, e ambas estão disponíveis online em acesso aberto.

Ockhams Theorie der Modalitäten: Metaphysische, natürliche und historische Notwendigkeit, obra da autoria de Lu Jiang, membro integrado do IEF. A obra foi publicada em Berlim pela Logos Verlag.

Plato's Gorgias – Labyrinth and Threads, obra coordenada por Mário Jorge de Carvalho e Tomaz Fidalgo, membros integrado e colaborador do IEF (respetivamente). Foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF (2016), no seio da coleção filosófica eQuodlibet. A segunda edição da obra será apresentada abaixo, pois é do ano de 2020.

Politics and Image, obra coordenada por Constantino Pereira Martins e Pedro T. Magalhães, sendo o primeiro membro colaborador do IEF. A obra foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF (2019), no seio da coleção filosófica eQuodlibet.

Rediscovering the Alcibiades Major, obra coordenada por Mário Jorge de Carvalho e Samuel Oliveira, membros integrado e colaborador do IEF (respetivamente). A obra foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF (2019), no seio da coleção filosófica eQuodlibet.

Storia dell'idea di tempo, obra de Henri Bergson, introduzida, traduzida, e anotada por Simone Guidi, membro integrado do IEF; prefaciada por Rocco Ronchi e posfaciada por Camille Riquier. Esta obra foi publicada em 2019, na Itália, por Mimesis Edizioni.

Contudo, o que nos interessa aqui analisar, em conformidade com os objetivos propostos, é o que iremos abaixo destacar: as monografias publicadas ao longo do ano de 2020 pelos membros das Unidades de I&D sob escrutínio de acordo com os dados que nos foi possível recolher nas páginas Web oficiais do IEF, IF e IFILNOVA ao longo dos primeiros oito dias de abril de 2021.

- Falsafa. Breve introdução à filosofia arábico-islâmica*, obra da autoria de Mário Santiago de Carvalho, atual coordenador científico do IEF. Esta monografia foi publicada pela primeira vez em Coimbra em 2006, pela Ariadne Editora. Esta tratou-se da segunda edição, publicada também em Coimbra e disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF no âmbito da coleção filosófica eQuodlibet.
- Francisco Suárez: Metaphysics, Politics and Ethics*, obra coordenada por Mário Santiago de Carvalho, Manuel Lázaro Pulido e Simone Guidi, o primeiro e o último membros integrados do IEF; foi publicada em Coimbra, pela Coimbra University Press, estando também disponível online em acesso aberto.
- Kierkegaard Sem Medo*, obra da autoria de Robert Junqueira, membro colaborador do IEF, publicada em Coimbra pela editora Palimage.
- Michel Foucault e os Discursos do Corpo*, obra coordenada por Joaquim Braga, Rafael Fernandes e Ismara Tasso, sendo o primeiro membro integrado do IEF. A obra foi publicada em São Paulo, no Brasil, sob o selo editorial de Pontes Editores.
- Novo Sistema da Natureza: Princípios da Natureza e da Graça*. Obra compilada, apresentada, traduzida e anotada por Nuno Ferro, membro integrado do IEF. Unem-se, numa mesma monografia, duas obras da autoria de Gottfried Wilhelm Leibniz, um dos maiores filósofos/cientistas do século XVIII. A Coimbra University Press publicou este trabalho em 2020, disponibilizando-o em online em acesso aberto, se bem que a obra já havia sido publicada em 2016 pelo IEF, no âmbito da coleção filosófica eQuodlibet.
- O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo I: Comentário aos Livros denominados Parva Naturalia*. Obra da autoria de Manuel de Góis, publicada pela primeira vez em Lisboa em 1593 por Simão Lopes, foi em 2020 publicada em versão bilingue (latim-português) pela Imprensa da Universidade de Coimbra. A obra foi traduzida e preparada no âmbito de uma colaboração entre Bernardino F. da Costa Fernandes, Mário Santiago de Carvalho, Sebastião Tavares de Pinho e Marina Fernandes, sendo o segundo membro integrado do IEF. Está disponível online em acesso aberto.
- O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo II: Disputas do Curso Conimbricense sobre os livros das Éticas de Aristóteles a Nicómaco*. Primeiramente publicada por Simão Lopes em Lisboa, no ano de 1593, esta obra da autoria de Manuel de Góis foi traduzida e preparada por Mário Santiago de Carvalho (IEF) e Sebastião Tavares de Pinho, tendo sido publicada em 2020, em versão bilingue (latim-português), pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Está disponível online em acesso aberto, *inter alia* via EG.
- Plato's Gorgias – Labyrinth and Threads*, obra coordenada por Mário Jorge de Carvalho e Tomaz Fidalgo, respetivamente membros integrado e colaborador do IEF. A obra foi publicada, pela primeira vez, em 2016, no âmbito da coleção filosófica eQuodlibet, do IEF. A segunda edição, de 2020, é da Coimbra University Press, que disponibiliza a obra online em acesso aberto.
- Relendo o Parménides de Platão / Revisiting Plato's Parmenides*. Obra coordenada por Maria do Céu Fialho e António Manuel Martins, sendo este último membro integrado do IEF; foi publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra e disponibilizada online em acesso aberto.
- Sensibilidade e Matéria no pensamento de Denis Diderot*, obra coordenada por Joaquim Braga e Fabiana Tamizari, respetivamente membro integrado e membro colaborador do IEF. Esta monografia foi publicada em Coimbra, sendo disponibilizada online em acesso aberto pelo IEF no âmbito da coleção filosófica eQuodlibet.
- Teoria das Formas Imagéticas. Ensaio sobre arte, estética, tecnologia*. Obra da autoria de Joaquim Braga (IEF); foi publicada sob o selo editorial de Grácio Editor.

1.1.1.1.2: IF

Na subpágina dedicada às publicações no contexto da página Web do IF (<https://ifilosofia.up.pt/publications>), acedida no dia 8 de abril de 2021, não se encontra nenhum título publicado em 2020. Estará o site desatualizado, ou terá sido um ano altamente improdutivo, ao nível das monografias, para o IF? Seja como for, o trabalho do IF não deve ser desvalorizado; pois, como se reza em bom português, *acontece aos melhores*. Talvez o site esteja mesmo desatualizado, pois sabemos que Sofia Miguens, talvez a mais instigante filósofa atualmente no ativo a nível europeu, coordenou *The Logical Alien: Conant and His Critics* pela Harvard University Press, nos Estados Unidos da América, volume publicado em 2020 em acesso restrito. Sob um prisma otimista, o exposto poderá ser entendido como um claro sinal de *i)* que o site se encontra, no dia 8 de abril de 2021, desatualizado e também *ii)* que do labor dos membros do IF resultou publicada uma edificante monografia sob um selo editorial académico de topo.

1.1.1.1.3: IFILNOVA

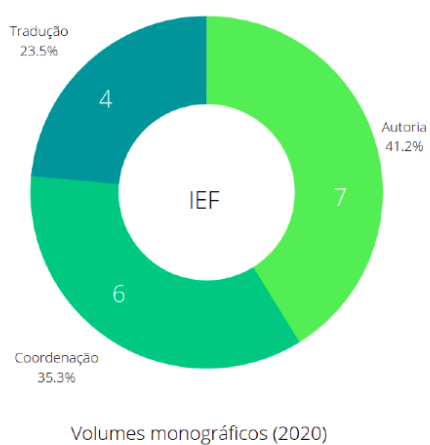
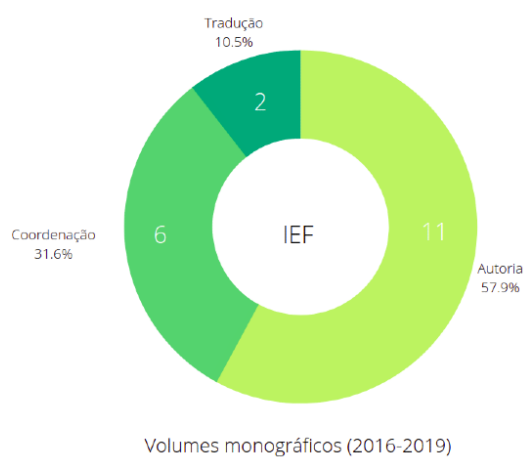
Na subpágina dedicada às publicações no contexto da página Web do IFILNOVA (<https://www.ifilnova.pt/pt/publications>), acedida pela última vez no dia 8 de abril de 2021, não se encontra registo de nenhuma monografia publicada em 2020. Estará o site desatualizado, ou terá a crise pandémica afetado a produtividade dos membros do IFILNOVA a um ponto tão preocupante? Seja como for, e como já tivemos oportunidade de dizer relativamente ao IF, nada disto é suficiente para desvalorizar o trabalho dos membros do IFILNOVA. Tirar conclusões seria algo muito precipitado; para além do mais, em ambos os casos—IF e IFILNOVA—a nossa aposta recai na seguinte hipótese: trata-se de uma falha de produtividade administrativa e não propriamente científica; quero dizer, a ambas as Unidades faltou fazer um esforço para que as páginas Web fossem atualizadas de maneira atempada para esta recolha de dados. Como é evidente, teria sido da maior utilidade para nós que tal esforço tivesse sido levado a cabo. Se assim tivesse sido, o exercício em seguida apresentado não teria assumido a forma de um benchmarking interno.

1.1.1.2: Gráficos

Com muita pena nossa, não será possível avançar com um benchmarking competitivo relativo às monografias, pelo que iremos limitar-nos a apresentar alguns gráficos relativos às produções monográficas do IEF durante *i)* o período 2016-2019 e *ii)* o ano de 2020, o que constituirá uma amostra de um benchmarking interno. Assim, este benchmarking dedicado à publicação de monografias acaba por não ser um benchmarking competitivo, mantendo-se o qualificativo *competitivo* para a secção deste nosso benchmarking dedicada à organização de eventos (cf. 1.2).

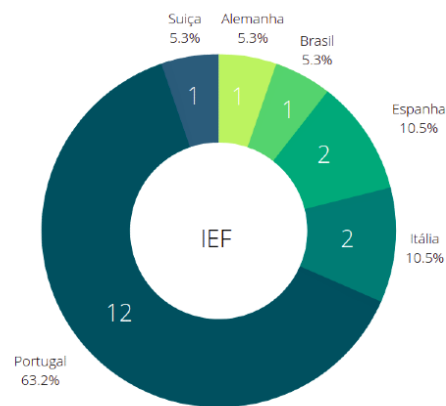
1.1.1.2.1: Autoria x Coordenação x Tradução

Antes de 2020 e em 2020, as monografias publicadas pelos membros do IEF não se limitaram aos trabalhos de coordenação e tradução de volumes, incluindo diversos títulos com assinatura autoral, como se pode depreender dos gráficos *infra*:

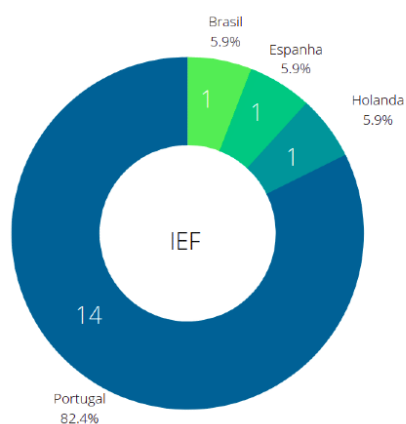


1.1.1.2.2: País de Publicação

Antes de 2020 e em 2020, as monografias publicadas pelos membros do IEF não se limitaram portar selos editoriais nacionais, mas também vários e reconhecidos selos estrangeiros, como se pode depreender dos gráficos *infra*:



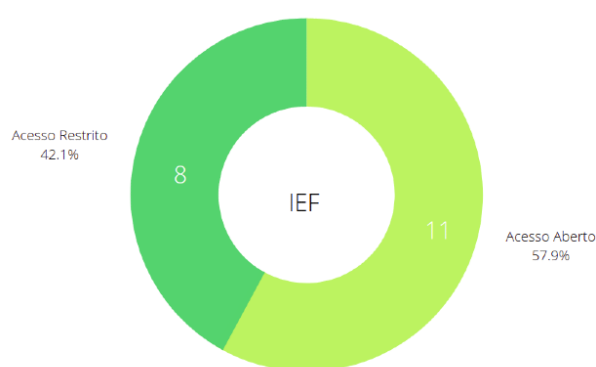
Volumes monográficos (2016-2019)



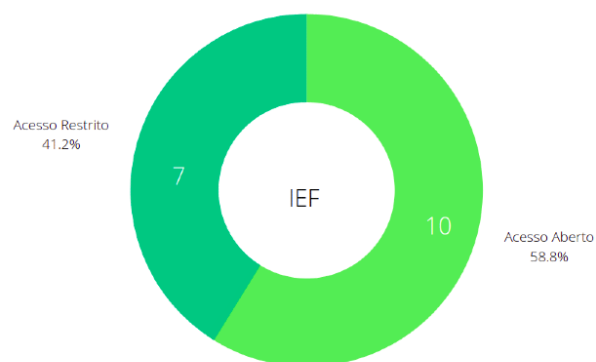
Volumes monográficos (2020)

1.1.1.2.3: Acesso Aberto x Restrito

Antes de 2020 e em 2020, os volumes monográficos publicadas pelos membros do IEF não se limitaram a constituir obras de acesso restrito, tendo muitas delas sido publicadas em acesso aberto na internet, como se pode depreender dos dois gráficos *infra*:



Volumes monográficos (2016-2019)



Volumes monográficos (2020)

1.1.1.3: Considerações

Nada senão muito pobres poderão ser as nossas considerações, no âmbito de um benchmarking competitivo, quando não há dados para comparar ao nível das monografias. Assim, o que aqui estamos conduzir é antes um benchmarking interno. Assim sendo, uma palavra há a dizer sobre as publicações e os números do IEF. Quanto aos títulos monográficos publicados desde o nascimento do IEF até ao final de 2019, esforço conjunto entre membros integrados e colaboradores, pode ser dito que giraram em torno de temas como a argumentação, o existencialismo, a comédia, a virtualidade, a arte e a política, o conhecimento e a ciência, a ética, o corpo, a mente, o tempo e a história da filosofia. Os títulos publicados pelos membros integrados e colaboradores do IEF ao longo do ano de 2020 giraram em torno de temas como a natureza humana, a metafísica, a história da filosofia, a crise pandémica, a sensibilidade, a matéria, a arte, a estética e a tecnologia. Antes de 2020, as monografias publicadas pelos membros do IEF não se limitaram à coordenação e tradução de volumes. Muito pelo contrário: os membros do IEF mostram um pendor autoral muitíssimo acentuado, o que dá sinal do empenho destas/es investigadores/as em manterem a sua posição de referência como parte do mais atual estado da arte (cf. 1.1.1.2.1). Dos 19 volumes publicados entre 2016 e o final de 2019, mais de 50% exibem pena autoral. Obviamente que os mais de 40% de trabalhos de tradução e coordenação também representam a voz—ou, pelo menos, o ritmo cardíaco—dos membros envolvidos, seja pelas opções na organização das obras, pelos textos compilados, pelas secções redigidas ou ainda pelas anotações nas traduções—e as demais opções próprias deste tipo de labor quando é feito com a seriedade que se exige no seio da comunidade académica—, índices e todo o restante aparato crítico. Houve, é verdade, uma baixa ao nível da produtividade, especialmente se formos a comparar os números do IEF nos seus primeiros quatro anos de atividade com os números de 2020, ano em que as monografias publicadas pelos membros do IEF tampouco se limitaram a trabalhos de tradução e coordenação de volumes coletivos. Aliás, os números do IEF em 2020 são surpreendentes: dezassete monografias publicadas, quase tantas como nos quatro anos precedentes. No período 2016-2019, os volumes de autoria distanciaram-se dos volumes traduzidos em mais de 45 pontos percentuais, enquanto que no ano de 2020 a distância é reduzida para menos de 20%. De modo semelhante, no que diz respeito à relação entre obras de autoria e de coordenação, a distância no primeiro período era superior a 25%, enquanto que no ano de 2020 a distância se encurtou para aproximadamente 6%. Tal como o número, a diversidade dos empreendimentos aumentou, o que significa que há um IEF mais casacudo; assim é, por exemplo, no que diz respeito às rede de colaboração, pois os volumes de coordenação, que passaram de seis em quatro anos para seis em apenas um, implicam o envolvimento de várias/os autoras/es. Não vale a pena estar sempre a dar a entender que os números do IEF em 2020 são de deixar cair o queixo. Atentemos agora aos gráficos relativos aos países de publicação (cf. 1.1.1.2.2). Entre 2016 e 2019, doze volumes foram publicados em território nacional; sete no

estrangeiro, nomeadamente na Alemanha, no Brasil, em Espanha—um título de Fernando Sadio Ramos vertido em dois volumes relativamente independentes—, na Itália (dois títulos) e na Suíça. Tendo em conta o período 2016-2019 em bloco, pode dizer-se que no ano de 2020 diminuiu o número de incidências da internacionalização do IEF no que diz respeito à publicação de monografias; pois, se as publicações em território nacional representavam, até ao final de 2019, quase dois terços dos resultados totais, já em 2020 esse número ultrapassa os quatro quintos. Contudo, estes números podem ser algo enganadores, pois num só ano, o de 2020, estamos perante três publicações no estrangeiro, enquanto que nos quatro anos precedentes, estamos perante seis publicações da mesma natureza. Ora, seis a dividir por quatro dá um e meio, o que quer dizer que o IEF duplicou o seu número de publicações internacionais em 2020 com relação à média anual dos quatro anos anteriores. A presença intercontinental, isto merece destaque, não foi afetada: o IEF continuou a publicar monografias sob selos sediados na América e na Europa. Mantiveram-se na Unidade as relações de publicação com o Brasil e com Espanha; se não foi dada continuidade imediata às relações estabelecidas em solo alemão e em terreno italiano, houve uma incidência nos Países Baixos, antiga Holanda, cuja continuidade apenas o futuro poderá pronunciar-se. Estes números podem sugerir que a publicação de monografias é um trabalho demasiado exigente para que os membros do IEF se dediquem a verter os seus discursos em língua estrangeira, favorecendo a publicação em solo nacional. Contudo, cautela é aqui aconselhável: vários dos títulos publicados em chão lusitano foram redigidos em língua estrangeira ou em múltiplas línguas, e ainda disponibilizados em acesso aberto e em linha para que possam ser acedidos e descarregados por qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, conquanto disponha de uma ligação à internet sem restrições de maior. Tal é o caso, por exemplo, dos textos publicados na coleção filosófica eQuodlibet. Continuaremos a aprofundar, já a seguir, a relativização do número de incidências em solo pátrio, pois—como já dissemos—muitos dos títulos foram publicados em linha, de forma gratuita e de fácil acesso. Iremos, portanto, atentar a esses números. O que vale a pena frisar agora, *por lo tanto*, é o quão impressionante é a constância do compromisso do IEF relativamente às políticas de acesso aberto, este que é um sistema editorial engendrado para tornar os resultados de investigação acessíveis ao público sem qualquer custo, facilitando assim a divulgação dos referidos resultados. Mais de 58% das trinta e seis monografias publicadas pelos membros do IEF nos últimos cinco anos foram disponibilizadas em acesso aberto. Assim é, pois mais de vinte monografias foram disponibilizadas abertamente desde 2016 até ao final de 2020; dez delas, aliás, datadas deste último ano (cf. 1.1.1.2.3). A diferença entre os períodos temporais é quase insignificante, não chegando a 1%. Pode, contudo, sublinhar-se o facto de que houve um aumento da percentagem de obras publicadas em acesso aberto no ano de 2020 com relação ao período 2016-2019, o que é um motivo de celebração para quem, como nós, acredita no valor do acesso aberto. O aumento foi inferior a um ponto percentual. Não obstante, só nos resta esperar que esta tendência se mantenha, e que o IEF vá continuando a crescer até que bata no teto dos 100%. Quando chegará o ano em que o IEF fará o

pleno a nível do acesso aberto no que diz respeito à publicação de monografias? Talvez isto não vá ser possível de um dia para o outro, mas o facto de que o IEF ainda não pode celebrar o pleno em matéria de acesso aberto não constitui qualquer ameaça, mas sim o curso natural das coisas. Uma mudança tão grande como a que é proposta pelo movimento do acesso aberto não acontece de rompante: vai-se implementando passo a passo, dia após dia, com boa fé e paciência. Acima de tudo, tal deve ser alcançado sem que se virem as costas abruptamente às raras casas editoriais que, apesar de se dedicarem ao negócio, sempre estiveram ao lado da/os investigadora/es e nela/es escolheram apostar, tantas vezes contra ventos e marés. Os números apresentados, relativos exclusivamente ao IEF, são muito convidativos. Temos que ter força para resistir à tentação de começar a acanhoar elogios ao IEF e ao seu claro florescimento. Convém, ainda assim, recordar que este breve estudo comparou o IEF de 2020 com o IEF do período anterior, desde a sua fundação. *Effectivement*, não era o propósito deste trabalho, mas tal permitiu apreciar o trajeto da Unidade. O nosso objetivo, sempre o assumimos, passava por fazer um benchmarking competitivo entre as três Unidades de I&D sob escrutínio, e não apenas traçar a evolução do IEF numa lógica auto-referente. Bom teria sido poder ter dado conta daquilo que até aqui nos trouxe: comparar o IEF a duas das melhores entre as melhores Unidades de I&D dedicadas, em Portugal, à Filosofia. Como já foi dito, das duas uma: ou as páginas Web do IF e do IFILNOVA estavam—pelo oitavo dia de abril de 2021; e no respeito aos dados referentes às monografias publicadas pelos membros durante o ano de 2020—desatualizadas, ou nada havia, pura e simplesmente, para lá ser introduzido. É de esperar que o IF e o IFILNOVA dêem vazão a esta necessidade, se acaso se verificar estar certa a nossa hipótese; quando o fizerem, alguém que venha a estar interessada/o em levar a bom porto o que da nossa pena não pôde sair poderá, com maior justiça que nós, fazê-lo. Os dados recolhidos neste estudo, apesar de tudo, não são inúteis. Serão, certamente, do maior préstimo para futuras investigações que poderão atualizar este trabalho e colmatar as suas falhas. Caso a falta de dados nas subpáginas dedicadas às publicações nas páginas Web oficiais do IF e do IFILNOVA se deva ao facto de que nenhuma monografia, para além da obra coordenada por Sofia Miguens, foi publicada pelos membros dessas duas Unidades de I&D durante o ano de 2020, então teremos que nos contentar com dois significativos números: o zero (IFILNOVA) e o um (IF); e até prova em contrário, a conclusão de um benchmarking competitivo como o que tínhamos esperança de ter levado a cabo aqui seria a seguinte: os membros do IEF publicaram significativamente mais monografias do que os membros do IF e do IFILNOVA. Infelizmente, não foi ao nível das monografias publicadas em 2020 que fomos capazes de aprender com os melhores, que deviam servir de bom exemplo para jovens Unidades como o IEF. Isto é verdade, claro, se não se verificar que a lição a tirar é a que se segue: respirar fundo e dedicar-se a um trabalho de fôlego é uma perda de tempo. Se assim for, então o IEF teve uma péssima prestação; e mais: dizer que a Unidade tem vindo a piorar não será mujimbar, mas relatar um facto.

1.2: Organização de Eventos

Todas atividades do IEF despontam na base de consensos ocasionais entre os seus membros quanto a métodos e programas, resultantes de uma recepção crítica do testamento legado pelas mais significativas correntes da tradição filosófica europeia, como sejam a ontologia, a metafísica, a estética, a política, a lógica, a argumentação, a hermenêutica e a antropologia filosófica. Entre 2016 e 2019, o IEF estimulou a integração de numerosas atividades com o intuito de promover a excelência e a integridade na investigação, tal como a interação com o grande público. Segue-se uma listagem corrida, em nada exaustiva, das atividades o- ou coorganizadas no período agora (*supra*) referido. Limitar-nos-emos ao que nos parece terem sido as atividades de maior relevância: em maio de 2016, o IEF patrocinou o “Vº Colóquio Internacional de Pós-Graduação em Filosofia”; em julho de 2017, o IEF organizou o encontro internacional “Pensar o Barroco em Portugal/ Thinking the Baroque in Portugal: Os fundamentos antropológicos e teóricos do pensamento jurídico e político em F. Suárez e na Segunda Escolástica: contexto e projecções. IVº Centenário da Morte de Francisco Suárez (1617-2017)”, em dezembro do mesmo ano, o IEF organizou o colóquio internacional “Like a Pebble in a Pond: the Alcibiades Maior”; em outubro de 2018, o IEF organizou a primeira edição do colóquio internacional “Roads to Care”; em julho de 2019, o IEF recebeu Leopoldo Prieto da Universidad Francisco de Vitoria na qualidade de *Visiting Scholar*; no mesmo mês, o IEF organizou a “Nicholas of Cusa International Philosophy Residence”; em outubro de 2019, coorganizou a oficina internacional “Bergson, Hoje”, mês no qual também coorganizou o colóquio internacional “Escola Ibérica da Paz: Direito Natural e Dignidade Humana (Séculos XVI-XVII)”; em novembro do mesmo ano, o IEF organizou o colóquio internacional “The Quantification of Bodies. Organism, Health and Representation: From Renaissance to Big Data”. Para além destes grandes marcos a nível da organização de eventos científicos, os membros do IEF também levaram a cabo uma série de atividades de extensão ao longo do período 2016-2019: em cada ano, o IEF organizou um conjunto de “Aulas Abertas”, ministradas por investigadora/es de topo, incluindo docentes universitária/os, mas também algumas ministradas por jovens em princípio de carreira; ao longo desses quatro férteis anos, os membros do IEF proporcionaram seminários permanentes centrados na tradução de textos filosóficos e religiosos tendo como língua-fonte o alemão, o dinamarquês, o grego, o hebraico e o latim; para além disso, a história da filosofia foi bem cuidada—quer na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, quer na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra—, pois os membros do IEF dedicaram-se, ao longo dos anos referidos, a ocasionar uma enxurrada de seminários abertos sobre Bergson, Cassirer, Châtelet, Chesterton, D’Epinay, Descartes, Diderot, Duns Escoto, Espinosa, Fichte, Fonseca, Heidegger, Kierkegaard, Langer, Leibniz, Pascal, Platão, Rousseau, Simondon, Suárez, von Uexküll e Whitehead. Para além do que foi dito, o IEF o- ou coorganizou atividades de sensibilização ou ‘de comunicação de ciência’, visando promover a cultura científica no seio de um rol diversificado de setores sociais,

para o que se avançou com publicações multimédia em linha, a ocasional abertura de oficinas e seminários pensados para satisfazer a procura de um público extra-universitário. É de destacar uma aventura à escala nacional, no coração do Ensino Secundário em Portugal: referimo-nos ao “Cientificamente Provável”, patrocinado pelo Ministério da Educação e que contou com a participação de António Manuel Martins. Alguns dos membros do IEF, nomeadamente Mário Santiago de Carvalho e Robert Junqueira, foram entrevistados em programas de rádio sobre a investigação que é levada a cabo no seio do IEF, nomeadamente sobre o projeto dedicado à tradição filosófica de Coimbra (cf. A.1.3).

1.2.1: Quantificação dos Eventos Organizados

Iremos agora observar—com algum detalhe e partindo para uma descomplicada leitura gráfica—as atividades organizadas ou coorganizadas pelas Unidades de I&D durante o ano sob escrutínio estatístico. Desta feita, o benchmarking poderá com justiça ostentar a designação de competitivo, pois as páginas Web das Unidades, a 8 de abril de 2021, pareciam estar atualizadas, pois já era possível aceder à lista de iniciativas de 2021. De qualquer forma, convém frisar que os dados sobre os quais vamos debruçar-nos foram recolhidos, sem exceção, durante a já referida fase de recolha de dados.

1.2.1.1: Títulos

1.2.1.1.1: IEF

O ano de 2020 ficou marcado pelo debute do IEF na organização de conferências em linha. Não sabemos se em sonho ou realidade, ouvimos alguém dizer que o ano de 2020, no IEF, foi de arromba. Curiosamente, os números estão de acordo com aquela voz: só entre os dias dezassete de abril e doze de junho, a Unidade acolheu nada mais nada menos que vinte e nove participantes de diversas áreas geográficas—Brasil, Costa Rica, Espanha, Estados Unidos da América, França, Itália, México, Portugal e Rússia—, que ministraram quarenta e cinco sessões em regime de vídeo aberto. No decorrer dos trabalhos, foram empregues quatro idiomas—espanhol, francês, inglês e português—para tratar de temas tão fundamentais quanto os direitos humanos, a filosofia do cuidado, as ciências, a tecnologia, o direito, a política, a história, a arte; e, como não poderia deixar de ser, os tópicos mais quentes de um ano atípico, como sejam a internet, a globalização e a ainda atual crise pandémica. Quase tudo isto e muito mais está disponível em acesso aberto no canal oficial do IEF na plataforma de vídeos Youtube (<https://www.youtube.com/channel/UCTMQFbcoZTzTqw7d5WPbHow>), mas também na página oficial da Unidade na badalada rede social californiana Facebook (<https://www.facebook.com/institutodeestudosfilosoficos>). Tendo em conta *i*) que o que foi

exposto acima não esgota o que se fez entre meados de abril e junho no seio do IEF, tal como *ii)* que não foi só nesses meses do ano que os membros da Unidade organizaram ou fizeram parte da organização de atividades científicas, iremos abaixo listar os eventos acima referidos e todos os demais que, no seio do IEF, foram o- ou coorganizados ao longo do ano de 2020:

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Arte, com Delfim Sardo, António Pedro Pita e João Maria André; no dia 14 de dezembro.

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Cidade, com José António Bandeirinha, André Barata e Diogo Ferrer; no dia 7 de dezembro.

FILARCH 2020: Philosophy and Architecture International Symposium, que decorreu nos dias 23-25 de novembro.

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Política, com Viriato Soromenho Marques, João Rodrigues e Bernardo Ferro; no dia 23 de novembro.

SPORTS, Theory vs. Praxis?, congresso internacional que decorreu nos dias 20-21 novembro.

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Saúde, com Manuel Silvério Marques, Pedro Simas, Joaquim Braga e Rui Gama, no dia 9 de novembro.

Sobre a "suspensão teleológica do Ético" e outros problemas III, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 20 de julho.

Multiplicidade qualitativa, multiplicidade quantitativa e "densificação" do não-eu (Fichte, Wissenschaftslehre nova methodo) III, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 17 de julho.

Multiplicidade qualitativa, multiplicidade quantitativa e "densificação" do não-eu (Fichte, Wissenschaftslehre nova methodo) II, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 17 de julho.

Sobre a "suspensão teleológica do Ético" e outros problemas II, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 15 de julho.

Multiplicidade qualitativa, multiplicidade quantitativa e "densificação" do não-eu (Fichte, Wissenschaftslehre nova methodo) I, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 14 de julho.

Sobre a "suspensão teleológica do Ético" e outros problemas I, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 14 de julho.

A situação da 'escola de Coimbra' na história da filosofia. Aquisições provisórias e pistas de investigação, com Mário Santiago de Carvalho; no dia 16 de junho.

Experiência editorial e interdisciplinaridade, com Pedro Duarte de Andrade; no dia 11 de junho.

O sentido da ciência, segundo dois comentários a Aristóteles da escola jesuíta de Coimbra e de Évora, século XVI, com Maria da Conceição Camps; no dia 10 de junho.

Les vertus aristotéliennes dans l'interprétation de Baldassare Castiglione, com Iuliia Nikitenko; no dia 9 de junho.

COVID 19. Uma chaga aberta no mundo contemporâneo: Crime ou castigo?, com Bruno Corsini; no dia 8 de junho.

O Animal Semiótico: a Humanidade e os Signos, com Robert Junqueira; no dia 8 de junho.

Sabedoria e Direção Espiritual em Henri Bergson, com Evaldo Sampaio; no dia 8 de junho.

Anotações sobre a atividade filosófica em Costa Rica, com Marlon Castro Gómez; no dia 7 de junho.

Direitos humanos e o sujeito da injustiça, com Bethânia Assy; no dia 5 de junho.

Príncipes, Anões, Bobos e Cães: a Pinacoteca de Felipe IV e a Consciência do Soberano, com Jorge Croce Rivera; no dia 2 de junho.

A natureza inumana e o vírus, com Pedro Duarte de Andrade; no dia 1 de junho.

Sabedoria e Direção Espiritual em Nietzsche, com Evaldo Sampaio; no dia 1 de junho.

Filosofia da Tecnologia, com Edgar Lyra; no dia 29 de maio.

O problema da percepção nos Elementos de Ética de Hiérocles, com Tomaz Fidalgo; no dia 28 de maio.

A última fase do pensamento de José Marinho: da Assunção do Nada à Liberdade Divina (1960-75), com Jorge Croce Rivera; no dia 26 de maio.

A Filosofia Moderna como um modo de vida: Sabedoria e Direção Espiritual, com Evaldo Sampaio; no dia 25 de maio.

Retórica e Interdisciplinaridade, com Edgar Lyra; no dia 22 de maio.

Prologenvity Literature in Late Renaissance Italy, com Laura Madella; no dia 21 de maio.

Perspectivas sobre a "xideologia": Confucianismo e pós-marxismo no atual regime político chinês, com Mendo Castro Henriques; no dia 20 de maio.

A gênese de Teoria do Ser e da Verdade (1961) de José Marinho, com Jorge Croce Rivera; no dia 19 de maio.

Entre a Ciência e a Crença: O Papel do Oráculo de Delfos sobre o Inevitável, com Gilmar Kruchinski Junior; no dia 18 de maio.

Sobre a peculiar "aritmética da alteridade": Pirandello, Uno, Nessuno, Centomilla IV, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho; no dia 16 de maio.

Franz Joseph Gall's Phrenology and his controversy with Henrik Steffens, com Pier Francesco Corvino; no dia 15 de maio.

Uriel da Costa na História do Averroísmo português (séculos XIV-XVII), com Emanuele Landi; no dia 14 de maio.

Hiérocles e o cuidado de si, com Tomaz Fidalgo; no dia 14 de maio.

L' "oblivione delle cose". Le rôle de la mémoire dans les Discours de Machiavel, com Michele Merlicco; no dia 12 de maio.

Existential Humanism: Processing the Fragility of Life, com Hugh Taft-Morales; no dia 11 de maio.

The pursuit of truth in the company of friends, com Andrew Orleans; no dia 8 de maio.

XVI SIEMAI – Simpósio Internacional Educação Música Artes Interculturais, XI Encontro de Primavera e VI Simpósio DEDiCA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES Educación y Patrimonio, que decorreu nos dias 6-8 de maio.

Os jesuítas e as ciências naturais em Portugal (1858–1910), com Francisco Malta Romeiras; no dia 5 de maio.

A visão cosmopolita dos Estóicos e o novo normal, com Mendo Castro Henriques; no dia 4 de maio.

A filosofia moral e jurídica de João Luis Vives (1492-1540), com Jeferson da Costa Valadares, no dia 30 de abril.

A dimensão filosófica da descoberta do Novo Mundo, com Danilo Marcondes de Souza Filho; no dia 29 de abril.

Éticas del cuidado y salud colectiva, com María Grace Salamanca González; no dia 29 de abril.

A filosofia dos direitos humanos de Francisco de Vitoria (ca. 1486-1546), com Jeferson da Costa Valadares; no dia 29 de abril.

Fake News: Conteúdo falso ou fenômeno social?, com Fernando Strongren; no dia 28 de abril.

Globalização e pandemia. Uma resposta a Ulrich Beck, com Mendo Castro Henriques; no dia 27 de abril.

Éticas del cuidado e interculturalidad, com María Grace Salamanca González; no dia 27 de abril.

Sobre a peculiar "aritmética da alteridade": Pirandello, Uno, Nessuno, Centomilla III, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 24 de abril.

A retomada do ceticismo antigo no período moderno, com Danilo Marcondes de Souza Filho; no dia 24 de abril.

O horizonte político do conceito Totalitarismo em Hannah Arendt, com Marcela da Silva Uchôa; no dia 24 de abril.

Éticas del cuidado y teoría decolonial latinoamericana, com María Grace Salamanca González; no dia 23 de abril.

A teoria do Estado de Francisco de Vitoria (ca. 1486-1546), com Jeferson da Costa Valadares; no dia 23 de abril.

A Era da Pós-Verdade: uma era da Internet?, com Fernando Strongren; no dia 22 de abril.

La Escuela de Salamanca, com María Martín Gómez; no dia 22 de abril.

Este outro planeta - o lugar da arte, com António Olaio; no dia 22 de abril.

Os Ensaios de Michel de Montaigne, com Danilo Marcondes de Souza Filho; no dia 20 de abril.

Sobre a peculiar "aritmética da alteridade": Pirandello, Uno, Nessuno, Centomilla II, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 17 de abril.

O pensamento iluminista de Ribeiro Sanches, com Fabiana Tamizari; no dia 17 de abril.

Sobre a peculiar "aritmética da alteridade": Pirandello, Uno, Nessuno, Centomilla I, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 3 de abril.

Jornada de apoio aos membros do IEF: criação e preenchimento do Currículo Científico Português CIÊNCIAVITAE, por Robert Martins Junqueira; no dia 6 de março.

Platão: Escalas III, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 6 de fevereiro.

Platão: Escalas II, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 5 de fevereiro.

Platão: Escalas I, oficina orientada por Mário Jorge de Carvalho no dia 4 de fevereiro.

Ética da Responsabilidade e Juízo Político em Hannah Arendt, com Bethânia Assy; no dia 20 de janeiro.

[Re]searching for Newer Music. Philosophical thoughts on the ontology of the musical work and more, com Margarida Neves; no dia 15 de janeiro.

1.2.1.1.2: IF

Os membros do IF dedicaram-se de forma ostensiva, ao longo do ano de 2020, à organização de eventos, conforme fica patente pela lista abaixo:

Oficina *Wittgenstein, Religion, and Cognitive Science*, no dia 15 de dezembro.

Seminário *Filosofia, Ética e Política*, com José Luís Gonçalves, no dia 14 de dezembro.

Apresentação do livro *Thomas Aquinas on Seeing God. The Beatific Vision in his Commentary on Peter Lombard's Sentences IV.49.2* (Marquette University Press, 2020), dirigida por Katja Krause e Patricia Calvário no dia 14 de dezembro.

Seminário aberto *Filosofia e Literatura: CLARICE LISPECTOR - 100 anos de existência*, no dia 10 de dezembro.

Book Symposium em torno de *Uma Leitura da Filosofia Contemporânea: Figuras e Movimentos (2019)*, de Sofia Miguens, no dia 4 de dezembro.

Webinário *THE LOGICAL ALIEN - The Bounds of Judgment 6*, no dia 4 de dezembro.

Conferência "Sim ou Não à História da Filosofia?" *A controversa relação da filosofia com a sua história*, de 27 de novembro a 2 de dezembro.

Pedro de Barcelos e a Crónica do Mouro Rasis, com Maria Joana Gomes, no dia 28 de novembro.

Seminário Aberto *RAUL LEAL: FILOSOFIA E LITERATURA | 1ª Sessão: Erotismo e Espiritualidade em Raul Leal*, no dia 26 de novembro.

Seminário *The Tables of the Arbores Significantes Beatitudinum Ordines in Lambert of Saint-Omer's Liber Floridus*, com Naís Virenque, no dia 26 de novembro.

Pedro de Barcelos e as Histórias Universais, com Mariana Leite, no dia 21 de novembro.

Webinário *THE LOGICAL ALIEN - The Bounds of Judgment 5*, no dia 20 de novembro.

Ironia e violência: o poder de modelar a cidade em Maquiavel e Tomás More, com José Meirinhos, no dia 20 de novembro.

A Presença da Nobreza na Reconquista. O Testemunho dos Livros de Linhagens, com José Augusto de Sottomayor-Pizarro, no dia 7 de novembro.

Webinário *THE LOGICAL ALIEN - The Bounds of Judgment 4*, no dia 6 de novembro.

La Figura Elementalis di Raimondo Lullo. Evoluzione Grafica e Funzionalità Gnoseologica, com Carla Compagno, no dia 28 de outubro.

Colóquio Internacional *O mito das origens, pontos de encontro entre filosofias europeias e africanas*, nos dias 27 e 28 de outubro.

Testemunhos sobre a Conquista das Beiras por Fernando Magno na Obra do Conde D. Pedro, com João Ferreira, no dia 24 de outubro.

Webinário *THE LOGICAL ALIEN - The Bounds of Judgment 3*, no dia 21 de outubro.

III Conferência Cabo-verdiana de Filosofia, Literatura e Educação, no dia 15 de outubro.

La razón creativa de las ciudades, com Francisco García García, no dia 12 de outubro.

Os Trovadores vistos pelo Conde D. Pedro, com José Carlos Ribeiro Miranda, no dia 10 de outubro.

Webinário *THE LOGICAL ALIEN - The Bounds of Judgment 2*, no dia 9 de outubro.

Webinário *THE LOGICAL ALIEN - The Bounds of Judgment 1*, no dia 25 de setembro.

Phenomenology, Perceptual Realism and Leibhaftigkeit, com Mattia Riccardi, no dia 31 de julho.

Ciclo "Sala de Estar, Sala de Ser": *Diálogos Filosófico-Culturais X - XI*, com Pedro Vistas e Egídia Souto, no dia 29 de julho.

Ciclo "Sala de Estar, Sala de Ser": *Diálogos Filosófico-Culturais IX - X*, com João Rebalde e Pedro Vistas, no dia 22 de julho.

Ciclo "Sala de Estar, Sala de Ser": *Diálogos Filosófico-Culturais VII - VIII*, com Rita Santos e Rodrigo Araújo; no dia 15 de julho.

What is wrong with Baldy? A radical non-referring view of "I", com Eylem Özaltun, no dia 10 de julho.

Não-violência: um combate agressivo pela igualdade, com Irandina Afonso; no dia 10 de julho.

Ciclo "Sala de Estar, Sala de Ser": Diálogos Filosófico-Culturais V - VI, com Luís Lóia e Hugo Calhim Cristóvão; no dia 8 de julho.

Squaring always the circle: Medieval Arabic Diagrams, their representations and implications, com Michel Kabalan, no dia 2 de julho.

Ciclo "Sala de Estar, Sala de Ser": Diálogos Filosófico-Culturais III - IV, com Hugo Monteiro, Luís G. Soto, Celeste Natário e Renato Epifânio, no dia 1 de julho.

With What The Force?, com Charles Travis, no dia 26 de junho.

Política e Street Art: a convocação ética do espaço público, com Ana Carina Vilares, no dia 18 de junho.

The City as a Normative Space: From polis to the radiant city, com Francisco C. González, no dia 15 de junho.

El sigillum aeternitatis de Heymerico de Campo, com María Cecilia Rusconi, no dia 9 de junho.

Teoría y crítica de la sociedad civil, com Domingo García-Marzá, no dia 19 de maio.

Naturaleza humana y percepción visual en Dante, com Augusto Nava Mora, no dia 18 de maio.

Seminário *A Grammar, Hinges, and Religious Belief – an alternative perspective from Gorazd Andrejč*, com Robert Vinten, no dia 13 de maio.

Seminário *Duncan Pritchard's 'Quasi Fideism' and the role of Hinge Commitments in Religion*, com Robert Vinten, no dia 6 de maio.

Seminário *Wittgenstein's On Certainty and Religious Belief*, com Robert Vinten, no dia 29 de abril.

Seminário *La Teoria Agostiniana Della Visione*, com Paulo Oliveira e Silva e Enrico Moro; no dia 23 de abril.

Is The Human Will A Free And Good Will? Saint Augustine's Answer, com Paulo Oliveira e Silva; no dia 22 de abril.

Seminário *Paradoxos ético-políticos do pensamento e percurso de vida de Agostinho da Silva*, com Renato Epifânio; no dia 22 de abril.

Há uma ética dos dados no mundo digital? -Os Paradoxos da privacidade e a disponibilidade imaginaria nas redes sociais-, com José Higuera; no dia 3 de março.

O Tempo e a Escrita em Pedro de Barcelos, com Maria do Rosário Ferreira; no dia 29 de fevereiro.

The Game of Moral Precepts, workshop about the Diálogo de Preceitos Morais (1540), of João de Barros, com Celeste Pedro; nos dias 27-28 de fevereiro.

Kant Reading Group | Sessão 8 | Discussão sobre "Designs À La Grecque", de Peter Kivy (in Antithetical Arts - On the Ancient Quarrel between Literature and Music, New York, Oxford University Press, 2009 [pp. 29-52]), com Tiago Sousa, no dia 21 de fevereiro [Esta leitura de um capítulo de Kivy no grupo que se dedica às leituras de Kant foi organizado em parceria com o IFILNOVA].

Initiating Workshop - Two Concepts of Capacities, ao longo dos dias 18-20 de fevereiro.

Direito à Cidade e Justiça Espacial, com João Ferrão, no dia 10 de fevereiro.

Encontro internacional *De intellectu: Greek, Arabic, Latin, and Hebrew Texts and Their Influence on Medieval Philosophy. A Tribute to Rafael Ramón Guerrero*, de 6 a 8 de fevereiro.

Colóquio Internacional *Parentesco, Aristocracia e Reprodução Social na Idade Média*, nos dias 3 e 4 de fevereiro.

Seminário *What's in that Face? Prediction and Emotion in Perception*, com Ophelia Deroy e Fernando Ferreira-Santos, no dia 3 de fevereiro.

Representações de Deus na lírica de Hilda Hilst, com Cleide Oliveira, no dia 7 de janeiro.

1.2.1.1.3: IFILNOVA

Os membros do IFILNOVA dedicaram-se, ao longo do ano de 2020, à o- ou coorganização de eventos, conforme fica patente pela lista abaixo:

Oficina Wittgenstein, Religion, and Cognitive Science, no dia 15 de dezembro.

A Reading of Wittgenstein's "On Certainty", curso de verão que decorreu entre 31 de agosto e 4 de setembro.

Representações Mitológicas do Além em Platão, curso de verão que decorreu de 24 de agosto a 3 de setembro.

Introdução ao Niilismo: Morte de Deus, Arte e Moral, curso de verão que decorreu entre 24 de agosto e 3 de setembro.

A Critical Reading of J.M. Coetzee's Oeuvre, curso de verão que decorreu de 8 de julho a 7 de agosto.

Teorias do Si, curso de verão que decorreu de 21 a 31 de julho.

A Conversão Filosófica: Abordagens à "Vida Outra" entre Foucault e a Utopia, curso de verão que decorreu entre 20 e 31 de julho.

Si Próprio, Vontade e Autoconstituição na Filosofia Alemã de Kant a Heidegger, curso de verão que decorreu de 20 a 31 de julho.

A Prática da Verdade em Nietzsche, Foucault e James, curso de verão que decorreu entre 20 e 30 de julho.

Filosofia do Cinema, curso de verão que decorreu de 14 a 28 de julho.

Exercícios Espirituais e Tecnologias do Si na Filosofia Antiga, curso de verão que decorreu entre 20 e 24 de julho.

Critical Theory for the Arts, curso de verão que decorreu de 13 a 17 de julho.

A Arte de Morrer: Perspetivas Filosóficas Sobre a Morte, curso de verão que decorreu de 6 a 17 de julho.

Mesa redonda pelo 20º aniversário do livro de Phil Cole "Philosophies of Exclusion": Liberalism & the philosophy of migration, no dia 17 de junho.

Kant Reading Group | Discussão sobre "Designs À La Grecque", de Peter Kivy (in Antithetical Arts - On the Ancient Quarrel between Literature and Music, New York, Oxford University Press, 2009 [pp. 29-52]), com Tiago Sousa, no dia 21 de fevereiro [Esta leitura de um capítulo de Kivy, no seio de um grupo que se dedica a ler Kant, foi organizado em parceria com o IF].

Apresentação do livro Phenomenological Approaches to Intersubjectivity and Values, com António de Castro Caeiro, no dia 21 de fevereiro.

Philosophy for Children and the Socratic tradition, com Florian Franken Figueiredo, no dia 14 de fevereiro.

Ethics and Political Theory Reading Group | Apresentação e discussão dos primeiros capítulos do Tratado Político de Espinosa (in Complete Works, editado por Michael Morgan, Hackett Publishing Company, 2002, capítulos 1-5), com L. Miguel Simões, no dia 12 de fevereiro.

Aula Inaugural do 2º Semestre 2019-20: Aristóteles no Nascimento da Tragédia, de F. Nietzsche, com Luisa Buarque, no dia 11 de fevereiro.

Lisbon Nietzsche Group | Seminário Nietzsche: Heidegger's Interpretation of Nietzsche, com Robert B. Pippin, no dia 20 de janeiro.

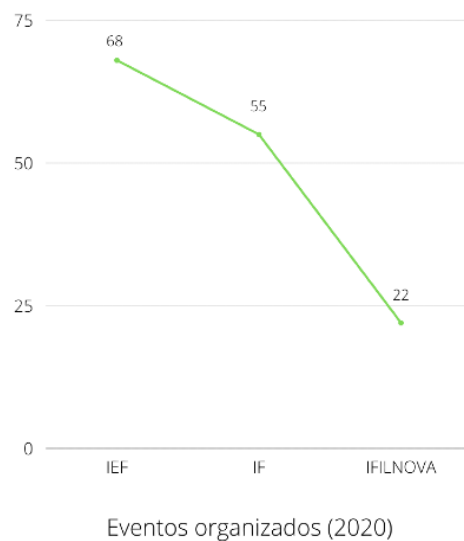
Kant Reading Group | Apresentação de "Freedom as the 'Keystone' to the Vault of Reason", de Dieter Henrich (in *Between Kant and Hegel - lectures on German Idealism, Harvard University Press, 2003, pp. 46-61*), com Sílvia Bento, no dia 17 de janeiro [terá esta apresentação sido organizada em parceria com o IF? Se sim, no dia 8 de abril ainda não tinha sido dado crédito à entidade parceira].

Scaling Up the Bayesian Brain, no dia 8 de janeiro.

1.2.1.2: Gráficos

1.2.1.2.1: Número de Eventos

O número de eventos organizados pelas três Unidades de I&D sob consideração no âmbito desta modesta amostra de benchmarking competitivo pode ser observado abaixo, num gráfico de linhas que facilita uma mirada comparativa:



1.2.1.3: Considerações

A natureza dos eventos o- ou coorganizados pelas Unidades de I&D é muito diversa, mas uma comparação de pendor mais qualitativo não será aqui possível. Não obstante, serve a recolha de dados que aqui foi levada a cabo, com todas as suas limitações, para que tenhamos um olhar informado pelo brilho esplendoroso dos números. Para ganhar coragem e avançar com estas linhas, muito útil nos foi a distinção entre visão imperfeita e cegueira. Aquilo que se pode depreender da nossa recolha está a milhares de léguas de distância da perfeição, mas aquilo que aqui é dado a observar é diferente de nada. Se por acaso for preciso continuar a andar às apalpadelas, ainda assim dará para seguir algumas pistas com os olhos. Tal como no caso das monografias, em que o benchmarking competitivo passou a ser um benchmarking interno, o maior contributo deste nosso trabalho só pode passar pela compilação que se fez dos dados disponíveis em linha nas páginas Web oficiais das Unidades nos primeiros oito dias de abril de 2021, dados estes que podem ser úteis para mais complexas e completas apreciações no dia de amanhã. Foi tida em consideração a força dos números, o que nos permite ruminar sobre o facto de que o IFILNOVA parece ter sido a Unidade de I&D, entre as três que aqui se espera comparar, que mais sofreu com o avassalador impacto da crise pandémica no ano de 2020, pelo menos a nível da organização de eventos científicos. Os vinte e dois eventos científicos contabilizados sob o selo organizacional do IFILNOVA soam-nos, no que aos ecos de uma certa crueza dos números, a pouco, especialmente quando comparados com os cinquenta e cinco da safra dos membros do IF e os sessenta e oito do lado do IEF. Estas duas últimas Unidades de I&D apresentam números muito mais representativos, ultrapassando em bem mais do dobro—no caso da primeira das duas—e em pouco mais do triplo, no caso da primeira, os números do IFILNOVA. É verdade que estes números estão despojados de uma profunda análise qualitativa, e é também certo haver o risco de apresentarmos um registo incompleto por causa de falhas ou atrasos de cariz administrativo. Também é verdade que não estão estes números a ser confrontados com outras métricas, como sejam o número de publicações, o que poderia ser da maior importância para o efeito. Seria de esperar, por exemplo, que uma Unidade com um grande número de monografias publicadas viesse a apresentar um mais baixo número de eventos científicos organizados. O número de participações dos membros das Unidades em eventos levados a cabo sob selos organizacionais que não os da Unidade a que pertencem também poderia justificar a falta de tempo para levar a cabo a organização de eventos. Se—só para dar um exemplo concreto—os membros do IFILNOVA tiverem carregado o estandarte da Unidade em eventos científicos organizados sob selos distintos do desta um número de vezes largamente superior ao dos membros das outras Unidades aqui retratadas, talvez possa dizer-se ser normal ter-lhes sobrado pouca disponibilidade de agenda para as tão exigentes tarefas de retaguarda que tão bem caracterizam os esforços de organização de

eventos desta natureza. De qualquer forma, não se justifica encapotar uma palavra de apreço pelo trabalho que os membros do IF e do IEF levaram a cabo ao longo do ano de 2020. Se nos fosse permitido relaxar o tom formal e grave a que a seriedade destas matérias nos obriga a aderir, o mais perto do coração seria abrir os lábios para a voz que diz sorrindo que ambas estão de parabéns, pelo menos sob o prisma desta tão pobre e lhana leitura; a que aqui nos foi possível facultar.

1.3: O IEF pode melhorar?

1.3.1: Monografias Publicadas

Tendo em conta o intuito inicial deste estudo—isto é, levar a cabo o que antes designamos de benchmarking competitivo—, é muito difícil, no que diz respeito às monografias publicadas, dizer o que é que o IEF poderia fazer melhor. Assim é, pelo menos quando comparamos o IEF com o IF e o IFILNOVA no ano de 2020, tendo em conta os dados disponíveis nas páginas Web das Unidades até ao momento em que foi finda a fase de recolha de dados deste estudo, isto é, até à última badalada do oitavo dia de abril. O IEF está a dar cartas neste domínio, e por isso acabamos por olhar para o IEF em comparação consigo mesmo; ou, para sermos mais rigorosos, avançamos portanto com um benchmarking interno. Os membros do IEF, integrados ou colaboradores, têm editado, traduzido, e redigido monografias e capítulos de livros. Parte significativa das obras de 2020 são obras de autor/a, o que mostra que no IEF não falta quem tenha voz autoral. No ano de 2020, a produtividade do IEF disparou em flecha. É merecedor de menção o facto de que os membros do IEF têm sido capazes de liderar cada vez mais projetos de edição de obras coletivas, pois tal facto mostra o reconhecimento do valor dos membros do IEF por parte da comunidade científica mais vasta. Seria interessante saber mais sobre quem escreveu as secções das obras monográficas que os membros do IEF coordenaram; mas, infelizmente, não tivemos oportunidade para fazê-lo. Seja feita justiça no futuro, possa alguém aprofundar este nosso intento; e venha, então, à tona o devido reconhecimento daquilo que foi o trabalho de toda/os aquela/es que contribuíram com capítulos, apoio técnico e editorial, e outras formas de labor para que hoje possamos dizer que a tradição filosófica foi enriquecida e atualizada a partir das obras lideradas pelos membros do IEF, sendo o mesmo válido na certa medida para as traduções e títulos de assinatura autoral. Poderia dizer-se que o IEF deve juntar-se ao movimento pelo acesso aberto? Poderia, mas seria anacrónico, pois o IEF já o faz desde a sua fundação. Acesso aberto, no IEF, é tão natural como respirar. Esse é um passo essencial para que o IEF consiga divulgar eficientemente os resultados de investigação dos seus membros; assim é, e por isso foi dado

desde cedo, com mais de metade das monografias publicadas pelos membros desde que IEF há, a estarem disponíveis em linha de forma acessível e a custo zero para quem por elas se interessar. Nada disto quer dizer que o IEF não tenha que melhorar a sua capacidade de divulgar o trabalho dos seus membros, como poderá ser ouvido em anexo (cf. A.4.3), e seria certamente um bom sinal continuar a ver a percentagem de obras publicadas em acesso aberto a aumentar, idealmente até ao ponto de ficar debaixo do nariz dos 100%. Apesar da excelente prestação do IEF ao nível da publicação de monografias durante o ano de 2020, a Unidade deveria, sem dúvida, apontar as baterias rumo ao robustecimento do número de publicações sob selos editoriais internacionais de excelência, e também o de obras monográficas de cariz educativo e/ou voltadas não apenas para os pares, mas também para o chamado *grande público*.

1.3.2: Organização de Eventos

O IEF teve uma prestação impecável no benchmarking competitivo relativo à dimensão em epígrafe (cf. 1.2.1.3 *et supra*). Os laços entre instrução e indagação surgem na espinha dorsal do ensino superior. Por isso, implicando docentes e investigadora/es de diversos níveis de desenvolvimento profissional, bem como estudantes de licenciatura, mestranda/os e doutoranda/os—ademais de levar a cabo uma série de iniciativas abertas em benefício não só da comunidade académica mas também da sociedade no seu conjunto—o IEF tem explorado os cruzamentos entre a educação e a investigação. Não podemos furtar-nos de dizer que, apesar dos esforços empreendidos, estes elos merecem ser aprofundados, a par do compromisso da Unidade com os desafios que se apresentam às sociedades contemporâneas. Investindo em várias campanhas de comunicação destinadas a promover o património filosófico acessível nos lugares da memória de Coimbra, mas também os valores inerentes às práticas de caridade e solidariedade que o cuidado sempre importa—e que ademais são determinantes para que se estabeleçam relações humanas construtivas em qualquer tempo e geografia—, o IEF tem assumido um papel ativo na defesa da inclusividade e da paz no mundo. As asas do IEF abrem-se sobre tais valores para ajudar a selar a aliança do nosso tempo com um futuro que se espera ser legatário de um crescimento social sustentável e duradouro, tal como para que seja observável uma realidade em que o acesso universal à justiça esteja—pelo menos mais perto de ser—plenamente garantido. Nesta Unidade, aspira-se por um amanhã em que tenha sido positivada a capacidade que as organizações manifestam ter para se tornarem eficazes, credíveis, competentes, responsáveis e inclusivas sob todos os ângulos. A pergunta pode até ser ingénuas: fez o IEF o suficiente? Ora, se fossemos a dizer que sim, objetivos como o Objectivo de Desenvolvimento Sustentável nº. 16 das Nações Unidas (ODS 16 da ONU) deixariam de fazer qualquer sentido. É verdadeiramente

uma lástima; mas, por muito que se faça... continua tudo por fazer; isto é o que diria Bernardo, a pensadora (cf. 1.4). Por isso, haja pulso e fôlego. Deve o IEF perseverar na senda que o diferencia? Sim. O que isto quer dizer é que o IEF deve: *i)* propiciar ainda mais seminários regulares e abertos acerca de *i.i)* como traduzir—inclusivamente prestando atenção às mais modernas ferramentas tecnológicas de apoio à tradução—textos filosóficos e religiosos, dedicando-se assim também à mediação linguística, que é uma possível solução para alguns dos desafios sociais que interpelam a todos os seres pensantes na multiplicidade de idiomas e conjunturas da época presente, *i.ii)* estratégias filosóficas de cariz menos historiográfico e mais sistemático que sejam susceptíveis de incentivar uma atitude responsável por parte de indivíduos, grupos e organizações, atendendo ao apelo presentemente manifestado pela ONU na forma de ODS 16, que não só visa estimular a sustentação do primado do direito como também concorrer para que relações humanas pautadas pela paz, a inclusão social e por um crescimento sustentável à escala planetária sejam estabelecidas; *ii)* ter um maior envolvimento na produção e divulgação de conteúdos multimédia, rumo a uma União Europeia mais digital, uma vez que tal ajudará *ii.i)* a garantir uma oferta pedagógica integradora, equitativa e de elevada qualidade, bem como *ii.ii)* à implementação de mecanismos adequados à aprendizagem ao longo da vida para a generalidade das pessoas, qualquer que seja a sua cidadania, género, pertença étnica ou condição de desvantagem psíquica ou fisiológica. Tudo isto—especialmente do ponto *ii* em diante—permitirá que a Unidade contribua umbilicalmente, no domínio do ODS 4, para a agenda das Nações Unidas. Estas sugestões resultam em primeiro lugar duma sensibilidade apurada ao longo de salutares experiências vividas ao longo desta Residência Institucional, e não apenas do benchmarking competitivo acima apresentado, elementar exercício de recolha e quantificação que só nos veio confirmar o valor da hipótese de que o melhor a fazer não é senão continuar a aprofundar aquilo que o IEF já é, ao invés de procurar que sejam empreendidas mudanças de fundo. Nestes momentos, apetece dizer: equipa que ganha não mexe.

1.4: Pistas para futuros estudos

É agora a hora de ir citando de memória o mais singular docente que tivemos a alegria de escutar em quase três décadas a saltitar de umas salas de aulas para as outras, Fernanda Bernardo: “fica sempre tudo por fazer”. Se tivéssemos que destacar algo em concreto, o que seria? Uma métrica há, pelo menos, que apesar de merecer destaque não nos foi possível explorar, e que se prende com o financiamento usufruído pelas Unidades ao longo do ano sob escrutínio. Isso permitiria, também, conjugar euros com resultados, e desse modo proceder a alguns enquadramentos mais ou menos objetivos, e sempre de algum valor estatístico, com relação ao trabalho desenvolvido em 2020 pelos membros do IEF, do IF e do IFILNOVA. Se calhar, foram atribuídos mundos e fundos ao IEF; se assim foi, então os números impressionantes da Unidade devem passar a ser vistos com

outros olhos. Se atentado tivéssemos ao financiamento atribuído às Unidades de I&D aqui examinadas, ter-nos-ia sido possível calcular, mesmo que de forma bastante inacabada, o que é que foi possível fazer, no contexto do IEF, do IF e do IFILNOVA, com esse financiamento. É bem possível que, se alguém vier a estudar esta matéria, os números ganhem outras conotações. Outra métrica importante para tecer considerações mais informadas ao comparar o IEF às duas maiores potências a investigar em Portugal na área da Filosofia—o IF e o IFILNOVA—, é o número de membros. Seria desejável ter tido em conta o número total de membros, tal como o número por categoria: as categorias de membro integrado e membro colaborador, designando desta forma também aquela/es que, no IFILNOVA, se distingue sob o signo de "membro associado". Teria sido de grande valor para este estudo conhecer o número de membros de cada Unidade no ano de 2020, pois isso permitiria lançar um outro olhar, mais avisado, sobre os demais números que foram tidos em conta *supra*, mas também novas possibilidades para o desenho de gráficos e a combinação de elementos no terreno da análise estatística. A estatística conjuga-se de várias formas, e aqui cobrimos apenas algumas, muito básicas. Não obstante, poderá o trabalho realizado já deixar às claras, mesmo para leitora/es menos atenta/os, qual é a situação presente em terreno de investigação sobre o trabalho desenvolvido pelo IEF, pelo IF e pelo IFILNOVA: está, vale a pena a repetição, tudo por fazer. O nosso trabalho foi em vão? Não, pois a estatística tende a valer a pena. Como disse o mais digno herdeiro da semiótica de Coimbra (sobre a relação entre Charles S. Peirce e Coimbra leia-se Junqueira 2020), no auge da maturidade, a estatística "trata-se certamente de uma forma de trabalhar da qual se pode esperar obter alguns resultados tangíveis (*certainly a way of working from which some definite results may be hoped for*)" (Peirce 1979 [1905], 228). Apesar da fragilidade deste nosso trabalho, esperamos que este estudo possa ter aberto novos horizontes que facilitem futuras e mais satisfatórias apreciações.

2: Breve Crónica do IEF

Não tinha que ser assim, mas acabou por ser: em 2016, foi fundado o IEF – Instituto de Estudos Filosóficos da FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Sem o IEF, não se poderia comprovar hoje a existência de uma Unidade de Investigação e Desenvolvimento inteiramente orientada para o estudo da filosofia na FLUC.

2.1: Antecedentes e Génese

2.1.1: Prelúdio

O IEF origina-se a partir da morte que o precede; a saber, a da Unidade de I&D LIF – Linguagem, Interpretação e Filosofia, que teve origem a partir de um projeto de investigação e desenvolvimento impulsionado por Miguel Baptista Pereira, com o título "Tradição e Crise", o qual resultou numa publicação homónima que acolheu trabalhos de Marina Ramos Themudo, Francisco Vieira Jordão, António Manuel Martins, Maria Manuela Cruzeiro Barata, Maria Luísa Portocarrero da Silva, João Maria André e António Pedro Pita. Entre 1994 e 1997, Miguel Baptista Pereira coordenou as atividades no âmbito da Unidade de I&D LIF. Entre 1994 e 1997—mesmo na coluna vertebral do processo ao longo do qual, entre 1992 e 1999, foi co-fundador e director da *Revista Filosófica de Coimbra*, atualmente nas mãos de Luís António Umbelino—, Miguel Baptista Pereira coordenou as actividades da LIF. A LIF durou aproximadamente duas décadas, tendo o seu coordenador mais recente sido António Manuel Martins. Por conseguinte, foi Martins quem enfrentou uma Unidade em que não se observou tal unidade, a qual ruiu ao ritmo do êxodo em massa dos seus membros para outras equipas e instituições.

2.1.2: Antecedentes: Entrevista com António Manuel Martins

No dia 22 de fevereiro de 2020, uma entrevista a António Manuel Martins, membro integrado do IEF, rendeu-nos uma perspetiva englobante sobre os antecedentes e a génese do IEF. "Sem entrar em grandes pormenores", disse Martins, "é bom lembrar que a Unidade de I&D IEF vem na continuação de uma Unidade de I&D que surgiu ainda no século passado, chamada Linguagem, Interpretação e Filosofia, cujo primeiro coordenador foi o Professor Miguel Baptista Pereira. Essa Unidade de I&D surgiu na sequência de uma iniciativa da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica por altura da intervenção política do Professor Mariano Gago. Na altura, foi aberto um concurso para que várias Unidades de I&D nos vários domínios do saber se pudessem candidatar a um financiamento de ciência e tecnologia. Aqui está precisamente o aspecto que criou algum equívoco: a associação semântica da ciência e da tecnologia, que aliás ainda se mantém no próprio nome da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Para os mais jovens, as coisas soam de outra forma. Mas voltando ao assunto, é bom recuar um bocadinho, sem ser preciso ir à pré-história ou à 1.^a República. Sem ir tão longe, vale a pena ir às décadas de

cinquenta e, sobretudo, sessenta do século passado. Este período é importante também para a filosofia. Porquê?! Porque havia já centros de investigação mais ou menos articulados. Havia já um Instituto de Estudos Filosóficos em Coimbra, mas veja que as coisas eram muito informais, muito diferentes daquilo que são agora. Os centros já usufruíam, pelo menos desde finais da década de cinquenta, de financiamento para a investigação, para a organização de atividades e para a publicação de matérias especializadas em várias áreas, designadamente na filosofia. Por conta da programação fomentada neste período, foram planeadas em Coimbra séries de 'cultura portuguesa' e de 'filosofia', onde foram publicadas algumas obras com o selo editorial do Instituto de Estudos Filosóficos. Foram publicadas, por exemplo, obras da autoria dos Professores Alexandre Fradique Morujão, José Maria da Cruz Pontes, José Sebastião da Silva Dias, Miguel Baptista Pereira e Vítor Matos, tal como a tradução do latim para o português das *Instituições Dialéticas* e da *Isagoge Filosófica* de Pedro da Fonseca, por parte do Professor Joaquim Ferreira Gomes. Todas estas obras apresentavam o selo editorial com a sigla do IEF, Instituto de Estudos Filosóficos". Assim, ficamos a saber sobre a antiguidade do nome do IEF. Contudo, António Manuel Martins insistiu num ponto que não deve ser ignorado: não é só a questão do nome; é que "(...) já na altura havia financiamento para a publicação. Estas coisas, no tempo do Marcelo Caetano, evoluíram". Aliás, disse-o mais precisamente Martins, as coisas melhoraram desde que "deixou de existir o Instituto de Alta Cultura e passou a existir o Instituto Nacional de Investigação Científica [1976]. Então, colocou-se o acento na investigação científica. Entretanto, nessa passagem, a filosofia e as pessoas ligadas à filosofia perderam um bocadinho o pé, pois deixaram de ter representação no Instituto Nacional de Investigação Científica, contrariamente ao que se passava no Instituto de Alta Cultura. Isto quer dizer que toda esta atividade editorial, esta série de publicações de que lhe falei antes [cf. *supra*], sofreu uma quebra. A partir da segunda metade da década de sessenta/setenta [imperceptível], há um hiato nas publicações filosóficas." Isto deveu-se, portanto, à falta de financiamento, seguramente em parte devido à falta de representação da filosofia junto dos centros de decisão. Mas não só de falta de financiamento padeceu a filosofia em Coimbra antes e depois da Revolução dos Cravos. Como disse António Manuel Martins, "houve um afastamento por parte de várias pessoas ligadas à filosofia (como por exemplo o Professor Silva Dias, uma das pessoas mais ativas na altura), que passaram a ficar associadas à História, mais particularmente à Teoria das Ideias. Outros colegas que estavam ligados à área da Psicologia e da Pedagogia também se emanciparam da filosofia, começando por conquistar uma certa independência com o surgimento de uma nova secção na Faculdade de Letras de Coimbra para depois se autonomizarem, com o estabelecimento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Por altura do 25 de abril, a filosofia voltou a encontrar dificuldades, entre outras coisas por conta do efeito das divisões já referidas e da morte intempestiva e fora do tempo do Professor Vítor Matos. Sem entrar em grandes pormenores, importa dizer que a filosofia se encontrava numa situação pouco satisfatória e sem acesso a um importante tipo de financiamento, ao

passo que outras áreas da casa continuaram a receber apoio, designadamente a História das Ideias e os Estudos Clássicos. Estes últimos foram responsáveis, com o patrocínio do Instituto Nacional de Investigação Científica, por pioneiras e excelentes traduções de Platão. As coisas assim continuaram: o Instituto Nacional de Investigação Científica continuava a financiar publicações e centros de investigação. Chegou a haver, em Coimbra, a sede de um Centro de Fenomenologia, mas não era financiado, e portanto não havia capacidade de agregação. O Instituto Nacional de Investigação Científica não era a única instituição a financiar a investigação, mas era a instituição de referência no que diz respeito a apoios ao nível do governo. As coisas continuaram assim até à década de noventa. Atenção: não foram dois nem meia dúzia de anos". Ainda no princípio dos anos noventa a situação da filosofia era miserável, mas começou a melhorar. Pouco depois, o Instituto Nacional de Investigação Científica desaparece. Como disse António Manuel Martins, o governo "eliminou-o pura e simplesmente; sem aviso prévio. A minha tese era uma das muitas que estava para ser publicada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica". Os decisores políticos, acrescentou Martins, "julgaram por bem acabar com o Instituto Nacional de Investigação Científica de uma penada. Então, entenderam ser preciso meter tudo nas mãos da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, cuja extinção daria origem, mais tarde, à Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Foi aí que as pessoas repararam que afinal o Instituto Nacional de Investigação Científica até dava alguns apoios, que não se limitavam à atribuição de algumas bolsas; também havia financiamento para uma série de publicações". António Manuel Martins, ao lembrar que as publicações eram financiadas, não quis desvalorizar a atribuição de bolsas. Como ele disse, "eu, por exemplo, estive um ano na Alemanha com uma bolsa de investigação do Instituto Nacional de Investigação Científica. Só que, para além de financiarem uma série de investigações através de bolsas, não apenas de longa duração, o Instituto Nacional de Investigação Científica também financiava publicações nas várias áreas, das físico-químicas às letras. O Instituto Nacional de Investigação Científica tinha uma certa representatividade das principais áreas da ciência, e também alguma representação territorial, pois não se limitava a acolher gente de Lisboa, do Porto e de Coimbra". Martins lembra as dificuldades sentidas pelas pessoas ligadas à filosofia em Coimbra. "Nós tínhamos muitas dificuldades. Como não tínhamos ligação a nenhum centro de investigação, não recebíamos financiamento. Houve quem tivesse usufruído de bolsas individuais de investigação do Instituto Nacional de Investigação Científica ou da Fundação Calouste Gulbenkian, por exemplo. Em termos coletivos, não havia nada". Em Coimbra, não havia um centro de investigação ativo dedicado à filosofia. Mas porque não se avançou com a criação de um centro? "Desde que entrei como Professor Assistente na Faculdade de Letras de Coimbra, nos anos setenta, nunca me chegou notícia de ter sido aberta a possibilidade de formar um centro de investigação no seio do Instituto Nacional de Investigação Científica. Foi só na sequência do trabalho desenvolvido, ao nível do governo, pelo Professor Mariano Gago que essa possibilidade surgiu no horizonte. Segundo António Manuel Martins, Mariano Gago

trouxe ao centro de decisão "(...) a novidade de uma opinião mais favorável não só sobre a filosofia, mas sobre as Artes e as Humanidades em geral. Foi então aberta a possibilidade de concorrer para o financiamento de Unidades de I&D". O Diretor da Secção de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra era, nesta altura, o Professor Miguel Baptista Pereira, e o Secretário o Professor Edmundo Balsemão Pires. Miguel Baptista Pereira tomou conhecimento do regulamento do concurso para o financiamento de Unidades de I&D, e pediu um parecer ao Professor António Manuel Martins: "Isto interessa para alguma coisa?". Apesar da "formatação científico-tecnológica", disse Martins, o concurso "(...) em teoria, estava aberto a todos os domínios e, portanto, também à filosofia, que tinha passado longas décadas sem financiamento. Não havia dinheiro suficiente, sequer, para comprar livros. Disse ao Professor Miguel Baptista Pereira que a oportunidade deveria ser aproveitada". Miguel Baptista Pereira concordou com a leitura de Martins, instando-o a meter mãos à obra para a elaboração de uma candidatura. Foi numa troca de ideias no âmbito de uma das várias reuniões de trabalho que foram organizadas para a preparação da candidatura que surgiu a designação da Unidade: Linguagem, Interpretação e Filosofia. De acordo com António Manuel Martins, Miguel Baptista Pereira lançou a proposta, pretendendo "juntar numa designação aquilo que eram os múltiplos e variados interesses filosóficos de todas as pessoas que estavam, na altura, na Secção de Filosofia, que era em 1994 muito mais numerosa do que é agora". Assim foi: surgiu a LIF, pois a candidatura foi bem sucedida. Em parte, parece ter sido vantajosa a anterior "penúria" a que esteve sujeita a investigação filosófica em Coimbra. Uma vez que a filosofia em Coimbra não formara, até então, um centro de investigação, também não estava contaminada pelos hábitos e vícios da "burocracia antiga dos centros de investigação". Este aspecto, lembra ainda Martins, "trata-se de uma curiosidade tópica para se perceber um dado que intriga muita gente: porque é que a Unidade de I&D Linguagem Interpretação e Filosofia era a número 10 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia?" Em Coimbra, não foi preciso 'fazer obras de fundo na casa', mas sim conceber a Unidade. António Manuel Martins continua, dizendo que a filosofia em Coimbra não era prisioneira da burocracia do Instituto Nacional de Investigação Científica, e por isso foi possível responder "às alíneas daquele formato que nos apresentaram da forma mais direta possível". Martins continuou: "Muitos saíram prejudicados pelo *background* burocrático do Instituto Nacional de Investigação Científica, pois interpretaram as novas diretivas de forma a adequá-las à realidade dos centros de investigação antigos. Assim dá para entender porque é que muitas das propostas que foram enviadas, não só nas áreas das Humanidades, foram rejeitadas, mesmo que não totalmente, mas foi-lhes pedido que reformulassem. A formulação que apresentamos foi imediatamente aceite, e tal não se deveu a um projeto científico revolucionário, mas tão só à forma de abordar a candidatura". Há que responder, disse Martins, "taco a taco" às exigências dos concursos. Como António Manuel Martins acrescentou, nada numa candidatura é pouco importante, a começar pelo nome ou título que se escolhe. Sobre o nome, disse Martins que a filosofia em Coimbra cuidou de falar a língua dos financiadores:

"Unidade de I&D Linguagem, Interpretação e Filosofia". Assim, evitou-se o antigo "Centro de Investigação". A fundação da LIF, disse Martins, "foi muito importante para nós, pois começou a haver financiamento para investigação não só a nível individual, mas também coletivo. Não foi fácil: não tínhamos a experiência dos centros de investigação do Instituto Nacional de Investigação Científica, e isso refletiu-se nas avaliações feitas à Unidade". Este será, certamente, o reverso da mesma moeda que havia rendido o sucesso imediato da candidatura. Como disse António Manuel Martins, a filosofia em Coimbra estava então "a aprender do zero", e começou-se "com um programa de investigação muito voltado para o trabalho individual, pelo que a Unidade acabava por ser um somatório de projetos individuais que não tinham muito que ver uns com os outros, só que o Professor Miguel Baptista Pereira tinha o engenho e a arte de encontrar e construir uma unidade a partir daí. Mas as avaliações pegavam sempre por aí, pois diziam que tínhamos que encontrar um tema comum, um ponto de convergência". Tal ainda hoje é um problema apontado ao IEF, e portanto poderíamos suspeitar que se trata de uma herança da LIF. Será uma herança da LIF ou da própria investigação em filosofia? Talvez seja um enorme erro que o IEF, hoje em dia, se centre em temas tão agregadores como as Éticas do Cuidado e a Tradição Filosófica de Coimbra, pois se calhar não é possível que a investigação em filosofia adquira a mesma dimensão coletiva que tem noutras áreas do saber. Será?! António Manuel Martins discorda da nossa hipótese: "Eu acho que é possível, com um pouco de boa vontade, haver mais colaboração. Tem que haver, por parte das pessoas, disponibilidade para colaborar. Disponibilidade e entendimento. As pessoas não precisam de abdicar das suas atividades e projetos mais individuais, pois para além disso podem colaborar num projeto comum. Tem que haver, também, alguma disciplina. No LIF foi possível conjugar todos estes fatores por algum tempo, o que beneficiou a todos. Mas quando há pouca massa crítica, é complicado. Quando coordenei o LIF, foi muito difícil desenvolver trabalho de equipa, pois faltava massa crítica. Também foi muito difícil encontrar um ponto de convergência, pois os interesses dos membros divergiam muito". Assim sendo, parece que a colaboração se torna muito difícil, mesmo que se trate de projetos mais afetos à colaboração, como seja a coordenação de volumes coletivos. A falta de massa crítica—entendida aqui num sentido concordante com o emprego da expressão por Martins e Diogo Ferrer, como poderá aprofundar-se consultando A.4.1—, parece ter estado no cerne da ferida que se abriu na LIF durante os últimos anos da sua existência, pois houve uma numerosa saída de membros. Segundo disse António Manuel Martins, "(...) esse êxodo teve como base a falta de financiamento, que se devia muito à falta de disciplina. O trabalho de grupo e a obtenção de financiamento impõem determinadas regras e condicionantes, e muita gente não percebeu isso, e tiveram dificuldade em aderir ao esforço de unir as várias tendências (não facilmente conciliáveis) que havia no LIF em torno de uma proposta comum. Para além disso, outros tiveram a possibilidade de conseguir um lugar em outras Unidades, muitas vezes mais perto das suas casas, e o caminho que seguiram é perfeitamente compreensível. A questão da massa crítica é a mais complicada. É muito difícil

encontrar pessoas não só com vontade mas também com capacidade para integrar uma Unidade de I&D e trabalhar. Pessoas efetivamente disponíveis não há muitas". Foi dos destroços da LIF, crucificada durante a coordenação de António Manuel Martins, que surgiu o IEF, onde Martins é membro integrado, este que não mostra qualquer arrependimento ou sentimento de derrota, pois "(...) fez-se bastante coisa, criaram-se oportunidades para muitos investigadores mais jovens e outros menos jovens, e enriqueceu-se bastante a biblioteca da instituição, que estava muito desatualizada". Em Coimbra, a LIF era a única Unidade de I&D dedicada exclusivamente à investigação de fundo na área da filosofia.

2.1.3: Génese

Foi então, quando caiu a LIF, que se fez uma pergunta muito preocupante: a FLUC ficará desprovida por completo de uma Unidade de I&D especializada na área da filosofia? Não importa o quão perto isso tenha estado de acontecer, jamais poderia dar-se o caso, muito menos na cidade dos Conimbricenses, onde os oito volumes do Curso Jesuíta Aristotélico Conimbricense foram redigidos, e onde exerceram docência especialistas do mais alto calibre, como sejam Alexandre Fradique Morujão, Arnaldo de Miranda Barbosa, Augusto Alves dos Santos, Eduardo Lourenço de Faria, Gustavo de Fraga, Joaquim de Carvalho, José Maria da Cruz Pontes, Sílvio Mendes Lima e Tito Cardoso e Cunha. Havia, é certo, quem defendesse que "não havia pés para andar"; isto disse-nos Maria da Conceição Camps, membro fundador do IEF, que assegura que tais prognósticos se deviam ao facto de serem muito poucas as pessoas envolvidas no salvamento da investigação na área da filosofia em Coimbra. Claramente, podemos dizer, eram poucos mas bons, aqueles que, como Camps, estavam convictos de que seria de se ficar corrido de vergonha a FLUC não ter uma Unidade de I&D dedicada à filosofia. Com a queda da LIF, os poucos membros que não rumaram para outras partes, tiveram um papel fundamental. Foi precisamente nesse momento de refundação da Unidade que Joaquim Braga assumiu "um papel ativo", o seu "principal papel enquanto membro integrado". Segundo o filósofo português, foi quando caiu a LIF que ele se apercebeu "da urgência necessária da Unidade continuar e de haver uma tentativa de refundar a Unidade. Para que isso fosse viável, na altura, a melhor proposta que eu [Joaquim Braga] encontrei foi refundar a Unidade com outro nome, que quebrasse um bocadinho com aquilo que tinha acontecido no passado e que pudesse aproximar as pessoas, que fosse mais abrangente (pois o nome Linguagem, Interpretação e Filosofia tinha um cunho bastante hermenêutico). Na altura, para a Unidade ter um horizonte mais abrangente, eu fiz a proposta de se alterar o nome para um novo nome que fosse mais inclusivo, que não fosse tão temático e fosse mais geral. E surgiu esse nome [Instituto de Estudos Filosóficos] numa primeira reunião, a reunião de refundação da Unidade com aqueles membros que na altura se disponibilizaram, porque houve outros que nunca voltaram para a Unidade. Esse é um momento crucial, que nos traz até hoje: foi a refundação da Unidade, com outro nome e com outros membros colaboradores e integrados que,

com a refundação, surgiram". Graças a Braga, Camps e aos outros membros fundadores, a FLUC tornou-se, em 2016, no cenário oficial de uma nova oportunidade para a filosofia. António Manuel Martins, Fernando Sadio Ramos, João Maria André, Joaquim Braga, Maria da Conceição Camps, Mário Jorge de Carvalho e Nuno Ferro fundaram a Unidade e votaram no nome que produzimos agora mesmo como uma ausência, Mário Santiago de Carvalho, para que ele fosse o primeiro a capitanear a embarcação patrocinada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

3: Quadro FOFA

Em anexo (aditamento A) será possível escutar um coro a que denominamos 'Coro SWOT'. O acrónimo SWOT sintetiza as palavras que norteiam a análise de 'strengths' (i), 'weaknesses' (ii), 'opportunities' (iii) e 'threats' (iv), que traduzimos para português, nesta terceira secção, por FOFA: 'fraquezas' (ii), 'oportunidades' (iii), 'forças' (i) e 'ameaças' (iv). O coro referido consiste na harmonização das vozes de três dezenas de membros do IEF, que entrevistámos ao longo da Residência Institucional que levamos a cabo na Unidade. A escuta desse coro será útil para compreender de onde surgiram as fraquezas, as oportunidades, as forças e as ameaças que podem ler-se em seguida:

F
raquezas

Falta de espaços de trabalho
Excesso de formalidades

O
portunidades

Investigações e colaborações interdisciplinares
Intervenção na esfera pública
Éticas do cuidado
Mundo digital

F
orças

Formação
Área de Atuação
Tradição Filosófica de Coimbra
Internacionalização
Atividade Editorial
Língua Portuguesa
Membros

A
meaças

Massa crítica/Financiamento
Comunicação interna
Divulgação dos resultados

INSTITUTO DE ESTUDOS
IEF
ANÁLISE FOFA
FILOSÓFICOS

Considerações Finais

O IEF é atualmente a única Unidade de I&D na FLUC consagrada inteiramente à história da filosofia e ao tratamento sistemático das temáticas que lhe são caras. Uma questão passível de ser levantada desde logo é a de saber até que ponto faz o menor sentido fomentar esforços coletivos que apresentem semelhante carácter; outra é a de saber se as águas devem ou não ser separadas, no que diz respeito à filosofia propriamente dita e à sua história. Quanto à primeira, importa reconhecer que os mais destacados pensadores nas mais diversas geografias nunca poderiam ter estado suficientemente atentos às situações que mais os interpelaram, nem sequer ter sido capazes de as observar ou sentir suficientemente bem, sem a filosofia e a sua história como fonte de cultura. No que respeita à segunda, valerá a pena que matemos a sede com recurso ao copo que Marek Tamm (2019, 17) encheu de esperança na adega de Juri Lotman, e com o qual nos brindou ao introduzir o pensamento deste, que promoveu o valor dos esforços no sentido do estabelecimento de diálogos entre disciplinas que, sem se confundirem, se relacionam figadal ou intimamente. Poderá, neste mesmo sentido, ser afirmado, na esteira de Joseph Margolis (2010, xiv), que a história da filosofia sem filosofia é irrelevante, e a filosofia sem a história da filosofia é precária e discricionária. Como sugerido por Lewis Rambo (1993, 83), as abordagens interdisciplinares podem ser representativas de investigação de topo, ao providenciar descrições e explicações ricas e provocadoras dos seus objetos de estudo. Pode insistir-se, porventura, que tal estratégia é, do ponto de vista científico, insensata. No entanto, como disse Theodore Porter (1995, 12), a avaliação positiva do efeito que teve a divisão da comunidade científica em diversas instituições rigorosamente especializadas tem revelado um certo excesso, uma vez que tais instituições acabam por dedicar-se a redesenhar as suas próprias áreas por forma a açambarcá-las, desenvolvendo metodologias cujo alcance não é senão o de servir de instrumento para comunidades frágeis reagirem à vulnerabilidade da ciência perante pressões provenientes do exterior. Quanto a este assunto, como bem vimos ao longo desta Residência Institucional (cf. aditamento A), o IEF procura um meio termo, pois apesar de abraçar o espírito colaborativo e estar ciente da natureza constitutivamente relacional da diversidade das áreas do saber, continua a afirmar-se como uma Unidade de I&D inteiramente dedicada à filosofia, partindo fundamentalmente do terreno desta para dar de si à mais vasta comunidade científica e à sociedade do tempo presente e do futuro de um modo geral. Ouvimos algo relacionado, da parte de Maria da Conceição Camps, no passado dezoito de fevereiro de 2021. Nessa ocasião, a filósofa afiançou que, se "partimos" de grandes títulos da história da filosofia, é "para dialogar com o nosso século". Os membros do IEF distanciam-se para se abeirarem e aproximam-se para se alonginquarem. Disse-nos Fábio Serranito, especialista em filosofia antiga, no mesmo ano—mas já

no terceiro dia de março—que "o papel da filosofia" é um pouco como "o papel de Sócrates em Atenas"; isto é, "estar e não estar ao mesmo tempo" ou "estar simultaneamente dentro e fora". Isto, lembrou o pensador, deve ser assumido independentemente do "risco de para além de sermos ouvidos, sermos também ignorados", pois cabe à filosofia desbravar caminhos, dar à luz "novos modos de ver e pensar". Da nossa parte, saímos transformados desta feliz exposição às vozes, aos rostos e às ideias dos membros do IEF. Graças a este trabalho, foi-nos possível dizer, devagar, *adeus ao que era doce...* A Residência Institucional que neste segundo semestre do ano letivo 2020/2021 levamos a cabo no IEF tinha, desde o princípio, os dias contados. Permitiu-nos, ainda assim, ser uma mão na roda da Unidade e contribuir para que seja posto a descoberto um maior conhecimento sobre aquelas e aqueles que nos acolheram; isto é, os membros do IEF, individualmente e no seu conjunto. Na hora de virar a página, a melhor notícia que temos para partilhar é que seguimos caminho com um maior apreço pela Unidade, pela sua área de atuação, e pelas encruzilhadas entre os diversos departamentos científicos. Apreciar o IEF foi como toda a apreciação: passou por vários sentidos que se transformaram no tempo e derivaram sobretudo da interpretação que foi sendo dada à experiência; esta que, na variedade do seu trânsito, é condição de possibilidade da interpretação. Para interpretar a experiência, os filósofos fazem perguntas. Camps disse-o bem: "o que importa para a filosofia é saber fazer perguntas; procurar fazer boas perguntas e, idealmente, as perguntas certas". Pode até haver quem ache que na filosofia se vive de expedientes, como se fazer perguntas fosse sopa cozinhada de olhos fechados e que em apenas duas palhetadas fica no papo. Contudo, não é assim. Na moeda de um país hipotético chamado Filosofia, o lado da 'cara' poderia bem ser preenchido com a forma da coruja; já quanto ao da 'coroa', pergunto: não ficaria bem optar por um ponto de interrogação? Talvez não seja esta a/uma das pergunta/s certa/s para darmos fim a este nosso trabalho... mas qual é que há-de ser? Se fossemos confrontados com a afirmação de que saber fazer as perguntas certas, ou até boas perguntas, é coisa que se tira de letra, quiçá a pergunta certa a fazer passasse por um bom, velho e expressivo '*ai sim?!*'; isto, é claro, se é que não ficaria toda a gente mais bem servida com silêncio.

A: Anexo—Coro SWOT

Este coro servirá, como disse Gilmar Kruchinski Junior, "para que o Instituto de Estudos Filosóficos se possa compreender melhor, porque o Instituto não se consegue compreender sozinho; para se compreender, precisa das pessoas todas". As "pessoas todas" a que se refere o filósofo brasileiro de ascendência polaca são os membros todos do IEF. Infelizmente, este nosso trabalho é por demais parcial, pois não só nos vimos limitados quanto ao tempo, como não nos foi concedida uma entrevista por parte de todas essas pessoas, mas tão só uma parte, cujos nomes surgirão progressivamente no decorrer deste coro SWOT. Apesar de parcial, temos esperança de que este trabalho possa trazer à tona algo que verdadeiramente represente o IEF. Se assim não for, a incompetência é apenas de Robert Junqueira e de mais ninguém, pois todas as entrevistas foram muito enriquecedoras, só que Junqueira teve muitas dificuldades em gerir toda a matéria substancial que lhe foi doada pelos membros, e sabe antes de qualquer outra pessoa que muitas coisas de valor ficaram de fora neste coro.

A.1: Forças

Uma força é um aspecto positivo já aproveitado mas cujo valor não se esgotou. Regra geral, mantém ainda uma certa dimensão de oportunidade. Como disse Peter Drucker (2011 [1980], 61), "qualquer instituição precisa de pensar a respeito de quais são as suas forças (*Every institution needs to think through what its strengths are*)". O mesmo é verdade sobre as fraquezas, as oportunidades e as ameaças.

A.1.1: Formação

É líquido e certo: a formação é a grande força do IEF. Boa parte dos membros colaboradores do IEF encontra-se presentemente em processo de formação no seio da Unidade. Trata-se, é verdade, de uma pequena Unidade de I&D, pelo que se prevê ampliá-la por via da integração dos membros colaboradores que venham a defender as suas teses doutorais, como foi o caso de Catarina Rebelo em outubro de 2020, que defendeu a sua tese sobre terapia baseada em filosofia, rumo esse que seguiu na companhia de Paul Ricoeur, sob orientação de Maria Luísa Portocarrero; foi, também, o caso de Marcela da Silva Uchôa, que defendeu a sua tese de doutoramento sobre Hannah Arendt em dezembro do mesmo ano, sob orientação de António Manuel Martins. Não é possível encontrar palavras mais impactantes do que aquelas que são dedicadas à formação dos membros do IEF, pelo menos quando as pronuncia Mário Santiago de Carvalho. Foi esta a impressão

que ficou depois da curta entrevista que conduzimos com o coordenador científico do IEF a meio de dezembro de 2020, altura em que o IEF contava com quarenta e dois formandos (inc. Uchôa), o que deixa claro o enorme prestígio de António Manuel Martins, Diogo Ferrer (este que é apenas membro colaborador) Joaquim Braga, João Maria André, Mário Jorge de Carvalho, Mário Santiago de Carvalho, Maria Teresa Teixeira, Nuno Ferro e Simone Guidi. Desde 2016 que os membros do IEF têm vindo a orientar ou propôr teses vinculadas, *inter alia*, aos mundos do teatro, da literatura, da ação social, da política, da religião, dos sentimentos, da convivência, da moral e conduta humanas, da história das ideias científicas e filosóficas, da lógica, da polémica e da planificação e programação de atividades culturais. Todas estas atividades de outorgamento de títulos académicos foram, tal como são e continuarão a ser realizadas em avença com a legislação vigente nas distintas instituições de ensino superior onde estão afiliados os membros do IEF, sendo sempre exigido o ingresso formal nessas instituições por parte dos aspirantes aos diversos títulos. O IEF patrocina e promove uma diversa gama de programas de formação avançada, mais concretamente em matéria de estudos pós-graduados (Mestrados e Doutoramentos) e atividades de especialização científica (Pós-Doutoramentos). É verdade que a base estratégica do IEF se articula em torno da filosofia, mas isso não impediu o IEF de estimular atividades de formação e investigação inter- e multidisciplinares que abrem horizontes científicos susceptíveis de agregar valor às esferas de competência de todos os seus membros. E porque não só o perfil como também a vocação do IEF é dum mercado cariz internacional, a Unidade acolhe estudantes provenientes de outras geografias que estejam interessada/os em desenvolver ou intensificar o seu trabalho em consonância com o quadro científico das investigações propostas pelos membros do IEF. Assim, a Unidade abre as portas para quem quiser fazer da liberdade a sua casa, conquanto haja paciência à medida da disposição para trabalhar e aprender. À porta do IEF poderia estar um leiteiro a dizer "*festina lente*, não faça as coisas de repente". Como disse Mitsutake Ikeda, "Para ser cientista, filósofo, ou qualquer outra coisa, e ser competente, é preciso ter paciência". Ninguém nasce cientista e ninguém se torna cientista "só porque vai dormir a pensar nisso" e se levanta de manhã a pensar na mesma coisa. É preciso tempo, disse Ikeda, para que haja desenvolvimento pessoal; e "é preciso tempo para que se produzam resultados de investigação, como é preciso tempo para que um espaço de trabalho se torne cómodo", tal como é preciso tempo, Ikeda também o sabe, para que uma casa se torne um lar. É num espírito filosófico mas aberto a empreendimentos interdisciplinares que o IEF respalda e impulsiona programas de formação avançada e atividades de especialização científica. É verdade, já o temos dito, que os eixos estratégicos básicos do IEF se articulam em torno da filosofia. Contudo, também já o repetimos acima, o IEF estimula atividades de formação e investigação inter- e multidisciplinares, conquanto passíveis de aportar um horizonte científico susceptível de acrescentar valor às esferas de competência dos seus membros integrados. Como lembrou Margarida Neves, que realiza uma investigação doutoral no âmbito da "filosofia da performance musical", há no IEF "uma abertura" que

possibilita que os investigadores e as investigadoras se dediquem a assuntos que os interpelam profundamente. No caso dela, o tema do Doutoramento começou a formar-se desde o princípio do seu substancioso percurso académico, que começou na Universidade de Aveiro. A liberdade que o IEF favorece permitiu-lhe continuar a sua formação, de cariz profundamente interdisciplinar, e que passa por tentar estabelecer "a ligação" entre a especialização que tem a artista tem na área da música, "não apenas a nível teórico e contextual, mas também, e talvez sobretudo, a nível prático", e "o pensamento filosófico", que "tem muitas respostas para quem se disponha a ouvi-lo". Plenamente de acordo com Neves parece estar Catarina Rebelo, esta que se dedicou a uma investigação doutoral na qual explorou os cruzamentos entre as áreas da filosofia e da saúde. Além do mais, garantiu Rebelo, o facto de que "o Doutoramento em Filosofia em Coimbra não é escolarizado" torna a formação doutoral no IEF muito cativante, "pois os horizontes de investigação ficam abertos". Sem dúvida que isto é algo a favor do IEF, pois quem aspira a ser Doutor/a nem sempre se dá bem com os estreitos horizontes e a parca liberdade que proporcionam os programas doutorais tematicamente e/ou metodologicamente cerceados. Para além disso, é uma vantagem para quem estuda e trabalha, pois não lhe é exigida a presença nas salas de aula, podendo mais confortavelmente gerir a sua agenda. O que o IEF ainda não garante, e julgo eu que nem sequer é algo que esteja propriamente a ser equacionado, é uma formação desorientada, quero dizer, carente de orientação. Fábio Serranito, no passado dia 3 de março de 2021, disse-nos uma coisa bem no ponto sobre o assunto quando nos falava sobre "o papel das dificuldades" no "crescimento das pessoas". Falávamos sobre a formação, falávamos sobre o IEF. Um período de formação é um período de fôlego no crescimento de uma pessoa, lembrou o filósofo português, e é nas horas dos suores frios em cadeia e dos apertos duradouros no coração, os "quase naufrágios" de que Serranito falou, que "o papel dos orientadores é absolutamente fundamental". No contexto académico, quem orienta está para quem é orientada/o como se lê nas palavras que estão nesta linha. Quem orienta encaminha, quem orienta informa, dirige, e acima de tudo cuida, buscando inteirar-se; orienta-se a si mesma/o, porque reconhece o seu lugar perante e dispõe-se a dispor para outrem, quem orienta, e desse modo alcança o que para si há de melhor. Isto deu-nos a pensar o filósofo português, Fábio Serranito; e é uma prenda da vida. Se bem que o cuidado é algo cuja existência é bem retratada pela expressão 'andar de mãos dadas', nunca é demais dizer que há mãos para dar e doar na clareira da formação do IEF. Fábio Serranito, que orienta também—e que, para além disso, ainda ensina, sendo agora colega da sua coorientadora do Doutoramento, Elizabeth Pender, na *School of Languages, Cultures and Societies da University of Leeds*—, diz-se também "orientado pelo tema do cuidado", tema que "sempre me orientou na investigação no IEF" e lhe deu "as bases" para o trabalho que agora desenvolve. Não trataremos aqui de desenvolver o tema do cuidado, que tem um lugar reservado na arquitetura deste anexo (in A.3.3). Ainda assim, vale a pena mudar o tom e repetir a palavra 'cuidado', desta feita para dar voz à cautela que Tomaz Fidalgo manifestou quando nos disse que, apesar de ser precioso o "foco" do IEF na

"capacidade formativa", é preciso que isso não interfira com a "vocação para a publicação", pois considera o filósofo que ambas não são incompatíveis e que até se podem alimentar mutuamente, boa proporção essa que asseverou ser condição necessária para "conseguir financiamento", cuja falta é, como veremos, um autêntico veneno, capaz de corroer até a massa crítica; quero dizer, trata-se aqui de uma das ameaças ao bom funcionamento ou até mesmo à sobrevivência da Unidade. Mas atenção: se há quem não goste de posições assumidas, não leia o que vem a seguir: a formação está primeiro que tudo. Antes formar 20 filósofa/os com pouco financiamento do que formar só dois ou três, ostentar uma grande lista de publicações e ter muito dinheiro para pagar as taxas de processamento de artigos aqui e acolá ou para ir além-mar falar para uma plateia de 500 ou mais pessoas. O que é capaz de incomodar muita gente, é que a transformação no interior de quem forma e é sujeito a formação não se consegue medir. É, quer-nos parecer, o mesmo que ocorre quanto à qualidade das publicações; por isso, parece que tanto se insiste no que se pode medir que acaba por ser dada ingénuo primazia ao números. Mas se assim é, então corremos o risco de estar a gerar "uma publicação enorme" que "bem espremidinha", como disse Fidalgo, é igual a "nada". A única razão que nos parece ser capaz de justificar a primazia *no número* de publicações é que se está a salvaguardar a dignidade que ainda resta aos diplomas; pois, se se comesse a meter o acento *nos números* da formação, não faltaria por aí quem comesse a dar diplomas como se não houvesse amanhã; e isso, bem espremidinho, também não daria em nada. Uma última questão que se pode levantar é porque é que nós falamos em "formação" ao invés de "educação". Ora, a isto deu resposta Fernando Sadio Ramos, que nos disse que "educação é uma palavra que cobre um período cronológico muito específico, que vai até aos 17 anos e 364 dias". Segundo este filósofo, que recorre aqui ao pensamento de Hannah Arendt, só se pode educar "menores", pois quem "educa adultos" são "os totalitarismos". Assim, o IEF só educará se surgir algum menor na Unidade, o que não é impossível, mas até agora nunca sucedeu. No âmbito da formação no seio de uma Unidade de I&D muito mais pode ser feito—não obstante tratar-se esta da mais expressiva força do IEF—, inclusive explorar possíveis conexões com a intervenção na esfera pública (v. A.3.2), servindo aperitivos. Por estranho que possa parecer, há quem o faça com admirável sucesso. Tal é o caso de Darin McNabb, o *chef* de *La Fonda Filosófica*, uma iniciativa do âmbito da formação universitária que acabou por ter um enorme impacto, também, na esfera pública. Por forma a dar a conhecer o projeto de McNabb e tornar mais acessível aquilo que foi dito sobre servir aperitivos, disponibilizamos *infra* (suplemento B.2) um texto que redigimos para a disciplina de Cultura Científica e Comunicação de Ciência da Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciências e Tecnologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, ministrada por Ana Sanchez e António Granado.

A.1.2: Área de Atuação

O facto de o IEF ser uma Unidade de I&D unicamente dedicada à investigação filosófica é uma força a ter em conta. Isto fica patente no caso de Margarida Neves. Foi a fecundidade do fazer filosófico que a "cativou na filosofia" e a "afastou" de investigar sobre as perplexidades que a perturbavam "de uma perspectiva musicológica, ou mesmo de uma perspectiva artística". Como disse a filósofa coliponense, "há algo sobre as coisas, e naturalmente sobre a música, a que apenas a filosofia pode responder". Foi nesta área do ecossistema de ciência, tecnologia e inovação que, em Coimbra, Neves foi acolhida "de braços abertos", mesmo sendo a sua formação prévia "alheia à filosofia". É preciso notar mais uma coisa. Aqui, não identificamos uma força apenas porque o IEF é uma Unidade de I&D na área da filosofia, nem tampouco apenas por ser uma Unidade exclusivamente dedicada à investigação filosófica. Trata-se de algo mais: é que o IEF é uma Unidade de I&D que é (a própria Unidade é) filosófica. Isto pode parecer redundante, mas não é necessariamente assim: é que podia tratar-se de uma Unidade de I&D dedicada à área da filosofia, mas na qual esta última não pudesse ser encontrada. A filosofia é uma área abrangente. De acordo com Diogo Ferrer, quem escolhe o caminho da filosofia fá-lo "por gosto". No seu caso pessoal, este pensador optou pela filosofia por um profundo interesse, um "interesse por métodos que permitam abranger diversas áreas do conhecimento humano". A filosofia, assim, apresenta-se como um espaço de "resistência à setorialização excessiva que se faz às ciências". No IEF, como sugeriu Samuel Oliveira, há um grande incentivo para que desperte a/o filósofa/o dentro de cada qual, particularmente dos membros. Esse despertar não acontece de um dia para o outro, mas um dia qualquer acontece. No caso de Oliveira, o despertar foi acontecendo, mas poderia nunca ter acontecido, tanto mais que ele tinha optado pelo estudo das ciências naturais no Ensino Secundário. Ao que tudo indica, ter-se aventurado na filosofia foi a melhor coisa que ele poderia ter feito. Mas a filosofia da biblioteca, da vida e dos exemplos que o fascinaram não é a mesma que se encontra na maioria dos corredores da Academia, que às vezes parece tratar-se de um autêntico deserto filosófico, inabitável e sáfaro. Oliveira referiu-se ao IEF como "um Oásis" num sistema tendencialmente "antipático" para investigadora/es de "pendor filosófico". O filósofo também se referiu ao IEF, lembrando a sua experiência na Unidade ao longo da sua formação académica, como representando não apenas a própria filosofia, mas também "a Universidade" como ele "gostaria que ela fosse", não apenas por causa da excelência patente na investigação, mas também "do ponto de vista humano". Uma Unidade de I&D exclusivamente dedicada à filosofia é uma Unidade para investigadores do mesmo barro. No caso de Vasco Cardoso, que desde cedo percebeu que o seu lugar é nas humanidades, "o amor pela filosofia nasceu no

Secundário", muito graças a quem estava responsável pela docência da filosofia, que "dava a palavra aos alunos", mas acima de tudo "por influência do Simão Lucas Pires". Diria eu, na esperança de não estar a invadir seara alheia, que a ausência produzida nas razões apontadas por Cardoso passa pelo valor da própria filosofia, ou não se teria o filósofo português entregue à mesma como fez e discorrido sobre a mesma com semelhante afeto. Que hoje Cardoso se dedique à investigação na área da filosofia deve-se, também, à figura de Sócrates, que o atraiu "desde o princípio"; à obra de Kierkegaard; àquela que identifica como sendo "a essência argumentativa da filosofia", e acima de tudo o facto de que o ambiente filosófico é de tal modo que "o pensamento é valorizado"; aqui está a filosofia. Que uma Unidade de I&D seja exclusivamente dedicada à filosofia leva a que a exigência de excelência na progressiva especialização dos membros, especialmente aquela/es em processo de formação, faça muita gente a cair de costas. Contudo, ninguém pode dizer que a dedicação à filosofia até às raízes dos cabelos não estava no *script*. Para além do mais, se muitos se assustam, muitos agarram a filosofia com unhas e dentes e vão em frente. O caso de Cardoso é de fazer escola: "a exigência de qualidade no IEF", estou a dar-lhe a palavra, "não me assustou: motivou-me". A exigência de qualidade na Unidade deve-se ao facto de que, apesar das limitações que tem o IEF, este sempre procurou responder afirmativamente àquilo que uma Unidade de I&D deve ser, promovendo a colaboração e o espírito crítico. Como disse Diogo Ferrer, as Unidades "podem e devem ser lugares de encontro, debate" e proporcionar ferramentas para "a organização das comunidades especializadas". "No caso da filosofia", acrescentou Ferrer, as Unidades de I&D "são especialmente importantes", para "colmatar a tendência mais individual da investigação em filosofia". A voz de Diogo Ferrer sugere-nos também que não é justo limitar-se a louvar a intensa dedicação do IEF à investigação na área da filosofia, pois se se ganha "em aprofundamento das investigações filosóficas", também se perde algo "em possibilidades de trabalho interdisciplinar". Se há coisa que o IEF tem conseguido fazer, é manter o equilíbrio. Que não nos limitemos a louvar a intensa dedicação do IEF à filosofia não implica que não a louvemos. Como disse Iuliia Nikitenko, "Uma Unidade de Investigação dedicar-se exclusivamente à filosofia, ter esse campo de atuação (*field of action*) bem demarcado, é um aspeto muito positivo". Segundo a pensadora russa, se alguém invocar a interdisciplinaridade como um argumento contra a classificação desta característica do IEF como sendo uma força estaremos perante um desacerto, uma vez que "mesmo para contribuir para estudos interdisciplinares, é preciso fazê-lo com propriedade e profundidade. Uma Unidade de Investigação deve dedicar-se à sua área de trabalho, mas sem fechar-se, sem deixar de promover o envolvimento dos membros em esforços conjuntos com outras áreas do conhecimento". Se o que Nikitenko disse é verdade para todas as áreas, muito mais o é para a filosofia. Como nos disse ainda Maria da Conceição Camps, "a filosofia está muito bem colocada para dialogar com tudo o que é humano".

A.1.3: Tradição Filosófica de Coimbra

Desde 2019 que membros do IEF se dedicam a um projeto coletivo de investigação sobre a Tradição Filosófica de Coimbra. Tal projeto levou à criação de uma página Web permanentemente acessível à comunidade científica internacional. Trata-se da enciclopédia digital Conimbricenses.org. A enciclopédia foi fundada e é desenvolvida em próxima colaboração com especialistas de topo oriundos de vários países da Europa, da China e dos Estados Unidos da América, apresentando o mais atual estado da questão. Por isso, a Conimbricenses.org emerge como uma fonte mestra para quem se dedica à investigação sobre os aristotelismos e a *Idade Latina* da filosofia de um modo geral—incluindo no seu encontro com as culturas indígenas da América, as africanas, as orientais e as contemporâneas—, mas particularmente à sua estação tardia, fase em que já era possível encontrar aristotelismos prenhes de conotações neoplatónicas. Sobre a *Idade Latina*, incluindo sobre a recuperação do *corpus* platónico, veja-se a fenomenal história da filosofia de John Deely (2001, 159-484) e a secção A.4.1.2 deste anexo; já sobre a presença do neoplatonismo, no caso particular do Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense, informou-nos Iuliia Nikitenko (comunicação pessoal, 29 de março de 2021), ela que se prepara para começar um Doutoramento sobre o assunto em Coimbra, inspirada numa passagem de Maria da Conceição Camps (ver 2015, 818), esta que em 2020 passou de membro integrado do IEF para membro colaborador, tendo integrado o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; nada de grave: o seu nome continuará a reverberar no á-é-i-ó-u da Unidade. O surgimento do projeto do IEF dedicado à tradição filosófica de Coimbra era inevitável, tendo em conta o valor de tal tradição e o facto de que é em Coimbra que a Unidade está sediada. Neste âmbito, os membros do IEF têm encontrado oportunidades para lançar-se e colaborar em empreendimentos de tradução e de transição digital. Coimbra—ou melhor, "a rica história da filosofia em Coimbra [*the rich history of philosophy in Coimbra*]" (Esfeld et al. 2019, 15)—é a maior força do IEF. Trata-se de uma força cujo horizonte de oportunidades é imenso. Como disse João Carvalho, ele que recentemente terminou o seu Mestrado na Universidade de Otago, na Nova Zelândia, "Coimbra é o maior capital do IEF". Como continuou o filósofo, "Coimbra é onde o IEF pode capitalizar". A Universidade de Coimbra, o capital histórico e literário da cidade e da Universidade devem ser assumidos pelo IEF como sendo o seu património. Como disse Carvalho, "Suárez, os Conimbricenses... Quando cheguei à Nova Zelândia fiquei surpreendido por tanta gente conhecer Coimbra (...) por causa da escolástica tardia". Segundo o pensador português, "há cada vez mais interesse", a nível internacional, "pelos princípios da modernidade, e isso deve ser aproveitado pelo IEF". Segundo João Carvalho, o caminho seguro, que tem engrandecido e poderá continuar enriquecer a internacionalização dos membros do IEF, a captação de investigadora/es para colaborarem com as atividades da Unidade e o estabelecimento de parcerias com outras instituições passa precisamente por valer-se da tradição filosófica de Coimbra e do prestígio internacional da Universidade e dos nomes que por ela passaram. Fabiana Tamizari,

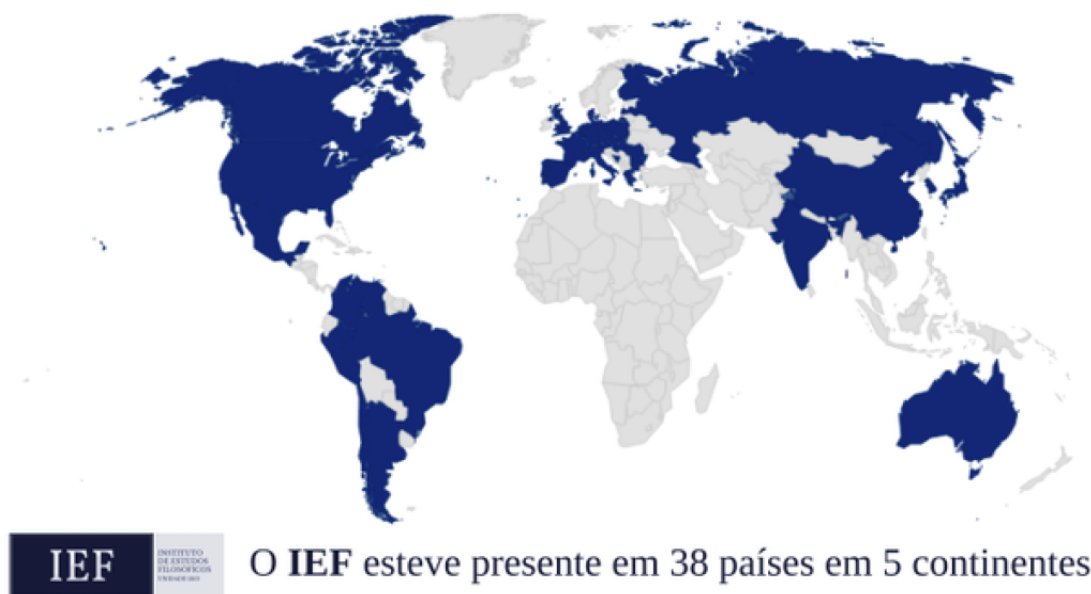
formada em história e em filosofia, é a prova viva daquilo que disse João Carvalho. A filósofa, formada no outro lado do Atlântico, dedica-se presentemente a uma investigação pós-doutoral no IEF sobre António Ribeiro Sanches, um pensador que passou por Coimbra no primeiro quarto do século XVIII e veio depois a tornar-se "um dos iniciadores" da chamada "medicina de campanha" no exercício das funções de topo que lhe foram atribuídas no Ministério da Defesa da Rússia, onde chegou em 1731 (cf. Milhazes 2011, 62-63). Segundo Tamizari, o IEF é "essencial" para os seus estudos sobre Ribeiro Sanches. Mas, diríamos nós, há muitas portas nas quais batemos por necessidade e que não se abrem. No IEF, pelo contrário, Tamizari diz ter-se sentido "recebida" com uma "abertura" que a deixou "perplexa". Segundo a pensadora, que não anda nisto há dois dias—já quando fazia a Licenciatura integrou dois grupos de investigação—, "é raro" encontrar "tanto apoio" como encontrou no IEF, onde já publicou textos breves e uma monografia, organizou seminários presenciais e ministrou, por convite, uma conferência via Zoom. Boa parte dos membros reconhecidos pela Unidade dedica-se a recuperar, ampliar e disseminar à escala global o património filosófico mais representativo da chamada 'escola de Coimbra'; isto é, o Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense, um conjunto de oito manuais inteiramente dedicados à filosofia, mormente à filosofia da natureza, pois, segundo os cálculos de Mário Santiago de Carvalho (2019), 73% das suas mais de 3000 páginas são dedicadas àquilo que, antes de Galileu, se chamava de física. Estes tratados, compostos para servir os docentes e alunos dos cursos de filosofia dos principais colégios da Companhia de Jesus, conheceram várias reedições, mormente na Alemanha e na França, e as suas cópias percorreram o globo desde o Atlântico até ao Brasil, passando pelos Urais e pela China. É verdade que sob o signo de Coimbra já se produziu filosofia do mais alto calibre, mesmo para além dos aristotelismos, mas foi esta tradição que mais deu nas vistas, podendo quase dizer-se que as várias edições do Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense valem o seu peso em ouro. Pode parecer que estamos a chutar demasiado alto; contudo, como lembrou Nikitenko, "é muito importante valorizar tamanho património, pois muitos dos grandes filósofos da modernidade [como Descartes, Leibniz, ou Marx] cresceram (*have grown*) a ler os manuais compostos em Coimbra". Nikitenko tem uma posição muito sensata, mas nem por isso tem o IEF um lugar garantido ao sol. Como disse Cristóvão Marinheiro, especialista em história do pensamento que é responsável por cuidar de um importante espólio na Biblioteca Nacional do Luxemburgo, "nem todo o aluno que está em Coimbra" se interessa pelo Curso Conimbricense, pois "é preciso o conhecimento do latim; é preciso também algum conhecimento de grego; e depois é preciso interessar-se pelo século XVII, o que também não é um século fácil". Como lembrou o pensador português de origem luxemburguesa, que é membro da Renaissance Society of America, as universidades têm especialistas em filosofia antiga, medieval, moderna... "mas os Conimbricenses" já não constituem "um campo de trabalho para os medievalistas, só que ainda não é um campo de trabalho para aquele que se ocupa de filosofia moderna", pelo que quem quiser dedicar-se a um tema como o da escola de Coimbra, que está "no limiar", encontrará dificuldades um pouco por toda a parte.

Apesar das dificuldades, o IEF tem investido na recuperação do legado filosófico coimbrão, particularmente do Curso de Coimbra, mas ainda assim está tudo por fazer, ou então não teria Rui Gabriel Caldeira afiançado que "falta mais foco" na investigação sobre o que de melhor há na "filosofia em Portugal". Isso, parece-nos evidente, só pode ser aprendendo a nadar para mergulhar de cabeça no mar da tradição filosófica de Coimbra. Talvez não fosse má ideia avançar com algo semelhante à *China Historical Christian Database*, mas centrado na/os filósofa/os que passaram por Coimbra e nas obras da/os mesma/os: uma *Coimbra Historical Philosophy Database*, ou algo semelhante nesta ou noutra língua. Para que se perceba ao que é que estamos a referir-nos, segue *infra* (suplemento B.3) o texto que redigimos para a disciplina de Conceitos e Práticas de Gestão de Inovação da Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, ministrada por Filipa Borrego e Sandra Aresta.

A.1.4: Internacionalização

Uma Unidade de I&D que queira construir sobre a rocha deve juntar os trapinhos com a internacionalização. A nível internacional, os membros do IEF têm sido convocados para ensinar, tal como para organizar, participar de e presidir a reuniões científicas, grupos de investigação, projetos e jurados académicos. Por tanto, não faz falta carregar nas tintas para dizer que os membros da Unidade têm aberto o peito aos cruzamentos entre *i)* as competências do IEF, *ii)* as dos conselhos científicos, comités de congressos e sociedades internacionais dedicadas à filosofia com as quais têm colaborado e *iii)* as publicações periódicas e coleções ou séries editoriais que procuram ou pelo menos não se abstêm por completo de aproveitar os contributos que as investigações filosóficas oferecem para o tratamento das cordas sensíveis dos temas que têm em pauta. Para além de tudo isto, membros do IEF têm orientado teses de Mestrado e de Doutoramento em instituições estrangeiras, tal como publicado em revistas científicas e sob selos editoriais de comprovada excelência. Nem mesmo o painel que avaliou a Unidade ficou indiferente ao fôlego internacional dos membros do IEF. De facto, pode ler-se na avaliação publicada pela FCT que os membros do IEF dão vazão às expectativas que se criam sobre uma Unidade de excelência em termos de interação com a comunidade internacional, ou mais precisamente que a Unidade tem "amplios contactos internacionais [*wide international contacts*]", sem deixar de ser verdade que o painel parece ter ficado de boca aberta com tanta informação para assimilar, pelo que bateram as asas e resolveram enfrentar o problema um tanto ou quanto aos trancos, sugerindo que não é fácil de pôr em pratos limpos "a política de internacionalização da Unidade [*the internationalization policy of the Unit*]" (Esfeld et al. 2019, 16). Não se pense que os ossos do ofício estão roídos apenas nas costas dos membros integrados, pois os membros colaboradores também têm arriado a carga e desempenhado um papel na linha da frente no que à projeção internacional da Unidade diz respeito. O caso de Margarida Neves é paradigmático: foi bolseira

Fulbright (2019-2020) na Universidade de Maryland, sob tutela de Jerrold Levinson, que surfa na crista da onda à escala global na área da filosofia da música. O projeto da filósofa portuguesa nos Estados Unidos da América foi levado a cabo a reboque da tese doutoral que Neves desenvolve na FLUC sob orientação de Mário Santiago de Carvalho e Jorge Salgado Correia, e se prende com as interfaces entre a filosofia e os modos de encarar a prática da interpretação da música escrita no cenário do que a filósofa denominou de "mais nova música", isto é, a música mais inovadora da arte contemporânea. A internacionalização do IEF influiu em mais e mais territórios, como se poderá depreender do mapa de países visitados pelos membros da Unidade, atualizado a 28 de abril de 2021 mas certamente com uma ou outra lacuna. Não temos, contudo, conhecimento de uma versão mais atual do que esta (*infra*) nem acesso a dados que permitam preencher outros territórios/países no mapa para além dos que surgem a azul na imagem, nomeadamente a Alemanha, a Argentina, a Austrália, a Áustria, a Bélgica, o Brasil, a Bósnia e Herzegovina, a Bulgária, Cabo Verde, Canadá, Chéquia, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Índia, Itália, Japão, Letónia, Luxemburgo, México, Países Baixos, Peru, Polónia, Portugal (na medida em que se têm também organizado atividades internacionais em solo português), Reino Unido, Roménia, Rússia, Suíça e Venezuela.



Como já foi dito acima, não se trata apenas de incidir em território estrangeiro por força do trabalho de membros sediados em Portugal: trata-se também de envolver as comunidades estrangeiras com o trabalho da Unidade e abrir-lhes portas para que se lhes desdobrem horizontes para se internacionalizarem em terras lusas, independentemente do facto de esses membros pertencerem a outras instituições de I&D ou se terem interessado em juntar os trapinhos com o IEF. As fileiras do IEF têm vindo a ser engrossadas por membros das mais diversas proveniências. O caso

de Nikitenko é digno de nota, e o que a pensadora nos afiançou na entrevista do passado dia 15 de abril de 2021 acerta aqui a escrita: "Para mim, que sou russa, é muito importante ter a oportunidade de fazer parte das dinâmicas da comunidade científica internacional. Ainda há muitas barreiras (*barriers*) que se levantam para quem está inserido no contexto linguístico russo. Mas não dá para ver que é do interesse, quer das Unidades quer de quem investiga, que se ultrapassem estas barreiras? É aos jovens que cabe tomar coragem para dar esses saltos. Imagino que seja do interesse de qualquer Unidade terem jovens investigadores com alguma experiência em outros círculos culturais e académicos, e até mesmo com formação em outras áreas, porque isso trará novas perspectivas e competências (*skills*)". É este precisamente o caso de Nikitenko, que começou a sua formação superior na área de Edição e Publicação de Livros, a continuou com um mestrado em Filologia, e agora a complementa com outro mestrado na área da filosofia, na qual pretende prosseguir estudos de Doutoramento, no âmbito dos quais pretende inscrever Coimbra no próximo lugar da lista das incidências geográficas da sua formação, que começou em Khabarovsk, no extremo oriente da Rússia, conheceu continuidade em São Petersburgo e depois em Paris. A internacionalização do IEF não se limita às incidências de membros portugueses em territórios estrangeiros, como já se viu, e o caso de Nikitenko não é caso único. Nas altas esferas da internacionalização—pois não apenas veio de fora para o IEF como também acumulou um currículo façanhoso neste âmbito—está Mitsutake Ikeda, que já conhece meio mundo e em meio mundo se diz que ele é da casa, por conta das inúmeras viagens do filósofo luso-americano de origem japonesa. Contudo, como lembrou Samuel Oliveira, "internacionalização" é uma coisa e "turismo" é outra. Vemo-nos, por isso, obrigados a desconsiderar as inúmeras viagens turísticas de Ikeda, por não caberem no trabalho que aqui se apresenta, e limitar-nos-emos a dar conta do seu percurso abreviadamente, com um excerto da longa carta de apresentação que o filósofo nos enviou para complementar a entrevista do passado dia 4 de março. Neste excerto, Ikeda fala-nos da sua experiência académica e de voluntariado: "Cresci num mosteiro nos sopés das montanhas do Monte Mikabo, na prefeitura de Gunma, dedicando-me amiúde ao estudo das doutrinas contidas no Sutra de Lótus. Sendo filho de um sacerdote da Nichiren-shu [o seu pai é também investigador e professor do ensino superior, dedicando-se ao tema do budismo na área da história], não podia senão ser continuamente interpelado pela fé, tal como estimulado no sentido de realizar um esforço para a interpretação dos textos sagrados [Ikeda fazia *book reviews* com o pai numa base regular, e desde pequeno participava ao seu lado em tertúlias e encontros voltados para a discussão de textos e a partilha de leituras]. Depois de ter concluído o liceu, dirigi-me para Patan, no Nepal, com a finalidade de realizar serviço de voluntariado. Em Patan, empenhei-me num projeto, ainda em fase inicial, que visava o estabelecimento de uma escola de língua, caligrafia e cultura neuari, cuja extinção constitui um verdadeiro e atual perigo. Durante a estadia no Nepal, com a idade de 20 anos, deparei-me com a dura realidade de uma comunidade cuja cultura tradicional se esvai perante a dominância de uma cultura alheia. Esta experiência despertou em mim a necessidade de procurar mais e novas

experiências e conhecimentos derivados do encontro com outras e diferentes culturas, tal como a procurar formas de interpretá-las. O que tem motivado todo o meu percurso académico, desde a minha especialização na área dos Estudos Internacionais, na Universidade da Califórnia em Berkeley (E.U.A.), não pode ser dissociado da experiência que tive no Nepal. Em 2006, realizei um estágio num abrigo para mulheres quéchuas em Cochabamba, na Bolívia, onde coordenei um programa pós-escolar para as crianças sob tutela das mulheres que residiam no abrigo. A experiência em Cochabamba não se limitou aos muros do abrigo, nem tampouco ao ensino de matérias básicas e à aplicação de metodologias estanques. Muito pelo contrário. Na Bolívia, comecei a dedicar-me ao esforço de tradução, vertendo letras de canções tradicionais quéchuas para línguas como o inglês e o japonês. Assim, as crianças puderam experimentar a alegria de ver a sua cultura valorizada, e eu pude testemunhar a alegria que a tradução possibilita. O tempo vivido no Nepal e na Bolívia animou o meu coração, e esse ânimo manifestou-se numa força renovada para prosseguir estudos. Decidi alimentar a minha paixão pelas línguas. Com a investigação científica no horizonte, sem objeto bem definido mas cheio de vontade, comecei, em 2014, o curso de língua e cultura portuguesa (Coimbra). No ano seguinte, fui admitido no programa de Mestrado em Tradução, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 2015, a dedicação a projetos de tradução e interpretação, que englobam o português, o inglês e o japonês, ocupou grande parte do meu tempo. Neste sentido, gostaria de destacar o estágio que levei a cabo no Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC), no âmbito do Mestrado. Ao longo do estágio traduzi, de português para japonês, o catálogo da Coleção Permanente do MNMC. Uma vez obtido o grau de Mestre, apostei na acumulação de experiências como tradutor e intérprete, empreendendo em vários projectos extracurriculares no seio do programa Erasmus. Tal sucedeu quando colaborei com o templo Renkoji em Piemonte, com os Amici della Natura em Florença, e com a Peace Pagoda de Londres. Tais experiências profissionais, mas acima de tudo de busca por conhecer o humano, dirigiram-me à disposição atual de vir a desenvolver um projeto de tradução das obras de Hirosuke Watanuki. Numas das entrevistas que conduzi com o mestre pintor Watanuki, este que viveu e produziu diversas obras em Portugal (anos 1950 e 60), acabámos por conversar sobre as relações luso-nipónicas. Os aspectos principais sobre os quais incidiu o nosso diálogo prendem-se com a insuficiência dos estudos existentes sobre as relações filosófico-culturais Portugal/Japão. Neste sentido, Watanuki referiu a importância do estudo sobre o papel do Confucionismo enquanto suporte para a recepção da ciência natural europeia no Japão, tal como sobre as várias dimensões em que o encontro entre duas civilizações nos proscênios da filosofia e da religião, durante o século cristão no Japão (1549-1650), produziram efeitos que possam ser, ainda hoje, sopesados. Articulando interesses, paixões, e experiências de vida acumuladas, procurei formalizar o tema para a minha nova fase de estudos. Tendo visitado alguns dos locais históricos das missões jesuítas na Ásia, especificamente Tamil Nadu, Malaca e Quioto, comecei a compreender o significado histórico dessas missões. Assim, começou a desenhar-se, em traços gerais, um tema inédito para

uma investigação doutoral. Com o intuito de investigar os entrelaçamentos luso-nipónicos que assumem um papel significativo ao longo da história das ideias, não é possível encontrar lugar mais adequado do que o IEF, tal como um programa que melhor se adequa do que o Doutoramento em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. [...] Ao realizar a minha formação doutoral no âmbito da Unidade de Investigação e Desenvolvimento IEF – Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, poderei dedicar-me à redação da minha dissertação, tal como de colaborar com os vários projetos dos membros desta Unidade de I&D. É minha intenção fruir ao máximo desta oportunidade, tanto mais que já fui aceite como membro colaborador. No âmbito da minha relação com o IEF, tenho já beneficiado de um seminário de introdução às estruturas básicas do latim ministrado, por via telemática, pelo professor Mário Jorge de Carvalho, o mesmo que me tem aconselhado na análise do texto latino do tratado “De sphaera”, de João de Sacrobosco. Este apoio na leitura e tradução da obra referida tem permitido que me prepare adequadamente para o propósito de identificar as obras dedicadas à Cosmologia Nanban. Tendo começado a elaboração de um projeto de investigação, consultei o professor Mário Santiago de Carvalho. Ele concedeu-me o seu apoio total ao nível das ideias e do acesso à literatura científica dedicada às relações filosófico-culturais Portugal/Japão. Partiu também deste professor a proposta, que eu aceitei, de vir a coordenar uma secção ‘Coimbra in Japan’ na Conimbricenses.org Encyclopedia, que dependerá dos resultados desta investigação para ser devidamente estruturada. Assim sendo, sinto-me verdadeiramente afortunado por ter a oportunidade de unir forças com a equipa que se dedica a mapear à escala global o conhecimento relativo à produção da escola de Coimbra e respetivo impacto". Internacionalização, no seio do IEF? Seja-nos ratificada a informalidade (cf. A.2.2), mas isso é o que não falta.

A.1.5: Atividade Editorial

A quantidade de monografias publicadas pelos membros do IEF desde 2016 até ao final de 2020 demonstra claramente três coisas: *i)* o quão bem se respondeu, em Coimbra, à queda da Unidade de I&D Linguagem, Interpretação e Filosofia, *ii)* o quanto o IEF cresceu desde a sua fundação, e *iii)* o facto de que as publicações do IEF não estão confinadas à atividade editorial própria da Unidade. Os membros do IEF têm vindo a publicar em Portugal e no resto do mundo, o que obviamente não se limita à redação, coordenação ou tradução de volumes monográficos, nem tampouco, como já dissemos, à atividade editorial da Unidade. Contudo, o que está agora sob a nossa mira é essa mesma atividade. Antes de ter sido assumida por Luís António Umbelino em 2018, a *Revista Filosófica de Coimbra*, então dirigida por Mário Santiago de Carvalho, constituía o instrumento medular da atividade editorial do IEF. A passagem do testemunho para Umbelino não deixou o IEF descalço, pois a Unidade continua próxima da *Revista*, tanto a nível dos conteúdos publicados, com a submissão frequente de artigos através da plataforma *Open Journal Systems*,

quanto ao nível editorial, pois não só o assistente de edição é um membro colaborador do IEF, Artur Lemos Silva, como vários membros do conselho editorial são membros do IEF (nomeadamente António Manuel Martins, Diogo Ferrer, João Maria André e Mário Santiago de Carvalho); e mais: Mário Jorge de Carvalho, membro integrado do IEF, faz parte do corpo de consultores científicos. A atividade editorial do IEF nunca ficou de mãos a abanar, pois desde a sua fundação que avançou com projetos originais, como a coleção filosófica eQuodlibet, lançada em 2016 para vir a tornar-se numa pedra de toque na atividade editorial da Unidade. Acolhedora exclusivamente de obras de filosofia, a eQuodlibet publica textos originais ou inéditos em português, espanhol, francês e inglês. Os textos são avaliados por um grupo de peritos, de acordo com o método *blind peer review*. As propostas podem ser publicadas na íntegra, mediante alterações sugeridas ou simplesmente rechaçadas. A avaliação dos peritos tem caráter irreversível. José Guilherme Sutil, que desenvolve uma investigação doutoral sobre a temática do livre-arbítrio, respondeu assim a uma pergunta nossa que é fácil de adivinhar pela sua resposta: "Excelência, nas publicações do IEF? Conimbricenses.org". O filósofo português tem toda a razão: a jóia da coroa da atividade editorial do IEF é, sem dúvida, a enciclopédia digital Conimbricenses.org. Já temos falado dela neste trabalho, mas vale a pena citar o que disse Mitsutake Ikeda sobre a Conimbricenses.org, que o filósofo luso-americano de origem nipónica considera nortear "a investigação de excelência dedicada às relações filosófico-culturais entre Portugal e o Mundo no período compreendido entre 1542 e 1772, dando também resposta às questões que interpelam a comunidade académica quanto às repercussões das produções científicas da escola de Coimbra na contemporaneidade". Ikeda espera publicar lá muitos dos resultados da sua investigação doutoral, tal como vir a liderar uma secção sobre as relações Coimbra/Japão, análoga à secção dedicada à China—já em curso de publicação—, e as planeadas secções dedicadas à América do Sul, à Índia, à África e à América do Norte (ordenadas aqui por grau de desenvolvimento). Se a Conimbricenses.org é a jóia da coroa, a *DEDiCA. Revista de Educação e Humanidades* é o diamante no ceptro. *DEDiCA* é uma revista científica apadrinhada pela Universidad de Granada, dirigida por Fernando Sadio Ramos—membro integrado do IEF—e orientada para a publicação em linha de textos nos campos da Educação, das Humanidades e das Artes. A identidade de *DEDiCA* apresenta a valorização e o intercâmbio de processos e resultados de investigação, tal como da produção científica e pedagógica desenvolvida por investigadora/es de excelência no palco científico internacional, e está permanentemente aberta a um vasto público, dirigindo-se particularmente a investigadora/es e professora/es do ensino superior, básico e secundário. Desde 2018, o IEF também responde aos critérios de acessibilidade mais atuais na esfera das publicações académicas, abrindo-se à publicação de resultados preliminares de investigação. A resposta foi dada por via da criação do *Texto Aberto*, uma coluna de publicações que, apesar de inspirada na *Oficina do CES*, pretendeu ter um perfil próprio e responder às necessidades da comunidade de investigação na área da filosofia. A equipa é 100% IEF: Fernando Santor é

assistente de edição; José Beato e Bernardo Ferro coordenam as edições; à frente, vai o homem do leme, Joaquim Braga. Os artigos científicos publicados pelo *Texto Aberto* destinam-se à fomentação e disseminação de reflexões filosóficas. Além da língua portuguesa, o *Texto Aberto* aceita textos redigidos em inglês, francês, italiano e castelhano. Com um catálogo que tem crescido um pouco de cada vez, o *Texto Aberto* já torna acessíveis para qualquer pessoa com acesso à internet textos de Samuel Oliveira (IEF), Catarina Rebelo (IEF), Luís Oliveira (IEF), Maria da Conceição Camps (IEF), Robert Martins Junqueira (IEF), Fabiana Tamizari (IEF), Maria Grace Salamanca González, Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo e Iuliia Nikitenko (IEF). Herdada da LIF, uma página Web dedicada à publicação de recursos em linha também é mantida e alimentada pelos membros do IEF e amiga/os da Unidade. O IEF continua a disponibilizar recursos da época da LIF, de entre os quais merecem destaque os "Textos traduzidos de Paul Ricoeur"—obra de Hugo Barros que continua a ser essencial para os alunos daquela que foi a orientadora do seu projeto, Maria Luísa Portocarrero—, a tradução *Curso Conimbricense: Os Sinais*—excerto do manual de lógica redigido por Sebastião do Couto e publicado em 1606 que Amândio Coxito traduziu do latim para o português—e a antologia de textos dos *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606)*, introduzida por Mário Santiago de Carvalho e fruto de um esforço coletivo de tradução do latim para o português, para o qual contribuíram A. Banha de Andrade, Maria da Conceição Camps, Amândio A. Coxito, Paula Barata Dias, Filipa Medeiros e Augusto A. Pascoal. Para quem tiver olhos de lince, esta lista não pode estar completa sem referir que os recursos em linha do IEF também herdaram a obra *Conceitos Fundamentais da Hermenêutica Filosófica*, redigida com mão de mestre por Maria Luísa Portocarrero. Esta era a última das moicanas, pode dizer-se, mas por conta da sua enorme importância: não apenas esta obra é preciosa para estudantes de filosofia em Coimbra, como o é para estudantes e investigadora/es lusófonos de todas as partes do planeta. Já depois que o IEF começou a operar, em 2016, colaboraram com a página dos recursos em linha da Unidade António Manuel Martins, com "A Causalidade na Meditação III de Descartes" e "Um ponto de vista sobre a Filosofia hoje"; Robert Martins Junqueira, com as traduções "A Consciência Absoluta como o Resíduo depois da Aniquilação do Mundo" e "O Mundo da Atitude Natural: Eu e o Meu Mundo Circundante", de alguma importância para os estudantes da unidade curricular de Filosofia Contemporânea; Hugh Taft-Morales, com "Existential Humanism: Processing the Fragility of Life"; e Guilherme da Fonseca, Iuliia Nikitenko, Josias Niuka, Mário Santiago de Carvalho, Mitsutake Ikeda, Ricardo Dinis e Robert Junqueira, com o lançamento série de filosofia em vídeo aberto "Filosofia ao Minuto", voltada para o grande público lusófono, tendo em vista a/os curiosa/os da filosofia e estudantes dos vários níveis do ensino em Portugal e nas demais nações de língua oficial portuguesa, tal como as comunidades lusófonas por esse mundo fora. Por fim, o IEF valoriza a história da docência da filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, patrocinando a *Personalia*, uma coluna de publicações em linha editada por Robert Junqueira e supervisionada por Mário Santiago de Carvalho que

tem publicado, de quando em quando, verbetes e artigos descritivos e críticos de apresentação dos docentes de filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, desde a sua fundação em 1911 até ao presente. A *Personalia* publica textos em língua portuguesa e abre-se à pluralidade de interpretações, pelo que o facto de que já foram publicados verbetes sobre Arnaldo de Miranda Barbosa, por Francesca Imperatore; Joaquim de Carvalho, por Emanuele Landi (IEF); Tito Cardoso e Cunha, por Pedro Pinheiro; Eduardo Lourenço, por Margarida Ribeiro; Gustavo de Fraga, por Bianca Cristina Daniel Dias; Sílvio Lima, por Ana Nogueira; Alexandre Fradique Morujão, por Daniel Marques (Secretariado do IEF); Miguel Baptista Pereira, conjuntamente por Helena Pinela e Margarida Neves (IEF); José Maria da Cruz Pontes, por Mário Santiago de Carvalho (IEF); e Augusto Joaquim Alves dos Santos, por Helena Cristina, não significa que outros autores não possam acrescentar à *Personalia* um título dedicado a um destes ou outra/os protagonistas do ensino da filosofia na FLUC. Os membros do IEF são os primeiros a lucrar com a atividade editorial da Unidade, pois têm à sua disposição várias plataformas, com horizontes temáticos diversos e que vão do relativo ecletismo do *Texto Aberto* ou da eQuodlibet até à mais estrita circunscrição temática que encontramos na Conimbricenses.org ou mais acentuadamente na *Personalia*; tudo em linha. Como disse José Guilherme Sutil, "é preciso publicar online", tal como "motivar os membros a publicar pelo IEF". Vasco Cardoso, que tal como Tomaz Fidalgo desde cedo começou a ser convocado para a redação de textos e para apresentações orais, disse-o com nítido esplendor: "a atividade editorial do IEF, tal como os eventos, estimularam o meu trabalho"; permitiram-lhe, assim, "contribuir para a sociedade". Como disse Simão Lucas Pires, ao recordar "os estudos dedicados a Platão" publicados por meio da Unidade, a atividade editorial do IEF "já produziu verdadeiras preciosidades". Sabendo nós do particular fascínio que o pensador português tem por Blaise Pascal, não é de estranhar que Pires se encontre de momento a colaborar com um volume *forthcoming*, dedicado ao pensamento do filósofo da aposta, que será publicado na eQuodlibet. Sabendo da qualidade de Pires e daqueles que com ele colaboram, não temos medo de assumir o papel de quem fia: o tesouro editorial do IEF não só resultará renovado como também sairá engrandecido. Pode ser dito em coro com Luliia Nikitenko que "para jovens investigadora/es (*researchers*) é muito importante aderir a uma Unidade que os ajude a organizar eventos, a participar e a tomar conhecimento dos mesmos, mas acima de tudo a publicar. Isso é muito importante para quem está na fase de lançamento de uma carreira académica". Tomaz Fidalgo também sublinhou este aspeto, logo após referir a sua própria experiência de publicação e de participação em eventos do IEF, que "faz um bom trabalho a integrar os membros que tem em projetos que estão a acontecer; e vai dando a oportunidade a várias pessoas diferentes de participar nisso e, com isso, não só ganhar experiência mas também ganhar currículo". A atividade editorial da Unidade, cuja política passou desde um princípio por estudar o terreno e fazer do acesso aberto um cavalo-de-batalha, é de se lhe tirar o chapéu pois, como disse Nikitenko, não há como não estar "totalmente entusiasmada com (*totally enthusiastic about*) a publicação em acesso aberto. Estou

muito agradecida ao movimento de acesso aberto (*open access movement*), uma vez que permite que estudantes como eu façam um melhor trabalho de maneira mais cómoda, atendendo sobretudo aos preços das assinaturas de revistas, livros, e assim sucessivamente (*specially considering the prices of journal subscriptions, books, and so on*). O acesso aberto e a publicação electrónica (*electronic publishing*) facilitaram consideravelmente os meus estudos. Eu própria publiquei em acesso aberto, e é assim que prefiro fazê-lo. As políticas editoriais da Unidade, para além de justas, são uma excelente fórmula capaz de promover o labor desenvolvido pela Unidade (*to promote the work developed by the Unit*). O "valor" do acesso aberto, disse-o Fabiana Tamizari, é "insofismável". Segundo a filósofa, o movimento pelo acesso aberto representa "o mesmo espírito" que inspirou enciclopedistas como Ribeiro Sanches, Denis Diderot e tantas outras pessoas notáveis que fizeram com que uma época fosse inscrita na memória sob o signo das luzes, quero dizer, sob a designação de Iluminismo. Já foi dito que a atividade editorial do IEF se pauta por uma lógica de abertura? Se sim, vale de todo o modo a pena repeti-lo abertamente. É como disse Isabel Campos: "nesse aspecto, não há nada a ganhar em estarmos fechados".

A.1.6: Língua Portuguesa

No IEF fala-se, lê-se e/ou escreve-se pelo menos em alemão, castelhano, chinês, dinamarquês, francês, grego, inglês, italiano, latim, neerlandês, português, romeno, russo e japonês. Não conseguimos deixar de pensar no quanto os membros do painel de avaliação que redigiu a avaliação que a FCT publicou em 2019 vão ficar embaraçados quando se aperceberem do tamanho da gafe que cometeram ao escrever que "as principais publicações [*The main publications*]" dos membros do IEF "ainda estão em português [*are still in Portuguese*]", acrescentando a tal desaire que isso faz com que seja improvável que, de momento, as mesmas "tenham uma grande visibilidade [*will have a high visibility*]" (Esfeld et al. 2019, 15). Antes de mais, há que dizer a verdade: o mais certo é que de 2016 até ao fim de 2019, no IEF, não se tenha publicado tanto em inglês quanto em 2020. Contudo, publicou-se alguma coisa, como sejam alguns artigos e uma monografia. Mas note-se que nesse período não se publicou só em português e em inglês, pelo que mesmo a primeira parte da crítica não é totalmente justa: para além do inglês, os membros do IEF publicaram pelo menos em italiano e em alemão. Estamos a olhar, é claro, apenas para as monografias. É digno de nota que já em 2020 os membros do IEF publicaram quatro monografias em inglês e uma em castelhano, fora as edições bilingues português/latim e tudo o que ultrapassa a apreciação das publicações monográficas. Se a avaliação estivesse a decorrer agora e os membros do painel de avaliação continuassem a pensar/dizer o que disseram em 2019, tal quereria dizer que obras como *Francisco Suárez: Metaphysics, Politics and Ethics; Plato's Gorgias – Labyrinth and Threads; A Brief Introduction to the Study of Human Nature; e Baroque Metaphysics. Studies on Francisco Suárez* não estariam a ser consideradas como parte das "principais publicações" do IEF. Ora, isto quereria

dizer que as obras em língua portuguesa que os membros do IEF publicaram até ao final de 2019 são verdadeiros monumentos da contemporaneidade; então, mais valeria ao júri começar desde já a lançar o alarme sobre a urgência de tais obras lusófonas virem a ser traduzidas para todas as línguas do mundo, porque tal seria do maior interesse para toda a humanidade. Estar perante a atividade de publicação dos membros do IEF em língua portuguesa deveria assim ser abençoado por Esfeld e companhia: estaríamos perante o cálice sagrado das estantes. O IEF melhorou muito desde o período da avaliação publicada pela FCT em 2019, e nem todas as críticas do painel foram totalmente infundadas. Contudo, há que ver que o grande público lusófono, que o painel—que veio a Coimbra sem notícia haver de qualquer dos seus membros ser especialista em português—considerou como um obstáculo à "grande visibilidade" das produções do IEF, especialmente os que o painel considerou serem os grandes títulos em língua portuguesa, é constituído por mais de 220 milhões de falantes nativos. Ora, se nós, comunidade lusófona, não temos olhos numerosos ou profundos o suficiente para que o painel de avaliação nos considere, no mínimo, um público relevante, talvez tenha chegado a hora para que os representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu, incentivem os povos lusófonos para que se reproduzam mais afincadamente; e, se tempo houver, talvez não fosse mal pensado escreverem uma carta a Esfeld, Voltolini, Marmodoro, Bertram e Zanetti a perguntar se dão consultas de oftalmologia ou se podem generosamente recomendar alguém capaz de ajudar-nos a resolver estes problemas de visão. Esta força da Unidade, a língua de Lispector, Mia Couto, Espanca e tanta/os outra/os, não está à venda. Não é negociável: o IEF continuará a aumentar a sua produção em língua estrangeira, dando especial atenção à língua franca da atualidade, mas não em detrimento da produção em língua portuguesa. Como disse José Guilherme Sutil, a existência de uma língua franca é essencial para a comunidade internacional, sendo verdade que "é preciso escrever em inglês"; pois "sem uma língua franca, estando neste caso Sutil a referir-se ao latim, "não teria surgido a comunidade científica europeia" que dinamizou "o estabelecimento das Universidades". Contudo, lembrou o pensador de Coimbra, "escrever em português é fundamental", até porque há "pontes com a comunidade lusófona" que devem ser cuidadas; e mesmo em solo pátrio, lembrou Sutil, há um "impacto potencial muito maior" se escrevermos em português do que se recorrermos a uma língua estrangeira. A aposta na língua portuguesa, lembrou o filósofo coimbrão, permitirá ao IEF "chegar, por exemplo, a estudantes do secundário". Foi esta a língua que atraiu Mitsutake Ikeda, que aliás domina o português até ao calão, e Iuliia Nikitenko, que está agora a dar os seus primeiros passos. Para que a língua franca tenha valor, não há que sacrificar nenhuma outra. É preciso encontrar um meio termo, como reza a lenda; e como disse Sutil, "não podemos perder a ligação nem com o local, nem com o global". Sem esse meio termo, de uma prioridade convencional da língua inglesa, consentida em prol da comunicação entre povos e instituições que não partilham de uma mesma língua, cederemos passagem para um reino anglocrático que nunca (mas nunca) terá

pernas para andar; pois, encontrará sempre resistência legítima por parte das forças que sustentam as esferas mais íntimas de quem vive e respira no ambiente de outros idiomas. A importância das línguas é a importância das línguas todas, pelo menos se o que queremos é uma humanidade que seja a humanidade toda, e não uma pobre caricatura. Como disse Ikeda, "é preciso estudar as outras línguas para compreender as outras culturas, dentro e fora da Academia". Isto, garantiu o filósofo luso-americano de origem nipônica, representa "uma tarefa sem fim, porque o desenvolvimento de competências linguísticas, mesmo que seja no domínio da língua materna, nunca se esgota. Uma língua é uma potência incalculável. E por isso é que é preciso ter cuidado: a língua é um recurso que deve ser usado, mas não pode ser um instrumento de opressão". A missão do IEF passa em grande medida pelo diálogo com as grandes obras da história da filosofia, cuidadosamente traduzidas para a língua portuguesa. Assim, prioriza-se a tradução dos textos mais marcantes na história das ideias científicas e filosóficas, no sentido de orientar a investigação de modo a que a mesma reflita de forma lúcida o estado atual das ciências e da filosofia, como também para que a história do pensamento, no seu desenvolvimento, chegue a acordo—sobretudo consigo mesma—relativamente ao seu caráter científico, constituindo-se assim num dos muitos setores reconhecíveis na atmosfera lusófona de descoberta da realidade. Como disse Isabel Campos, há que traduzir, sempre com rigor e dando ao leitor a possibilidade de confrontar a tradução com o original, por via da "aposta" na publicação de "edições bilíngue". Trata-se, aqui, do "cuidado com a tradução" de que nos falou Maria da Conceição Camps. Segundo esta ínclita pensadora, "traduzir" é uma das grandes tarefas do "cuidado", tema este que "está presente" em todo o trabalho de tradução. De acordo com Camps, traduzir é "trazer o sentido" das obras da tradição "para os tempos de hoje", tal como "para os outros". Pode, certamente, haver quem considere que a dedicação do IEF à tradução e à língua de Teixeira de Pascoaes é sinónimo de ensimesmamento e/ou provincianismo. O que tais censores não podem afirmar é que os resultados da avaliação levada a cabo pelo Painel de Avaliação de Artes e Humanidades especializado em filosofia que avaliou o IEF, publicados em dezembro de 2019 após audiência prévia da Unidade, indicam que tal se trata de uma fraqueza. Ora, o painel teve uma posição muito complexa. Acima (p. 55) não falamos em 'gafe' acidentalmente. O painel presidido por Michael Esfeld e composto também por Alberto Voltolini, Anna Marmodoro, Georg Bertram e Véronique Zanetti considerou que estamos perante uma força; uma força, aliás, que consideram merecer ser estimulada no seio do IEF: a língua portuguesa. Como pode ler-se no documento, no parágrafo em que o painel se debruçou sobre a missão do IEF, esta Unidade de I&D "realça a necessidade de desenvolver uma reflexão filosófica portuguesa/ em português, ao traduzir importantes autores da escola portuguesa do século XVI (como Manuel de Góis e F. Suárez) ou autores clássicos recentes (Wittgenstein ou Kierkegaard). Tal dedicação à história da filosofia, com uma clara preocupação pela promoção da filosofia em português, constitui sem dúvida uma força da Unidade e deve ser encorajada, dada a extensão da comunidade lusófona pelo mundo fora [(...) *underlines the need to develop a Portuguese philosophical*

reflection by translating important authors of the 16th Portuguese school (like Manuel de Góis and F. Suárez) or recent classical authors (Wittgenstein or Kierkegaard). This dedication to the history of philosophy, with the clear concern for the promotion of philosophy in Portuguese is without doubt a strength of the Unit and should be encouraged, because of the wideness of the Portuguese speaking community around the world]" (Esfeld et al. 2019, 15). Portanto, não há muito por onde fugir: se o público lusófono é valioso por conta da sua "wideness" mas isso não resolve o problema do grau de "visibility", então o problema não está nas taxas de natalidade, mas sim no meio da cara de toda/os a/os falantes do português. E já agora, seria no mínimo digno de aplauso se Esfeld et al subissem à altura da idoneidade que lhes é internacionalmente reconhecida e se juntassem, quiçá via Zoom, para escrever uma carta aberta ao IEF a explicar uma coisa: devemos ou não devemos escrever na nossa língua?

A.1.7: Membros

Pode haver força maior numa Unidade de I&D do que os seus membros? Os membros do IEF são a condição de existência da própria Unidade. Se fossemos obrigados a escolher protagonistas dentro de um elenco tão formidável, teria chegado a hora de enfrentar uma autêntica crise de nervos. Isto, aliás, não se aplica apenas aos membros, mas também às suas moradas institucionais. Talvez seja já demasiado mencionar aqui os três principais pólos pátrios, isto é, a Escola Superior de Educação de Coimbra, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e a FLUC. Quanto aos membros, temos esperança de que este "Coro SWOT" a/os dará a conhecer, pelo que não constituirá nenhum mal ficar por aqui e, enfim, remeter para aquela que é a subpágina de membros na página Web do IEF (<https://www.uc.pt/fluc/uidief/membros>), a partir da qual será possível aceder ao perfil individual de cada membro. Ainda assim, seja-nos permitido partilhar uma mensagem que nos enviou Iuliia Nikitenko, à parte da entrevista que com ela conduzimos. Quando questionada sobre o que é que a levou a considerar ser o IEF a Unidade certa, acima de qualquer outra, para juntar os trapinhos e avançar com a sua carreira, a pensadora russa foi nua e crua: o prestígio e o trabalho realizado pelos membros do IEF. A mensagem de Nikitenko foi clara: "Os membros do IEF estão no cerne da criação e manutenção da Enciclopédia Conimbricenses.org, a mais profunda e atualizada fonte de informação sobre o Curso de Coimbra. Entre os membros integrados do IEF encontramos António Manuel Martins, um dos mais prestigiados investigadores sobre Pedro da Fonseca e a história da filosofia desde os antigos clássicos até aos primeiros modernos, juntamente com Simone Guidi, que além de co-editor da Enciclopédia Conimbricenses.org é também um conhecido especialista sobre o impacto do escolasticismo tardio na filosofia de Descartes. Entre os membros colaboradores, destaca-se Maria da Conceição Camps. Uma latinista de renome, que assinalou a presença de conotações neoplatónicas no Curso de Coimbra, Camps foi também

responsável pela tradução do tratado de filosofia natural [do Curso de Coimbra] dedicado à antropologia e por numerosos projectos de investigação sobre a teoria da percepção sensorial e da visualidade no Curso de Coimbra. E depois, é claro, têm o Mário Santiago de Carvalho [*IEF members are at the heart of the setting up and upkeep of the Conimbricenses.org Encyclopedia, the most profound and up-to-date source of information about the Coimbra Course. Among the integrated members of IEF we find António Manuel Martins, one of the most prestigious researchers on Pedro da Fonseca and the history of philosophy from the ancient classics to the early moderns, along with Simone Guidi, who besides being co-editor of the Conimbricenses.org Encyclopedia is also a well-known specialist on the impact of late scholasticism on Descartes' philosophy. Among the collaborating members, Maria da Conceição Camps stands out. A renowned Latinist, who pointed out the presence of Neoplatonic connotations in the Coimbra Course, Camps was also responsible for the translation of the treatise on natural philosophy dedicated to anthropology and for numerous research projects concerning the theory of sensory perception and visuality in the Coimbra Course. And then, of course, you have Mário Santiago de Carvalho*]. Ser membro do IEF, como disse Mitsutake Ikeda, "é muito bom, porque quem investiga sabe que não lhe vão... cortar as pernas; diz-se assim? No IEF há abertura; os membros podem dedicar-se nos termos que os movem, que os motivam, e são encorajados a colaborar em projetos liderados por outras entidades, sem ter medo de que a Unidade peça de volta o estandarte. Eu carrego a bandeira do IEF quando colaboro com os projetos do meu co-orientador, Pedro Casaleiro, que coordena projetos conjuntos entre instituições japonesas e portuguesas. Sou orgulhosamente membro do IEF, onde sou reconhecido sem largar mão da minha liberdade". Ikeda, depois de ler o primeiro *brouillon* deste documento, quis ainda acrescentar a esta ideia; e, ao contactar-nos, referindo-se às leituras que fez de Mayu Fujikawa—e já, muito provavelmente, afetado por ter sido exposto à argumentação de Krijger relativamente à continuidade que o IEF de algum modo representa com respeito à tradição filosófica de Coimbra como um todo (cf. A.3.3)—, deu-nos a pensar *i*) que está nos genes de quem faz filosofia nesta casa ser membro sem ficar desmembrado, quero dizer, sem perder as pernas para caminhar onde quer que seja e sem perder os braços para dar abraços aqui ou acolá, e *ii*) que os passos dessas pernas e os abraços desses braços não só são para ser dados fora, como hóspede ou visitante, mas também dentro, como quem faz as honras da casa. Nesse sentido, Ikeda referiu a história dos missionários jesuítas no Japão, muitos dos quais com formação filosófica e teológica coimbrã, que abriam o peito para a assistência constante de "dōjuku" (que os missionários portugueses pronunciavam "dogico"; v. Seiichi et. al. 1978, 103-104), termo utilizado para denotar leigos que engrossavam as fileiras de uma espécie de tropa de barro em ação nas missões jesuítas em solo japonês. Também nesse sentido lembrou Ikeda que, a partir de Coimbra—ou, neste caso, de uma relação Roma/Japão com fortes conotações portuguesas e particularmente coimbrãs—se fez escola no mundo, pois na Nova França e no Vietname o emprego respectivo dos termos "dogiques" e "dojicos" para designar quem juntava forças à corrente das atividades de evangelização deixa vislumbrar que as missões nipónicas do século XVI serviram de exemplo para pensar as formas de organização ao longo dos séculos subsequentes, uma vez que não é só da origem das palavras que se trata, mas também da forma de abrir a unidade—neste caso, a Companhia de Jesus—ao mundo.

A.2: Fraquezas

As fraquezas, por trazerem desvantagens, são aspectos a serem largamente melhorados. Por vezes podem representar pequenas ameaças. Para mais informação, ver Forças (A.1.).

A.2.1: Espaços de Trabalho

Há falta de espaços para investigadores/as. Aqui está uma das maiores fraquezas do IEF, que conta apenas com duas pequenas salas na FLUC: "não ter espaços de trabalho para toda a gente". Isto lembrou-o Margarida Neves, cuja investigação doutoral muito teria beneficiado de um espaço de trabalho individual para desenvolver a dimensão prática da sua tese, que implica o uso da flauta transversal. O uso do instrumento é impossível numa tradicional sala de estudo coletiva, e ainda assim seria difícil de fazer na FLUC, pois mesmo numa sala de estudo individual, dificilmente não se sentiriam incomodadas/os a/os demais membros da comunidade das Letras em Coimbra. Faria falta, no caso de Neves, uma sala individual e isolada. Mas mesmo desconsiderando esta especificidade de Neves, é verdade que faltam espaços de trabalho para estudantes dos 2.º e 3.º ciclos e demais investigadoras/es, entre a/os quais os membros do IEF. Todas/os esta/es, lembrou a flautista e filósofa, "deveriam ter no futuro (passando tudo isto [a atual crise pandémica]) espaços de trabalho dedicados na FLUC ou noutra espaço. Esta é também uma questão da Faculdade em geral"; e de muitas universidades, ousamos acrescentar; há uma necessidade que não deve ser ignorada no regaço da política académica, que é certamente a de "proporcionar melhores condições de trabalho" a toda/os aluna/os e investigadoras/es, mas sobretudo entender que isso não é só uma questão de mimo ou capricho, havendo também a ganhar com isso dos pontos de vista mais amplamente humano e mais estritamente científico; pois, como sinalizou Neves, "ao melhorar essas condições cria-se a possibilidade de diálogo e troca informal de ideias". Assim, e plenamente de acordo com a filósofa portuguesa, podemos a partir daqui transpor e afirmar categoricamente que facultar espaços de trabalho adequados às necessidades de quem trabalha, estuda, ensina e investiga nas diversas esferas institucionais fomentará a interdisciplinaridade e o fortalecimento dos elos entre os numerosos membros dos diversos departamentos das distintas disciplinas científicas. Isto traz-nos a memória uma crença profunda, desde há muito tempo invocada na tradição filosófica, e que ainda hoje ecoa nos textos que se publicam: a investigação digna desse nome requer a atitude científica, que é, como disse Susan Haack (2014, 327) na esteira de Charles S. Peirce, "o desejo genuíno de se alcançar a verdade (*the genuine desire to attain the truth*)". Se assim é, a investigação só sairia ainda mais dignificada com a facultação de espaços de

trabalho que promovessem, entre outras coisas, o encontro entre os membros da comunidade científica. A razão é simples: é que a busca pela verdade não é assunto de sujeitos sabichões e isolados, mas de uma coletividade indagadora composta por membros que se reconhecem mutuamente por razão de provas dadas de perícia, cultura e erudição. Tal coletividade obterá a verdade da forma que lhe é própria, isto é, coletiva: assim se fala da comunidade científica ideal. No caminho infinito, a *ser feito*, da interpretação da complexidade do universo, a comunidade científica real deve sempre, em nome da verdade a ser alcançada e do ideal de si mesma que está ao seu alcance reconhecer, assumir que toda a crença científica, mesmo quando há largo consenso, excede em profundidade e em extensão os limites da experiência finita da real coletividade indagadora (cf. Forster 2014, 167-168). E se assim é, o que dizer da experiência finita da pessoa real, num sentido individual, por maior que sejam a sua obra e a sua perícia, cultura e erudição? Na busca pela verdade, a partilha não é um *pode*, mas um *deve ser*. Mas na ciência, como no resto, há que criar as condições para que os processos de partilha possam ser desencadeados. Para além do mais, como refere Cristóvão Marinheiro, “os documentos conimbricenses [v. A.1.3] não se encontram somente em Coimbra, mas em muitos arquivos e bibliotecas *urbi et orbi*. Embora haja possibilidades de consulta online, o levantamento e a consulta *in loco* dos documentos continua a ser uma das chaves da compreensão da expansão do pensamento, cuja historiografia repousa nos mencionados documentos. Há portanto necessidade em financiar estas estadias (longas ou curtas) de especialistas nas diferentes partes do mundo”. Se atenção for prestada ao que disse o filósofo português, ficará claro que o problema dos espaços de trabalho não se limita à precariedade da situação do IEF na FLUC, pois para dar vazão às necessidades de quem investiga no âmbito dos projetos da Unidade será necessário que esta lide com uma das suas maiores ameaças (o financiamento, uma das massas mais críticas de todas; v. A.4.1) e faça vibrar as cordas da sua vultosa rede de contactos internacionais para que os seus membros sejam acomodados de maneira adequada onde quer que se encontrem a trabalhar.

A.2.2: Formalidades

Como disse Isabel Borges, numa ideia que acrescentou à entrevista de 5 de fevereiro através de um email datado do dia 8 do mesmo mês, o desenvolvimento de atividades genuinamente filosóficas implica que cuidemos de não nos perdermos "em meros objetivos formais, como a escrita de 'x' número de artigos por ano". Num outro sentido, também Margarida Neves notou a parte fraca das formalidades, ou pelo menos do excesso destas com relação aos fluxos de partilha informal. Como disse a flautista de Leiria, é preciso resolver o problema da "ausência de troca informal", para que surjam novas e variadas "ideias sobre as diferentíssimas investigações". E, para que os membros da comunidade científica e as suas sub-comunidades, como sejam os membros do IEF, possam florescer, é preciso

superar as distâncias para além do recurso aos meios digitais, dos quais, como sublinhou Neves, "já estamos todos mais que saturados". Sem querer menosprezar a tecnologia, querendo antes louvá-la na medida certa, é esclarecedor notar que os meios digitais vieram ao mundo para alargar os nossos horizontes, e assim o fizeram: mas tudo o que é demais é moléstia, e no contexto da pandemia de COVID-19 é normal que já não haja paciência para o convívio mediado pelas máquinas. Também Catarina Rebelo notou a fraqueza das formalidades, referindo haver uma relação de proporção inversa entre a quantidade de eventos científicos e a de momentos de convívio: "É verdade que há muitos eventos científicos organizados pelo IEF, mas há poucos momentos de convívio informal", o que, como garante a filósofa e terapeuta que se tornou membro da Unidade logo em 2016, prejudica "o fortalecimento dos laços de colaboração" e "a troca de ideias entre os membros". Talvez se venha a observar, uma vez contida a pandemia, as pessoas a deixarem cair alguns dos velhos formalismos e a abrirem-se para uma maior proximidade; pois, às vezes, é quando sentimos falta que damos real valor ao que antes, quem sabe se por força da formação acrítica de hábitos ou por uma receção menos atenta dos preceitos tradição, nos parecia uma limitação. Uma coisa é certa: a formalidade da ciência não deve ser transposta pura e simplesmente, sem mais—ou talvez até de todo—para o âmbito das relações quotidianas, ou estaremos a fazer uma espécie de *ciência de cada próximo passo a dar nas relações interpessoais*, forma de estar e agir que não esgota nem se dissipa na busca pela verdade. As formalidades no seio do IEF são uma fraqueza a ter em conta, mas não é preciso fazer disso uma tempestade num copo de água: no IEF já se têm virado algumas páginas importantes. Marcela Uchôa, filósofa política brasileira, deu um excelente exemplo disso quando lembrou que, no IEF, "há liberdade" para estudantes organizarem eventos. Pode parecer uma banalidade, mas faça-se o seguinte exercício: é assim tão comum que estudantes encontrem, no seio de Unidades de I&D sediadas em Portugal, abertura suficiente para tomarem as rédeas na hora de levar a cabo iniciativas de qualquer tipo? No IEF isso acontece, sim. Como disse Uchôa, também "no Brasil é muito comum" ver estudantes a envolverem-se "na organização de eventos". No IEF, enquanto desenvolvia a sua investigação doutoral, a pensadora também encontrou esse espaço, o que atribui ao espírito de "abertura" que marca o ritmo da "coordenação científica da Unidade" e de António Manuel Martins, que foi o seu orientador no Doutoramento.

A.3: Oportunidades

Uma oportunidade é uma força em potência. Por vezes, trata-se de uma força atual mas cujo aproveitamento está manifestamente aquém das suas potencialidades. Mais algumas palavras sobre as oportunidades poderão ser lidas acima (A.1).

A.3.1: Investigações e Colaborações Interdisciplinares

A intersecção entre as disciplinas abarca modalidades teóricas e também práticas. É por isso com especial interesse com respeito aos fenómenos e desafios do tempo presente e procurando oferecer uma saída responsável face às inquietações dos nossos dias que o IEF simultaneamente provoca e avança nas discussões que estão na ordem do dia; e, para além de investir tempo a debruçar-se sobre as correntes clássicas do pensamento filosófico, quer sejam as de carácter histórico ou as de ordem sistemática, a Unidade atende ainda a uma ampla gama de complexidades intersetoriais e exerce um papel de se ter em conta em diversas áreas heterodoxas da teoria e da prática. Orientando-se por uma bússola que aponta para a contemporaneidade e apoiando-se em estudos baseados na memória e na experiência amadurecida, o IEF não só destaca a atuação dos seus membros nos domínios da saúde, da assistência social, da proteção do meio ambiente, da política e do direito, do mundo digital, do património e da curadoria, como também qualifica como sendo de importância cardeal todo o conjunto de itinerários interdisciplinares que supõem que se cuide das formas como os humanos pensam, habitam e agem. Se o IEF fosse um edifício, os pilares da construção seriam as letras que compõem a *abertura*. Mesmo o aparente 'exclusivismo' do IEF, ao dedicar-se apenas à investigação filosófica, não é mais que uma falsa hipótese vinda de um nocente entendimento sobre a história da filosofia, que desde as suas origens vive sob o signo da desobstrução, do compatibilismo, da liberdade e do incentivo à descoberta. Se assim não se verificar, então está a ser observada qualquer outra coisa que não a filosofia. Mas, para avançar pelas inovadoras calçadas das investigações híbridas, é exigido da parte da/os investigadora/es um voto de confiança por parte de instituições e pares. Como declarou Margarida Neves, "existem dificuldades particulares" para quem envereda por um caminho "interdisciplinar(izante)", "que vão desde o financiamento (por exemplo, as bolsas [de Doutoramento] da FCT para investigação não são dirigidas a projetos interdisciplinares)", até ao "fazer-se entender" do lado da pluralidade de disciplinas que tais caminhos venham caso a caso a envolver. Neves continuou, dizendo que a maior dificuldade que sentiu ao chegar à filosofia, "foi explicar o problema concreto sobre o qual queria trabalhar a outras pessoas que não entendiam a música do mesmo modo" que ela, isto é, pessoas sem formação na área da música; a mesma dificuldade é patente do lado dos especialistas em música, assim que Neves tenta "transmitir as conclusões filosóficas" a que vai chegando aos seus "colegas de profissão, especializados na música escrita". Vale a pena citar Neves demoradamente: "As pontes que tento estabelecer ligam estes dois mundos da

prática musical e da filosofia e trazem, por um lado uma perspectiva filosófica mais consciente da prática da música, e de todo o âmbito de questões relacionadas com a performance que são, a meu ver, pobremente exploradas pela disciplina que tende a focar-se na música enquanto experiência do ouvinte. Por outro lado, só a filosofia pode responder teoricamente, parece-me a mim, à questão fundamental que é colocada na prática a quem queira fazer música partindo da partitura, e que fica sem resposta no âmbito da musicologia e da teoria musical". Neves disse, também, que o IEF deu-lhe "de certa maneira um voto de confiança. E isto foi fundamental para o trabalho interdisciplinar que realizo. (...) ser especialista em duas áreas é uma tarefa hercúlea e demorada. Eu sinto-me confortável com o carimbo de especialista em música, mas para poder contribuir de alguma maneira com esta minha especialização para a filosofia (onde ainda sou soldado raso (...)), precisei desse voto de confiança. Por outro lado, é exatamente esta minha especialização na música que pode no IEF amplificar a investigação que se vai realizando. Muito do que tenho aprendido sobre filosofia da música tem-me mostrado que o pensamento filosófico na área está muito desligado da prática, da performance mesma, e centrado na experiência do ouvinte. O que é excelente! Mas há todo um outro lado da questão que também interessa à filosofia mas ao qual talvez não se consiga aceder com tanta facilidade sem a experiência do fenómeno que é a prática da música". Assim, o trabalho de Neves representa também "uma aproximação do IEF a uma outra comunidade, artística, e conseqüentemente aos públicos desta outra comunidade". Tendo em conta o exemplo da professora, filósofa e artista de Leiria, poderá surgir a legítima interrogação sobre porque é que o lugar desta secção é nas "oportunidades" e não nas "forças". É, de facto, uma força; mas no caso do IEF é, acima de tudo, uma oportunidade, pois o nível de interdisciplinaridade da investigação doutoral de Neves constitui um dos casos raros entre as fileiras do IEF. Não se trata, como já deve estar claro, de falta de abertura do IEF. De facto, é preciso mais pessoas dessas—com a disponibilidade e a coragem para escolher a filosofia no prosseguimento dos seus estudos de 2.º ou 3.º ciclos, ou pós-doutorais—para que se abracem projetos de Doutoramento que, desde a sua matriz, impliquem um alto nível de especialização noutras áreas. A disponibilidade nem sempre é perscrutável nas entranhas dos indivíduos, enquanto que a coragem não está reservada senão na flora intestinal de cada qual. O IEF, a Unidade pode estimular, mas não controla. Desbravar caminhos exige muita valentia. Bravura desta, como a de Margarida Neves, não se encontra por aí aos pontapés. Levar a cabo uma investigação interdisciplinar e promover colaborações da mesma natureza não é pêra doce. É preciso ter cautela, pois a interdisciplinaridade "soa muito bem" mas, como disse António Manuel Martins, "é muito difícil de fazer". Martins acrescentou o seguinte: "A colaboração interdisciplinar não é impossível, mas também não é fácil". A interdisciplinaridade é um grande desafio, e se há uma transposição de fronteiras não deixamos de deparar-nos com muitos limites; Margarida Neves que o diga: ela, que diz ter sido recebida de braços abertos no IEF, nunca deixou, contudo, de se sentir uma "forasteira que foi aceite na comunidade mas não se integra". Nem poderia, seja-nos permitido acrescentar, integrar-se

totalmente, pois isso implicaria disciplinar a interdisciplinaridade. A matriz da investigação de Neves é interdisciplinar, e por isso o seu trabalho nunca poderá ser metido na gaveta desta ou daquela disciplina. Outra 'forasteira' no seio da Unidade foi Marcela Uchôa, que sentiu "falta de atividades e grupos de trabalho mais focados na filosofia política", a sua área de investigação. Por isso, a filósofa acabou por procurar fora da Unidade e muitas vezes no seio de grupos interdisciplinares, a nível nacional e internacional, plataformas para trabalhar colaborativamente, tendo publicado e participado em "grupos de debate e conferências". É, contudo, importante sublinhar, com Marcel Bursztyn e Maria Beatriz Maury (2013, 347), que a interdisciplinaridade não é "anti-disciplinaridade (*anti-disciplinarity*)", mas sim "um ambiente de vinculação (*a bonding environment*)". Tendendo a filosofia a ser uma área adesiva, uma clareira da relação, morada do diálogo e dos nexos de entendimento, talvez não seja fácil encontrar terreno mais fértil para a interdisciplinaridade no seio da Academia, ou processo académico mais fecundo para a sociedade do que o da interdisciplinaridade. Como disse Neves, "a interdisciplinaridade, e de um modo geral a diversidade de pontos de vista, enriquecem qualquer projecto, seja no âmbito académico ou em qualquer outro. Investigações multidisciplinares têm sobretudo a vantagem de ser desenhadas/dirigidas a uma audiência menos especializada, isto é, afastam-se do nicho e conseqüentemente chegam a mais e mais diversas pessoas. No caso concreto da minha investigação, o que espero é que possa chegar a quem faz a música acontecer, para que a faça acontecer melhor, mas também no âmbito académico da filosofia, para que o pensamento sobre música esteja mais atento à prática". Neves, por si mesma, serve de prova que vale a pena criticar os velhos hábitos. O trabalho dela é reconhecido além-fronteiras, e se alguém acha que na filosofia não há lugar para que se averigue nas extremas das disciplinas, então o melhor é que comece a prestar mais atenção ao sucesso da artistósofa portuguesa, ou que fechem os olhos e tapem os ouvidos, porque vai continuar a haver música para 'ouvir' em Coimbra. Como disse Ikeda, se não "ultrapassarmos preconceitos", inatuais e castradores, "nunca haverá diálogo fértil", seja entre as culturas ou entre as disciplinas. "Uma vez", contou-nos Ikeda, "não quis comer arroz doce; estava no Nepal"; Ikeda não quis, pois não conseguia perceber a lógica por trás dessa receita. "Arroz e doce soava-me contraditório". Ikeda pensava assim: arroz para um lado, e o doce para o outro. "Mas é uma estupidez", disse-nos, "porque eu adoro arroz doce", o que só pôde saber "depois de ter provado". Num mundo em que o arroz doce tivesse nascido primeiro que o arroz salgado, talvez Ikeda nos falasse hoje da experiência inversa. A verdade é que o que existe veio ao mundo para se relacionar. "Não podemos", afirmou Mitsutake Ikeda, "recusar as coisas só com base na ignorância: é preciso experimentar"; e o diálogo, a exploração dos cruzamentos possíveis, exige-o. "Como agem, sentem, e pensam os outros?" Isto, especialmente na filosofia, devia ser um mantra. Já alguém terá dito a Ikeda que os mantras, na filosofia, acabam com pontos de interrogação? "Os outros?" Os outros são, *inter alia*, as outras pessoas, os outros povos e as outras ciências. "Eu quis sempre conhecer os outros", disse o filósofo luso-americano de origem nipónica,

acrescentando que aprendeu muito em todo o lado por onde andou. "Berkeley foi incrível, e Coimbra está para Portugal como Berkeley está para os Estados Unidos", pois são berços "da luta pelo respeito e pela tolerância". Berkeley... Ikeda soa comovido. "Lá é onde nasceu o *Free Speech Movement* e o movimento estudantil na América"; e descreve o filósofo uma vivacidade "tão grande e tão diversa" que é impossível de descrever. "Lá estudei Relações Internacionais... Já passaram vinte anos". E quem diria que isso viria a ser central para a forma como Ikeda veio a conceber um projeto de investigação para o Doutoramento em Filosofia?! O mesmo sobre o seu Mestrado em tradução... "É incrível! A minha atual investigação sobre as relações filosóficas e culturais entre Portugal e Japão, sem deixar de ser filosófica, continua a pertencer também aos âmbitos das Relações Internacionais e da Tradução". Um outro exemplo de denodo nestas matérias é o de Simone Tiemi Hashiguti, que investiga processos de produção de sentido que envolvem corpo, linguagem e, em alguns casos, tecnologias digitais de informação e comunicação, desenvolvendo investigações interdisciplinares no seio das quais a relação com conceitos filosóficos é fundamental. Com formação em Linguística, tendo concluído o Mestrado e o Doutoramento em Linguística Aplicada, Hashiguti é hoje membro do IEF e anda de mãos dadas com a filosofia. Numa Unidade exclusivamente dedicada à filosofia, a interdisciplinaridade é uma mina científica que cabe explorar.

A.3.2: Intervenção na Esfera Pública

Isabel Borges lembrou que o IEF tem a oportunidade de fomentar o rompimento com o paradigma da/o filósofa/o no claustro. Diogo Ferrer também o disse muito abertamente: "faz pouco sentido filosofar sozinho", pois "há uma dimensão social, comunicativa no próprio pensar". Indo mais longe, pode dizer-se que não há ciência que fique entre quem a faz e os seus botões, mas sim que devém no seio de uma comunidade de investigação situada na história, em constante evolução por força da esperança de que se chegará, por obra e graça de todas as vozes que se juntaram ao coro da ciência, à verdade, tal que não haverá razão com pés e cabeça capaz de resistir ao estabelecimento de um consenso sobre a realidade. *Calma...* De facto, perdemos-nos no reino do pensamento, que parece tão amplo na sua infinidade; mas, na verdade, representa uma perspectiva tão infinita quanto limitada, se é que não estamos aqui a redundar. Há também o aqui e agora, os problemas que imediatamente nos chamam pelo nome e dão a conhecer o rosto do perigo, do sofrimento e da miséria. Há, lembra Borges, filósofa açoriana, uma "obrigação" filosófica, que é a de "dar sentido", "alertar", ajudar a que sejam evitados "erros", e acima de tudo zelar "pela realização humana de cada um". Borges dá-nos a pensar que ao lado de um dedo que aponta para cima, na *Escola de Atenas* de Rafael, há também a mão aberta com a palma virada para baixo e tudo o demais que há nesse quadro. E além disso, de acordo com a filósofa açoriana, a missão da filosofia não se limita à análise e ao comentário dos textos da tradição. "Claro", disse Borges, que isso "é importante, mas a nossa missão está longe, muito longe de se reduzir a

isso". Por isso, considera Borges que o IEF tem que agarrar o seu "papel", que é também o de perceber a realidade, envolver-se na esfera pública, promover o debate, sugerir novos caminhos, e fazer representar a filosofia junto das "instâncias de decisão política". A intervenção do IEF na esfera pública deve ser ainda mais ampla. Já tem havido algum contacto com as escolas secundárias, nomeadamente através do programa "Cientificamente Provável", muito pelo esforço da pessoa de António Manuel Martins. Diogo Ferrer deixa perceber o como é importante chegar às escolas, nomeadamente através da "formação contínua de professores" e do desenvolvimento de estratégias para prestar atenção não só aos professores que forma, mas também "aos seus alunos". Isabel Campos também foi sensível a esta questão, quando sugeriu que seria importante "haver alguma noção geral de como funcionam as universidades e a ligações com os centros de investigação dentro delas, coisa que um aluno do secundário não faz a mais parda ideia"; "esse é", acrescentou Campos, "um lapso grande, um fosso na comunicação entre os dois graus de ensino", pelo que só teríamos "a ganhar se se esbatesse". A falta de ligação às escolas não é só um problema do IEF. Como disse ainda a investigadora portuguesa, a "falta de comunicação" entre as escolas e as universidades é mesmo um "problema geral" em Portugal. Ainda assim, e voltando a prestar atenção ao caso particular do IEF, devemos dizer que há muito a ganhar em ouvir as palavras de Fernando Santor, que suscitou a lembrança de que é imperativo apostar em "atividades de extensão", como seja "ir às escolas", apostar em "processos de inovação no ensino", entre outras. Emanuele Landi também identificou esta oportunidade, dizendo que "apesar das aulas abertas e outras iniciativas mais voltadas para estudantes", o IEF ainda tem muito caminho para explorar no que diz respeito a "envolver esses rapazes e raparigas com o trabalho da Unidade". Como disse o filósofo italiano, "é preciso tentar criar mais eventos, mais ligações diretas com estudantes, também de licenciatura. É preciso puxar mais neste sentido, e não só em Coimbra". Como afirmou Tomaz Fidalgo, a filosofia "não fica dentro do escritório": vai "para as casas", para "as famílias"; e até mesmo, de acordo com José Guilherme Sutil, "está na rua". Como lembrou Luliia Nikitenko, a intervenção da Unidade na esfera pública é imprescindível, pois o IEF não deve funcionar como "uma torre de marfim (*an ivory tower*)" para que os seus membros se fechem com relação ao mundo, mas estes também não devem andar nas nuvens e ficar de mal com a sua vocação académica, roendo a corda da "missão que é investigar na área da filosofia", ramo do conhecimento que ocupa um lugar na primeira fila da história das ciências. É preciso ver, lembrou Nikitenko, que não é preciso escolher entre estarmos fechados ou abrimos as portas, pois existe a possibilidade de investigar tendo em vista alcançar um público expressivo. Assim, as produções e atividades de divulgação são ouro sobre azul. De acordo com Nikitenko, esforços desse tipo "devem ater-se ao essencial e assumir o seu carácter perante o público, talvez indicando fontes para quem quiser aprofundar conhecimentos acerca das matérias abordadas". Quem pensa que é fácil está muito enganado! "É preciso especialistas de alto nível", continuou a filósofa "para produzir materiais também de alto nível e acessíveis para quem não é perito. O especialista é quem sabe o que omitir sobre

um assunto; quem não é especialista, pode nem saber o que dizer". O rumo apontado por Nikitenko pode bem ser tal que leve a um contacto fértil entre as Unidades de I&D e o grande público, especialmente se tivermos em conta que nem todo o trabalho de investigação tem perfil para responder a certos desafios sociais, como sejam questões relacionadas à cibersegurança, às alterações climáticas, à política partidária, à corrida espacial e por aí além. De acordo com a pensadora, "esse tipo de compromisso não deve ser obrigatório para que se leve a cabo uma investigação". A filósofa tem razão: a ciência atende aos interesses mais imediatos, mas não se esgota por aí. "A Academia", disse Simão Lucas Pires, "não é uma ilha isolada"; tem, por isso, que "responder" na qualidade de "parte da sociedade". Mas, lembrou o filósofo, não deve ser "de fora da Academia" que se impõem "rumos para a investigação". Contudo, como enfatizou Ikeda, são esses temas que chamam um maior número de pessoas à fala. Como disse o filósofo de origem nipónica, quando acontece que os temas que despertam "a curiosidade" de quem investiga são temas que dizem respeito à esfera pública, "temas sensíveis", temas atuais e controversos, a investigação "não deve ser imposta nem bloqueada". A ciência começa quando se dá "uma conexão entre a nossa curiosidade e o intelecto", porque é isso que nos leva a buscar contribuir para "o conhecimento comum da humanidade". Fazêmo-lo por via dos temas que estudamos e de acordo com os métodos adotados. Ikeda, por exemplo, interessa-se por questões antropológicas desde que era um rapazinho. Nem sabia dizer por estas palavras, e muito menos em português, o que estava a fazer nas suas viagens pelo mundo, mas hoje diz ter estado sempre "a aprofundar uma investigação fenomenológica sobre o ser humano". "É engraçado", acrescentou Ikeda, "algumas flores não florescem de súbito!" As suas experiências de voluntariado, as viagens, os estudos que fez... "Tudo me trouxe até aqui", neste preciso momento: "agora mesmo!" Sente que está a intervir na esfera pública, porque há "uma dimensão diplomática" no resgate dos detalhes monumentais que se abrigam sob o manto da "história das relações entre os povos". A semente já estava plantada em si, pelo menos desde que estudava com os seus irmãos e os demais discípulos do seu pai, sob orientação deste. Agora, vê que "está a nascer uma flor no sul da Europa". A sua investigação é académica, e muito dependente de ferramentas filológicas, mas ele acredita perfeitamente que o seu "trabalho terá um impacto positivo" na esfera pública, pois acredita que estimulará uma aproximação entre as culturas distintas quando der a conhecer melhor "os termos" em que se deu "o encontro entre Portugal e Japão, no século XVI", e as respetivas repercussões. O conhecimento não se produz só dentro nem só para dentro das academias! Ikeda deixou-o bem claro: "Há um público muito diverso para tantos e tantos temas... Por isso é importante que os resultados das investigações estejam abertos para as pessoas. Se estiverem abertos, não faltará quem queira: a curiosidade é uma das maiores forças a mover a humanidade". Por isso, talvez seja melhor que os membros do IEF se encham de bravura e sejam todos ouvidos para a sugestão de Rui Gabriel Caldeira, que disse ser preciso "mais participação dos membros na Internet, na Rádio, na TV, nos jornais; e publicar mais literatura de divulgação e não apenas estudos para

especialistas". Às duas por três, não só o filósofo português tem razão quando aponta ser necessário que os membros façam um esforço nesse sentido como também todos esses meios de comunicação sairiam muito a ganhar em receber-nos, pois o grande público tem sede de filosofia, e beberá tudo de uma assentada só tão logo quando a possibilidade se apresente. Contudo, haja cuidado; pois, apropriando-nos da voz de Cristóvão Marinho—quando este assinalava a “falta” de uma “big picture, isto é, um quadro histórico-epistemológico para compreender a ‘escolástica tardia’”, falta esta que nos faz “correr o risco de cair numa simplificação historiográfica”, que levaria a uma “leitura teleológica do passado cujo escopo seria a filosofia moderna”, leitura esta que “seria estéril”—, cabe advertir que corremos o risco de cair numa “simplificação que não dá resultados”; ou, pior, cujos resultados serão catastróficos.

A.3.3: Éticas do Cuidado

Se alguém há que, por forma a destilar o seu veneno, tenha lançado o boato de que os membros do IEF—por se dedicarem a um projeto voltado para a história da filosofia e para a valorização do património filosófico coimbrão, que conhecem como a palma da mão—só sabem jogar em casa, lançando a âncora antes mesmo de haver sentido o balanço das ondas, esse alguém deve ter ficado a espumar de raiva quando lhe começaram a chegar informações de outro sítio que não o calcanhar do mundo, e se apercebeu que só dizia disparates. Desde 2018 que os membros do IEF se dedicam, com armas e bagagem, a explorar a temática das éticas do cuidado. Deste projeto não resultou apenas a publicação de obras monográficas, mas também a de numerosos artigos científicos em Portugal e no estrangeiro, assim como a organização do Colóquio Internacional *Roads to Care*. A estratégia comum dos membros do IEF resultará também num segundo *Roads to Care*, em 2022, estando também planeadas várias publicações sob selos editoriais de comprovada excelência e revistas académicas sediadas além fronteiras. Se os olhos de quem tem feito do IEF um saco de pancada não estiverem a soltar faíscas, talvez possam dar xeque-mate à sua própria ignorância e empregar bem o tempo, poupando punhos e articulações por via da leitura de algumas das produções patrocinadas pela Unidade. O IEF não dará calor a ninguém, porque não é fogueira nem aquecedor; contudo, continuará a dar a lume o melhor que há no mundo das artes e das humanidades, sabendo que é a sua missão construir sobre as letras como quem constrói sobre a rocha e fazer história. E, diante de rumores de ultra-historicismo, o IEF propõe a viabilidade de uma aproximação sistemática à filosofia que capte o fluxo de fenómenos, como o diálogo entre culturas e povos, sobre a base de uma estratégia salvaguardada pelos ensinamentos conceptuais da hermenêutica filosófica. Este pendor para uma forma de encarar a filosofia que não se fica pelo trabalho da análise discursiva é palpável um pouco por todos os cantos da casa; leia-se 'IEF'. Isabel Campos não tremeu, e nenhum outro membro da Unidade deveria tremer, na hora de afirmar entregar-se à filosofia sob um ritmo

"mais fenomenológico e metafísico" do que exclusivamente "analítico". Uma grande virtude do IEF é que quem disser o contrário também não precisa de sentir arrepios ou ficar com macaquinhos na cabeça. Como sugeriu a investigadora, no IEF não se mete ninguém entre a espada e a parede; e quem é membro sabe o que é sentir-se "livre". É tarefa da Unidade não virar a cara aos desafios da vida em comum, pelo que os seus membros são estimulados a evoluir por via da interpretação e aplicação das noções mais elementares das diversas doutrinas filosóficas. Por isso procura-se, por um lado, distinguir as relações que configuram as tramas das mais significativas produções da memória do entendimento, e por outro trata-se de aprofundar a apreciação do fundamento e do significado do impacto dessas tramas ou enredos no seu desenvolvimento fenomenológico. Não se trata, contudo, de fazer reduções ou venerar o catecismo da fenomenologia, pois os membros do IEF não saem à rua vazios de pressupostos e finalidades: do lado dos primeiros, acolhem a regência instrutiva da lógica e da metafísica na disposição de toda a experiência, e do lado das segundas impõem-se os pulsos cruzados das éticas e do cuidado. Joana Ramos foi o exemplo mais notável quanto a este assunto, ao sugerir que o cuidado é uma dimensão fundamental na vida humana, tanto para os indivíduos tidos enquanto indivíduos, quanto para a sociedade entendida como um todo. E, para quem diz que o tema do cuidado não é um tema filosófico, a filósofa portuguesa respondeu dizendo que o tema do cuidado "faz parte da discussão, do pensamento e da procura que é própria da filosofia", acrescentando que "faz parte do desafio" da Unidade "discutir e aprofundar" a temática do cuidado. Assim, no coração da Unidade de I&D, o caminho que está a levar a uma fusão orgânica capaz de estimular o compromisso de todos os membros passa pelas éticas do cuidado. Por *cuidado*, podemos entender as atitudes e a inquietação com respeito às condições de bem-estar e às necessidades da humanidade. Ao debruçar-se sobre as éticas do cuidado, o IEF serve de veículo para que se afirme ser urgente que os seres humanos se ocupem de si mesmos, das suas cercanias e dos demais. Assim, os membros do IEF trabalham com base numa orientação ética que visa favorecer o desenvolvimento de atividades e facilitar, à sociedade como um todo, a obtenção de resultados que permitam intensificar ou de algum modo ocupar-se do chamamento lançado por todos os seres que sofrem. Mais do que uma força, esta estratégia comum dos membros do IEF—ou seja, o facto de encararem as éticas do cuidado de lés a lés—constitui uma valiosa oportunidade. Se os avaliadores do painel que avaliou a Unidade ainda não ficaram convencidos quanto à excelência do trabalho até agora realizado neste âmbito (Cf. Esfeld et al. 2019, 16), ficaram-no expressamente quanto ao potencial desta estratégia de investigação. A missão dos membros do IEF passa por responder aos apelos do tempo presente, e o painel reconhece-o explicitamente quando diz que a dedicação da Unidade à temática das éticas do cuidado deixa entrever que o IEF "procura causar impacto na sociedade [*wants to have a social impact*]"; e também quando afirma que as éticas do cuidado constituem, sem sombra para dúvidas (*undoubtedly*), uma temática que deve ser abordada no futuro, "também em virtude da sua atualidade e repercussão políticas [*also because of its political actuality and repercussion*]" (*ibid.*, 15-16). Os membros

do painel de avaliação não foram explícitos quanto a uma outra força característica desta oportunidade do IEF: falaram de atualidade, do potencial impacto na forma como os seres humanos se organizam em sociedade, é verdade; mas faltou-lhes calçarem os sapatos de quem investiga e acrescentar o que Isabel Campos disse com todas as letras: uma das grandes forças do tema do cuidado é ser "um tema aberto", que "permite" avançar com "subtemas". Essa abertura permite à Unidade ter um espaço aberto para investigadora/es com os mais diversos interesses, e para investigações que correspondam aos mais diferentes perfis. Só falta, como disse Cristóvão Marinheiro, que esta estratégia seja "vívida", que lhe seja dada vida. Como vimos acima, o painel de avaliação também considerou ser o resgate da tradição filosófica de Coimbra uma importante dimensão da missão do IEF. Se houver ainda alguém disposto a jogar na lama e mover céus e terra para acusar os membros do IEF de se dedicarem a dois projetos de investigação distintos, apontando isso como uma fraqueza e como um claro sinal de divisão interna, há que perguntar a coisa mais simples do mundo, mas que deixa os mais ferozes críticos como burros a olhar para um palácio: em que medida? Em que medida é que isso é uma fraqueza e em que medida é que isso constitui evidência de cizânia, desmembramento ou secessão? Há, aliás, quem pense o preciso contrário. Como disse Tom-Eric Krijger, professor assistente na Universiteit Leiden, no dia 12 de abril, "ter projetos distintos e produções (*outputs*) heterogéneos não é mau". Como acrescentou o filósofo, trata-se do oposto: "A verdade é que faz todo o sentido que a filosofia em Coimbra tenha um projeto exclusivamente dedicado à sua tradição filosófica. É uma tradição de muitos séculos, com um enorme património e que desperta um grande interesse no seio da comunidade internacional. Como ignorar isso?". Quando confrontamos Krijger com a possibilidade de se considerar o facto de o IEF trabalhar em dois terrenos distintos como uma fraqueza ou até mesmo uma ameaça, o pensador especializado na história do cristianismo—e que aderiu à Unidade a convite pessoal de Mário Santiago de Carvalho—respondeu clara e distintamente: "São dois projetos: um dedica-se à tradição de Coimbra e o outro dedica-se a responder de forma mais sistemática aos desafios lançados pela atualidade". A tradição filosófica impõe-se, porque a Unidade se encontra numa situação privilegiada, isto é, está sediada em Coimbra, cidade que Krijger disse ser uma espécie de "mosteiro académico [*academic monastery*]". Só que "para fazer jus (*to do justice*) à tradição filosófica de Coimbra", disse Krijger, "o IEF tem de assumir a sua responsabilidade social e fazer a sua parte (*to play its part*) nos esforços comuns para encarar os problemas prementes do presente. A filosofia em Coimbra, ao longo dos séculos, nunca se furtou de ser contemporânea e responder aos apelos do seu tempo". Aliás, lembrou Krijger, "é o estudo da tradição filosófica de Coimbra que nos permite entender que o projeto dedicado às éticas do cuidado representa uma continuidade". A Krijger juntou-se Mitsutake Ikeda, que considera que a temática das éticas do cuidado é uma temática que é transversal na tradição filosófica de Coimbra, mas não só. Segundo Ikeda, não há ciência sem cuidado, tal como sem cuidado não haveria humanidade: falar de ética e de cuidado "é tocar em tudo o que é importante para a humanidade". "A ciência, por exemplo," disse Ikeda,

"é inseparável do cuidado", e até para "sentar na cadeira" é preciso "ter cuidado". Quem faz ciência não precisa de cuidar e ser cuidada/o? Haverá que pedir aos críticos, educada mas firmemente, que suspendam a temporada de caça e desistam de ser coordenadora/es ou avaliadora/es de bancada, pois no IEF não reina a falta de sentido. Os membros do IEF têm sabido responder com competência à complexa relação entre o presente e o passado, sempre com o olhar para o futuro. Os projetos do IEF articulam-se, não só entre si mas também com o legado acumulado ao longo dos muitos séculos de produção filosófica; *em Coimbra, sim*, mas não só em Coimbra, não só em Portugal e não só na Europa. Para além do propósito de alargar o *corpus* filosófico em língua portuguesa por via da tradução dos maiores escritos das tramas da memória do pensamento filosófico na sua multiplicidade de geografias e culturas, tal como pela publicação em acesso aberto dos mais primorosos resultados da sua atividade de investigação, é intuito dos membros reconhecidos pelo IEF fomentar a conceptualização filosófico-sistemática que responda, também em português, aos desafios sociais que interpelam quem pensa nas diversas línguas, dialetos e circunstâncias do tempo presente. Isto é do conhecimento público. O IEF apresenta-se como uma célula especializada nos impasses da ética e nas temáticas afetas às noções filosóficas de 'cuidado'—*care, Sorge, забота* (zabôta), e tantas outras formas—que florescem nos diversos territórios, sempre triangulados no quadro das múltiplas encruzilhadas em que as éticas e o cuidado podem ou devem encontrar-se com respeito às grandes questões que giram em torno do convívio entre os indivíduos e as culturas; o legado, a atualidade e as hibridações das ciências; as dificuldades e contratempos da política; e as especificidades dos credos religiosos. Quem tiver coragem para dizer que a tarefa do IEF é de pouca importância pode ficar com a bicicleta: é ridículo pôr-se à bulha com o absurdo. Mas não se engane quem pensa que vamos ficar parados, seja perante quem o diz, seja perante quem diz que o tema das éticas do cuidado é uma perda de tempo. Nem mesmo aquela que talvez seja a voz mais crítica no seio da Unidade, que é a de Pedro Vilar—voz que, aliás, considera que o próprio conceito de unidade deve ser questionado—, nos disse que no IEF se perde tempo com o trabalho desenvolvido em torno das éticas do cuidado, pois também ele saiu muito enriquecido com as atividades organizadas pela Unidade no âmbito deste projeto, como foi o caso com o *Roads to Care*, colóquio no qual o tema do feminino, *autêntico "silêncio" na historiografia filosófica ainda hoje herdada*—é a voz do pensador—, não foi esquecido, mormente graças aos contributos de Daniela Rosendo e Fabiana Tamizari. A pensar em quem se dedica ao pensamento meta-ético e à desconstrução filosófica, como é o caso de Vilar, o IEF deveria apostar mais nos cruzamentos entre as éticas do cuidado e o tema do feminino, pois numa intersecção como essa, nas palavras do pensador português, essa/es pensadora/es sentiriam que têm "algo a dizer". E em boa verdade, o tema do feminino tem sido esquecido, mesmo que não tanto como o da animalidade. Basta ver que nos mais recentes ciclos de encontros organizados pelo IEF sobre a temática do cuidado, temas como os agora referidos são deixados sem palavras, e só graças a membros como Pedro Vilar é que esses silêncios se atravessam na

garganta de quem os deixou para lá. Vasco Cardoso foi assertivo quando disse que o IEF não cometeu um erro ao escolher esta temática: "é um tema que cruza a teoria e a prática como poucos outros", e que contraria toda e qualquer "tendência para fechar-se": é, disse Cardoso, "um tema aberto"; e entenda-se aqui que, na palavras do filósofo português, a palavra "aberto" foi pronunciada em itálico. Mas a abertura do tema não implica uma correspondente atitude por parte da Unidade e de quem a lidera/dirige/coordena. Urge, por isso, dar resposta à questão colocada por Marcela Uchôa, que nos perguntou até que ponto estaria o IEF aberto para a grande variedade de "abordagens possíveis sobre o tema do cuidado". Uchôa, que já tem trabalhado a temática do cuidado nos cruzamentos desta com os estudos feministas, levantou uma questão pertinente. Quem esteve presente no *Roads to Care* de 2018 e tem acompanhado as sessões *Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado* desde finais de 2020 até agora, pode responder por nossa vez: a abertura é plena. No IEF, tem-se trabalhado sobre as éticas do cuidado nas suas afinidades, *inter alia*, com as áreas da saúde, da assistência social, da ecologia, da política, das artes, dos afetos e da mediação digital. O que ainda nunca foi feito no IEF, é avançar com algum trabalho dedicado à temática do "cuidado da mente", algo que foi proposto por José Guilherme Sutil. Segundo o filósofo, este é "um grande tema", com "potencial" para acolher contributos "interdisciplinares" e para "responder" a alguns dos grandes desafios dos nossos dias. Quer-nos parecer que Sutil tem carradas de razão e que, se o IEF avançar com alguma iniciativa sobre o "cuidado da mente", ficará provado que o pensador de Coimbra acertou em cheio na previsão. O tema do cuidado não parece, a Margarida Neves, ser "mau em si", se bem que as reflexões da filósofa sugerem que é preciso ter algum cuidado para que esta estratégia comum não se transite do lugar que lhe atribuímos nas 'oportunidades' para um lugar nas 'ameaças' ou nas 'fraquezas', ao invés de transitar, como é desejável, para as 'forças'. Como disse Neves, trata-se de um tema atual e que demonstra uma grande atenção "às necessidades do mundo no momento", mas tem o defeito que qualquer tema teria, especialmente numa Unidade de I&D na área da filosofia, que é o risco de impor uma confluência. A chave para a união, para uma confluência de interesses e um olear das dinâmicas solidárias de um coletivo, não deve ser imposta. Conforme anunciou Neves, bloquear os carreiros da "diversidade que possa existir numa Unidade de Investigação", pode levar à rota da "superficialidade". Catarina Rebelo já havia dito, a respeito da formação, algumas palavras consonantes com a posição de Neves, quando afirmou que o Doutoramento em Filosofia, no caso de Coimbra, é uma força para a Unidade e para que haja a diversidade a que Neves se refere acima. Contudo, Rebelo não deixa de ser de opinião de que a oferta formativa da Unidade sairia a ganhar se ao tradicional Doutoramento em Filosofia fosse acrescentado um Programa de Doutoramento centrado na temática do Cuidado, de modo a alargar não só "o número de formandos", mas também para suprir a falta de contexto para "encontros regulares entre os membros em formação". A ideia de Rebelo serviria, também, para desatar o nó identificado pelo painel de avaliadores, nomeadamente quando disseram que, se a Unidade espera que o trabalho em torno das éticas do

cuidado seja de facto discernível como um projeto sólido do IEF, tal deveria ser feito com "um mais claro foco temático [*a clearer thematical focusing*]", integrando as éticas do cuidado numa "estratégia de investigação mais abrangente [*a more encompassing research strategy*]" (Esfeld et al. 2019, 16). Sem dúvida que Rebelo apontou um rumo de primeira linha para responder às críticas do painel, pois um Programa de Doutoramento centrado nas éticas do cuidado não apenas deixaria entrever um claro foco por parte da Unidade como também implicaria a integração da temática numa estratégia de investigação necessariamente mais compreensiva. É possível tentar ultrapassar as dificuldades que Esfeld e os demais membros do painel identificaram. Contudo, como sugeriu Diogo Ferrer, vai ser duro ultrapassar "a falta de integração do tema no trabalho da Unidade", pois "é difícil" que singre "uma Unidade temática num país com a dimensão de Portugal". Ainda assim, o autor de *Transparências: Linguagem e Reflexão de Cícero a Pessoa* (Ferrer 2017) considera que por cá "poderia fazer-se um maior esforço para trabalhar temas comuns a partir de diferentes perspectivas". Ainda assim, convém assinalar aquilo que ficou claro no encontro entre os membros do IEF e o painel de avaliação e que foi lembrado por Fernando Santor, professor com cerca de 15 anos de experiência docente cuja formação de base é em Comunicação Social, com especialidade em Publicidade: "a heterogeneidade do IEF surpreendeu positivamente alguns dos avaliadores"; é pena, deve dizer-se, não ter sido esse o caso com todos os membros do painel, o que ficou refletido na avaliação. Por isso, como disse Santor, há que "definir bem a visão, a estratégia do IEF". No maior ou menor sucesso desse esforço de definição poderá estar, precisamente, o busílis da dúvida quando o próximo painel estiver a balouçar entre subir a avaliação do IEF para um muito bom ou um excelente.

A.3.4: Mundo Digital

A comunicação, a organização de eventos e as publicações em linha já poderiam ser consideradas uma força do IEF. Contudo, tal seria ainda, talvez, precoce, principalmente se tivermos em conta que a comunicação interna e as insuficiências na divulgação do trabalho dos membros foram apontadas como ameaças ao desenvolvimento pleno da Unidade. No mundo digital está, certamente, uma oportunidade muito valiosa, e que o IEF já tem sabido aproveitar até certa medida. Foi durante o primeiro confinamento português no ano de 2020 que o IEF se estreou na organização de eventos em linha. Pode ser argumentado que a carga de trabalho de organizar atividades em linha não é necessariamente inferior à de organizar eventos presenciais, não justificando que se perca a acareação que apenas a tradicional proximidade no espaço físico parece proporcionar. Contudo, várias coisas devem ser tidas em conta, como sejam os custos e o impacto. Como poderia o IEF ter trazido a Portugal, de uma assentada, a/os vinte e nove participantes que ministraram as quarenta e cinco sessões em regime de vídeo aberto entre abril e junho de 2020? Não fossem os meios digitais, o IEF não poderia ter levado a cabo tamanha façanha. Ademais, como poderiam estas comunicações

estar disponíveis para o grande público 24h/dia, para ver e rever, senão graças à internet e demais meios envolvidos? A falta de financiamento não é desculpa para "não fazer as coisas": é preciso procurar alternativas, saber explorar a esfera da viabilidade com atenção aos recursos disponíveis e alguma criatividade à mistura. Como foi dito por João Carvalho, "Se ficarmos sentados à espera de financiamento, ele nunca virá". Onde iria o IEF desencantar as verbas necessárias para trazer a Coimbra investigadora/es vinda/os do Brasil, da Costa Rica, de Espanha, dos Estados Unidos, da França, da Itália, do México, de vários pontos de Portugal e da Rússia, como se fez com recurso aos meios digitais? Como chegaria o público, que essa/es investigadora/es e a equipa de comunicação do IEF arrastaram para as salas virtuais, às cadeiras de um qualquer anfiteatro da FLUC? Como disse João Carvalho, "mesmo pós-pandemia, este é o caminho a seguir. E é uma forma de abrir as portas do IEF aos membros que estão no estrangeiro". As atividades em linha são uma forma, também, de alargar o número de membros da Unidade. Exemplo disso é o de Iuliia Nikitenko, investigadora que diz não ser "filósofa no sentido académico", mas que por ter-se dedicado à história da cultura, acabou por se ir aproximando mais e mais da área da filosofia. A *filósofa*, no sentido pleno da palavra, tornou-se membro colaborador do IEF em 2021, mas tudo começou com uma atividade em linha organizada pela Unidade e que decorreu no dia 12 de maio de 2020. Um filósofo italiano recomendado por Emanuele Landi, Michele Merlicco, deu uma conferência em francês sobre Maquiavel, a convite do IEF, nesse mesmo dia. Nikitenko, colega de Merlicco na Université de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, assistiu à sessão por sugestão da admirada Marie Dominique Couzinet; e assim se estabeleceu o primeiro contacto entre a filósofa russa e a Unidade de Coimbra. Damos a palavra a Nikitenko: "Pouco tempo depois, recebi um convite para dar a conhecer o meu trabalho na área da filosofia ao IEF e ao público interessado". Foi no dia 9 de junho de 2020 que Nikitenko apresentou, numa sala Zoom aberta ao público, os resultados da sua investigação sobre a recepção da ética aristotélica na literatura das cortes renascentistas da Itália, mais particularmente na obra de Baldassare Castiglione. Assim, tornou-se próxima do IEF; e, como disse Nikitenko, "quando surgiu o convite para aderir à Unidade, no princípio de 2021, aceitei imediatamente". Contra as vozes que ainda surgem a anunciar os perigos da digitalização, permitimo-nos lançar as palavras sábias de Mitsutake Ikeda: "Toda a gente tem a ganhar com uma aproximação: as humanidades e as ciências informáticas não se contradizem em nada! E não apenas as humanidades têm a ganhar com a informática como a informática tem a ganhar com as humanidades. Pensa na filosofia: já passou o exame dos séculos. Não terá a informática nada a aprender com a filosofia?"

A.4: Ameaças

Ameaças são fraquezas com potencial de se transformarem em desastres. Outras breves palavras sobre as ameaças poderão ser lidas *supra* (in A.1) e abaixo (p. 81).

A.4.1: Massa Crítica

O IEF depara-se com uma enorme ameaça quando falamos daquilo que Diogo Ferrer classificou como sendo "o maior problema do IEF", que é o mesmo que já António Manuel Martins havia identificado com respeito à LIF: a "massa crítica". Por massa crítica, aqui, evitamos uma leitura sociológica que aponte para uma mentalidade coletiva ou espírito de grupo, apesar de ser esse o sentido que Martins parece ter atribuído a esta controversa noção. Foi, sem dúvida, essa a perspectiva segunda a qual Ferrer a empregou, pois disse-nos tê-la utilizado "no sentido da física atômica como imagem para as interações intelectuais", não se referindo "em primeiro lugar à questão do financiamento", mas principalmente ao "número de investigadores" que, se fosse mais elevado, poderia aumentar "as possibilidades de interações produtivas, e criar uma dinâmica de grupo ainda mais forte e sustentada, potenciando a qualidade científica já existente". No ponto de partida da nossa leitura, *massa* deve ler-se como 'quantidade de matéria' e *crítica* como 'que revela a crise'; e, por isso, interpretaremos "massa crítica" de forma outra e singela, com as costas largas graças a um texto elementar mas douto—pois o autor completou a sua formação doutoral na New York University—que encontramos na *Investopedia*, onde pode ler-se que esta massa "corresponde ao limiar a partir do qual uma empresa em crescimento passa a ser auto-sustentável e a prescindir de investimentos suplementares a fim de se manter economicamente viável [*is the point at which a growing company becomes self-sustaining and no longer needs additional investment to remain economically viable*]" (Kenton 2020). Neste caso, vertemos "empresa" por "Unidade de I&D", fechamos os olhos ao "ser auto-sustentável" e abdicamos do "prescindir de investimentos suplementares a fim de se manter economicamente viável" em favor do "passa a auferir de financiamento adequado à realização de atividades de I&D e à produção de resultados de excelência na sua área de atuação". Como disse Cristóvão Marinheiro, com recurso a um vocabulário aristotélico, há na nossa leitura de massa crítica um "transpasso *eis allo genos*" (de μετάβασις εἰς ἄλλο γένος); isto é, no fundo, dizer que houve um salto ilegítimo de uma categoria ou género para outra/o. Esta nossa leitura da massa crítica é, dá para ver, muito suspicaz; mas poderá ser dito, pura e simplesmente, *non sequitur*? Em caso de dúvida, continuará aqui a ser aprofundada. Assim, massa crítica corresponde ao limiar a partir do qual uma Unidade de I&D em crescimento passa a auferir de financiamento adequado à realização de atividades de I&D e à produção de resultados de excelência na sua

área de atuação. Ora, como nos disse António Manuel Martins, a investigação filosófica em Coimbra andou à penúria durante décadas a fio, e mesmo agora a situação não parece ser risonha, apesar do "Bom" obtido pelo IEF na passada avaliação pública. Entendidas as coisas no sentido acima, há que dizer que o IEF ainda não ascendeu ao nível da massa crítica. Como disse Margarida Neves, se isto é verdade, então "é naturalmente desejável que não seja assim", pelo que refere a "atractividade da unidade". Isto é sinal de que algo precisa de ser feito, como disse a filósofa, "para que haja mais interesse" no IEF. O financiamento é essencial; e o IEF tem que mostrar o seu valor. Claro, como disse a também artista e filósofa de Leiria, falar de financiamento dificilmente constitui uma "sugestão revolucionária". Contudo, como me pareceu ler nas entrelinhas da sua resposta, Neves parece estar de acordo se dissermos que o financiamento, os fundos vivos e disponíveis para meter projetos a andar e começar a partir pedra, são condição *sine qua non* para a própria sobrevivência de uma Unidade de I&D, e a falta do mesmo uma ameaça à sua sobrevivência. João Carvalho também o notou; segundo o filósofo português, o IEF "tem que lutar por mais financiamento, pois a falta deste é um entrave à investigação". Foi o que também disse Gilmar Kruchinski Junior, ao referir ser "indignante" a falta de apoio financeiro à Unidade, o que se reflete numa "baixa capacidade para atrair jovens estudantes" e numa "quase total ausência de apoio financeiro aos membros em formação". Não é sem mais nem menos que este talentoso filósofo tem razão: é porque é verdade. Contudo, não é certo que devemos baixar os braços. Como disse Fabiana Tamizari, faz falta "coragem" para procurar formas alternativas de financiamento, como sejam o "crowdfunding". De facto, Tamizari's *got a point*, até mesmo porque, como disse Rui Gabriel Caldeira, em Portugal "faltam estímulos por parte do Estado para a filosofia", tal como para "as humanidades em geral". Também Samuel Oliveira referiu a questão do financiamento aquando da nossa entrevista. Foi no espírito da sua mensagem que me visitou a ideia de que as ameaças devem ser encaradas de olhos abertos. Segundo o filósofo português, a falta de financiamento é uma enorme ameaça, "mas o financiamento não vale por si só"; disse-nos isto Oliveira, no sentido em que não se deve procurar obtê-lo de forma cega e "sem olhar aos custos"; pois estar estribado não significa necessariamente estar bem. É importante sublinhar que Oliveira não é um negacionista: o IEF tem poucos fundos e o financiamento é essencial para que quem investiga "possa dedicar-se" a investigar. Sem dinheiro, é difícil que uma Unidade de I&D desempenhe bem "o seu papel". Como lembrou o filósofo, tal papel passa, acima de tudo, por "estar ao serviço dos seus membros". Mas é bom que uma Unidade de I&D desempenhe bem esse papel, porque quem investiga não vai deixar de fazê-lo—uma vez que quem sente de modo constante a "irritação da dúvida"; *irritation of doubt*, assim se fala na tradição peirceana para indicar que há um certo gatilho para a investigação; para duas leituras dissonantes desta noção ver Deledalle 1990, 28-30 e Gaultier 2016, 394—, e tampouco abrirá mão de aprofundar a sua "inteligência científica (*scientific intelligence*)", isto é, não descurará o desenvolvimento da sua capacidade de "aprender por via da experiência (*learning by experience*)" (Peirce 1931-1958, vol. 2 pará. 227); e, bem

ou mal, levará a cabo a sua tarefa. Por isso, as coisas podem muito bem ser assim ou assadas: ou uma Unidade tem quem passe bem e investigue ou uma Unidade tem quem investigue e passe mal. A nós, quer-nos parecer que os "quem investigue" são sempre diferentes, mas não há razão para acreditar que o "quem investigue" do "passe mal" seja por acaso—e muito menos por *default*—melhor que o do "passe bem". Para quem ama a investigação, anunciou Serranito, "é difícil imaginar outra vida, por muito difícil que seja a situação sócio-económica e falem oportunidades". Para quem ama a filosofia, perdoe-nos Tomaz Fidalgo se estamos a variar exageradamente sobre as suas palavras, é difícil fazer diferente, mesmo que seja para atrair financiamento. Agora sem exageros; a receita do filósofo português é muito acertada: é preciso encontrar "um equilíbrio". Assim é, porque por muito que se ame, a vida não pode ser só namorar, seja com as pessoas, seja com a filosofia, seja como for. Talvez seja preciso que os membros do IEF se cultivem também na arte de conseguir financiamento. Para não nos limitarmos a dar conta desta séria ameaça, disponibilizamos abaixo (suplemento B.4) um breve resumo por nós elaborado no âmbito da unidade curricular Negociação, Avaliação e Elaboração de Candidaturas. A primeira parte do texto de Grit Laudel (2006, 489–495) foi apresentada aos colegas pela Doutora Joana Cruz e o restante (*ibid.*, 495-504) por mim, conforme pode ler-se *infra*. Imediatamente depois (ver B.5), tendo em vista quem financia a investigação e em mente o interesse de numerosos membros da comunidade científica nas áreas das artes e das humanidades, deixamos um esboço de um plano de um concurso para investigações dedicadas à *Idade Latina*, também redigida no âmbito da disciplina de Negociação, Avaliação e Elaboração de Candidaturas da Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, ministrada por Filipa Borrego, João Cortez e Margarida Trindade.

A.4.2: Comunicação Interna

Vasco Cardoso notou que "as estratégias de comunicação" da Unidade precisam de ser "melhoradas". Luiza Lima também o disse. Lima, apesar de não nos ter concedido uma entrevista, teve a gentileza de partilhar por correspondência um pouco da sua experiência no IEF. A filósofa lembrou que, em 2017, quando ainda se dedicava assiduamente às atividades de investigação filosófica, das quais se afastou mais recentemente por falta de financiamento para terminar o seu Doutoramento, a comunicação interna estava longe de ser a ideal. Um grande número de membros do IEF atua em Coimbra ou Lisboa, e a falta de comunicação em linha fazia sentir que se tratavam de "dois núcleos". Esta fraqueza, contudo, tem vindo a ser superada. Como tem notado Lima, a "frequência" dos contactos via email aumentou recentemente, e os membros têm recebido "informações bastante relevantes sobre candidaturas, sessões / conferências, etc", o que lhe parece "bastante positivo", e certamente ajuda a superar a distância geográfica entre os membros do IEF. Esta distância, convém acrescentar, não se limita a Lisboa e

Coimbra, pois o IEF reconhece membros oriundos de vários cantos do mundo, desde a China, o Japão e a Rússia, até à América Latina e vários estados-membros da UE, como sejam a Espanha, o Luxemburgo ou os Países Baixos. O déficit de comunicação interna que ameaça o IEF, felizmente, será ultrapassado. O nosso otimismo não veio à tona por força da inspiração advinda dos céus ou da leitura de uma qualquer história da carochinha, pois sustenta-se numa perspicaz e contra-intuitiva observação de Simão Lucas Pires. Segundo o filósofo que venceu o Prémio Ensaio Filosófico Manuel Barbosa da Costa Freitas em 2019, há "vantagens" em tratar-se o IEF de uma jovem e "pequena Unidade", pois será mais fácil promover "uma maior proximidade entre os membros". Mas, para que se realize o futuro conforme o previsto acima, é preciso agir depressa, pois o número de membros colaboradores não tem cessado de crescer, e é também previsível que a maior parte dos trinta membros colaboradores que estão em fase de formação doutoral integrem a Unidade logo que lhes seja reconhecido o grau de Doutor/a. Como disse Pires, "o alargamento" deve ocorrer, "idealmente, faseadamente", de preferência "pela integração dos formandos" à medida em que elas e eles vão a "obter os títulos académicos". Para "alargar e ser bem avaliados", lembrou o filósofo português, "não vale tudo: há princípios que devem ser tidos em conta". Escusado será dizer que era disto que estava Tomaz Fidalgo a falar quando, na entrevista, nos disse ser preciso encontrar "um equilíbrio" entre a necessidade do IEF "tornar-se apetecível para quem atribui financiamento" e o IEF continuar a ser o IEF e não passar a ser outra coisa qualquer. Não obstante a Unidade ter uma vontade de ferro para crescer, é preciso insistir na paciência, porque os novos membros, como disse Maria da Conceição Camps, "vão vindo", pois "o IEF tem muitos membros a transitar para integrado". O facto de que as perspectivas de alargamento passam, sobretudo, pela integração dos membros atualmente em formação constitui uma excelente notícia. Camps lembrou que "para que as pessoas não vão embora" é preciso "criar espírito de grupo". Que Camps fale em 'não ir embora' volta a sublinhar que a prioridade, em matéria de alargamento, é posta nos atuais membros colaboradores. Não temos a menor dúvida de que essa aposta é a mais acertada, também para que se crie um espírito de grupo capaz de responder às necessidades de unidade no seio da Unidade, uma vez que a esmagadora maioria dos membros expressa um acentuado sentido de pertença ao IEF, o que por si só já promete que o futuro trará ao IEF aquilo de que o IEF mais precisa: unidade. Assim, vale a pena dizer que no IEF há um desejo ardente de alargar, mas há também a maturidade que lembra que na linha da frente devem estar os nomes da nossa formação doutoral, como sejam os de Álvaro Norton de Almeida, André Morais Mendes, Andreia Carvalho, Antonio Lima, Artur Lemos da Silva, Bárbara Silva, Braz Rafael da Costa Lamarca, Carla Micaela Ribeiro Barbosa, Carlos Monteiro, Constantino Martins, Fernando Silva Santor, Flavia Renata Quintanilha, Gilmar Kruchinski Junior, Guilherme Rodrigues, Hugo Mendes Amaral, Isabel Campos, Joana Ramos, José Guilherme Sutil, José Manuel Beato, Margarida Neves, Maria Corga, Miguel Gouveia de Oliveira, Mitsutake Ikeda, Paulo Soma, Pedro Nuno Lopes, Pedro Vilar, Ricardo Azeredo Lopes Martins, Robert Junqueira, Simão Lucas Pires, Tomaz

Fidalgo e Vasco Cardoso. Mas se a Unidade já enfrenta problemas a nível de comunicação interna sendo pequena, como fará quando for mais desenvolvida? Esta ameaça, aliás, pode até tolher o crescimento da Unidade, seja a nível dos membros, seja a nível científico. Camps disse-o sem rodeios: "falta comunicação e iniciativas de trabalho em conjunto", como sejam "leituras conjuntas, reuniões regulares e espírito de projeto". A filósofa lisboeta foi mais longe: "falta diálogo; e sem diálogo não há ciência, filosofia ou até felicidade humana". É preciso aprender com o exemplo do núcleo de Lisboa, cujos membros em formação se foram encontrando mensalmente, durante um largo período, para discutir os avanços da investigação. Isto foi-nos contado por Isabel Campos, que ainda acrescentou que tal não foi remédio para as insuficiências do IEF em matéria de comunicação interna, pois continuava a sentir-se uma grande distância entre os dois grandes pólos nacionais, Coimbra e Lisboa. Uma ressalva: termos dito ser a iniciativa do núcleo de Lisboa (por Isabel Campos referida) exemplar prende-se com o facto de que aí está um modelo a ser seguido, mas sob o signo da recomendação de Campos: com "mais articulação entre Lisboa e Coimbra". Aliás, seja-nos permitido ir mais longe e enfatizar o que já antes foi dito: não é só entre Lisboa e Coimbra; o problema é mesmo geral, e também por isso se trata aqui mais de uma ameaça do que propriamente de uma fraqueza da Unidade. Dizer fraqueza seria dizer pouco. A palavra de ordem é mesmo "investimento". É preciso coragem para começar a conjugar o verbo "investir", que foi o verbo escolhido por Marcela Uchôa quando disse ser mister "investir na comunicação". Contudo, nem todos os membros do IEF julgam tratar-se a comunicação interna de uma ameaça ou até mesmo uma fraqueza: a voz de Rui Gabriel Caldeira, que se doutorou em 2015 com uma tese sobre Georg Wilhelm Friedrich Hegel, também deve ser aqui escutada. Segundo o filósofo, cuja vida profissional é dedicada à atividade clínica, no IEF, para além de um espírito integrador que faz com que toda/os a/os investigadora/es se sintam "parte da Unidade", há uma "boa comunicação com os membros".

A.4.3: Divulgação dos Resultados

Parece-nos que Vasco Cardoso tocou no "x" da questão quando nos disse que, ou o IEF "mostra aquilo que faz" ou "parece que faz pouco". Esfeld e os demais avaliadores foram as principais vítimas deste mal-entendido. Ao dizerem que apenas alguns membros do IEF "são muito produtivos e têm publicado em revistas ou editoras internacionais relevantes [*are very productive and have published in relevant international journals or publishing houses*]" (Esfeld et al. 2019, 15), torna-se óbvio que o painel que avaliou o IEF foi encostado contra a parede pela força das aparências. Cumpre observar que a ameaça da fraca divulgação dos resultados tem que ver com a falta de comunicação interna: é difícil dar indicação de um registo de publicações de toda a Unidade, como seria necessário para a avaliação, quando essa informação não se encontra devidamente compilada. Ainda assim, mesmo sabendo que há imensos registos por recolher, já ficou claro pelo

benchmarking competitivo que acima apresentamos que o IEF merecerá, da parte de um futuro painel de avaliação, uma apreciação mais simpática do que a publicada pela FCT em 2019; uma que não dê a entender o que deu a entender a anterior: que, no IEF, só trabalha meia dúzia de gatos pingados. Isso, Esfeld et. al, não foi fácil de engolir, mesmo tendo em conta que os dados anteriores à avaliação eram menos risonhos do que os que se lhes seguiram. Isabel Campos não nos deixa mentir: no IEF trabalha-se e trabalha-se bem, pois segundo a investigadora, "a maneira de trabalhar" é de uma qualidade que se encontra em poucas Unidades, "mesmo que grandes". O que faltou no IEF foi, acima de tudo, uma decente divulgação dos resultados de investigação. Mas será que um painel formado por gente tão competente não tinha a obrigação de ter notado isso? Talvez a melhor maneira de limpar a poeira dos olhos dos membros do painel seja por via da crítica, pelo que pedimos encarecidamente aos membros desse painel para não franzirem a testa perante a nossa indignação. Há quem não trabalhe no IEF? Pode ser que sim... mas vai dar trabalho encontrar. O IEF assumiu o desafio de motivar todos os seus membros no sentido de evoluírem enquanto investigadora/es, tal como enquanto *nodes* em relação num coletivo. Os reptos são necessários para que haja progresso (Trout 2010, 40); e, como é sabido de cor um pouco por toda a parte, a necessidade aguça o engenho (Tutino 2019, 225). As soluções virão com o tempo. Marcela Uchôa sugeriu que é obrigação do IEF "mobilizar as pessoas a estarem ativas", o que pode ser feito por via da promoção dos "membros mais ativos", investindo na "visibilidade do seu trabalho". Uchôa tem razão: o IEF deve bancar a aposta de quem dá mais de si à Unidade. Não obstante, não há força ou autoridade no mundo capaz de nos fazer apostatar: assumir que no IEF a maioria dos membros não levanta um dedo e que o trabalho é deixado às moscas ou anda a reboque de meia dúzia seria dar um golpe sujo na nossa própria consciência. De acordo com Fábio Serranito, por muito injusto que tenha sido o painel de avaliação, o IEF tem mesmo que melhorar a nível da divulgação dos resultados, tal como das atividades que envolvem a Unidade. Por isso, temos o destemor de proceder à autocrítica. Como disse o filósofo português, "é preciso trazer o IEF para o século XXI e começar a valorizar o impacto", até mesmo para "atrair mais investigadores". E não tem Serranito razão? Não é preciso "pensar em novas estratégias"? Quem quer estar numa Unidade que, apesar de ter uma excelente "dimensão humana" e de "acolhimento", não tem força para dar a conhecer os frutos dos seus esforços? Fábio Serranito tem toda a razão. Aliás, não fossem as numerosas forças e os largos horizontes da Unidade, ninguém quereria tornar-se ou permanecer membro do IEF, uma vez que tivesse em conta esta sinuosa ameaça. Fabiana Tamizari notou-o. Segundo a filósofa, o IEF "peca na divulgação". Marcela Uchôa disse-o também: "falta investir na divulgação". É justo dizer que as filósofas têm razão, apesar de que o cenário em 2021 é já muito diferente com relação ao período anterior a 2019, tendo havido uma manifesta evolução. Isto dá-nos força para acreditar que no fundo de toda a ameaça há uma excelente oportunidade. Não queremos com isto dizer que as ameaças não são senão oportunidades. Aliás, muito pelo contrário: ameaças são o que são; isto é, são males, doenças perigosas para a Unidade. Importa, ainda assim, dizer o óbvio: enquanto há doença, ainda há vida; e, havendo pulso e chama, há lugar para a esperança. Felizmente, a falta de divulgação é um mal para o qual o IEF já está sensibilizado.

B: Suplementos

B.1: IEF - 2020 - Arte e Multimédia

Por forma a contribuir para futuros estudos, listamos aqui as publicações multimédia dos membros do IEF durante o ano de 2020. Esperamos que, assim, seja poupado algum trabalho a futura/os investigadora/es que venham a debruçar-se sobre estas matérias, mais afetas à área da gestão que da filosofia. Daremos destaque, por ora, aos conteúdos publicados por Margarida Neves no seu canal de Youtube. A filósofa deu um concerto no Leah M. Smith Hall, em Maryland (E.U.A.), onde se encontrava na qualidade de investigadora Fulbright sob tutoria de Jerrold Levinson:

Newer Music: 4 Pieces for Flute, e ficou registado em vídeo, acessível in <https://youtu.be/w14t2za5DyU>

A mesma Margarida Neves publicou, em 2020, ensaios de várias peças para flauta solo, abordadas a partir das propostas que tem desenvolvido ao longo da sua investigação doutoral:

Chão a Rir de Violeta Vidal, acessível in <https://www.youtube.com/watch?v=aFGIN71FuOo>

The Panic Flirt de Alexandre Delgado, acessível in https://www.youtube.com/watch?v=Vm_RoCo4mnl&t=2s

None but the lonely flute de Milton Babbitt, acessível in <https://www.youtube.com/watch?v=RMn7JYSbQfQ>

Glosa II de Jorge Peixinho, acessível in <https://www.youtube.com/watch?v=5KKBVNeZWWA>

Dois Movimentos de Fernando Lopes-Graça, acessível in <https://www.youtube.com/watch?v=Nx1FVMDuTao>

Itinerant de Toru Takemitsu, acessível in https://www.youtube.com/watch?v=r6ypCg7d_iw

Outra versão de *Glosa II* de Jorge Peixinho, acessível in https://www.youtube.com/watch?v=TORCCLhI_10&feature=youtu.be

Outra versão de *Itinerant* de Toru Takemitsu, acessível in https://www.youtube.com/watch?v=7Ss_yqCOOtQ&feature=youtu.be

Outra versão de *None but the lonely flute* de Milton Babbitt, acessível in <https://www.youtube.com/watch?v=Hr9nk-L0BnY>

No canal de Youtube do IEF, foram publicadas, em 2020, gravações de várias iniciativas organizadas pelos seus membros:

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Arte, com Delfim Sardo, António Pedro Pita e João Maria André, acessível in https://youtu.be/fVYo_E5Pm4M

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Cidade, com José António Bandeirinha, André Barata e Diogo Ferrer, acessível in <https://youtu.be/EGoFgh--sx0>

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Política, com Viriato Soromenho Marques, João Rodrigues e Bernardo Ferro, acessível in <https://youtu.be/9aUgKpT9JBs>

Pensar a pandemia, a Vida e o Cuidado: Saúde, com Manuel Silvério Marques, Pedro Simas, Joaquim Braga e Rui Gama, acessível in <https://www.youtube.com/watch?v=cxrc-FjhDIO>

O pensamento iluminista de Ribeiro Sanches, por Fabiana Tamizari, acessível in <https://youtu.be/TMNIBIBTmBE>

Os Ensaios de Michel de Montaigne, por Danilo Marcondes de Souza Filho, acessível in https://youtu.be/0zXj_kHEnSI

Este outro planeta - o lugar da arte, por António Olaio, acessível in <https://youtu.be/iZF-JPYypSM>

La Escuela de Salamanca, por María Martín Gómez, acessível in <https://youtu.be/x3xyiiBH6xw>

A Era da Pós Verdade: uma era da Internet?, por Fernando Strongren, acessível in <https://youtu.be/0RyB7pcRSLM>

A teoria do Estado de Francisco de Vitoria (ca. 1486-1546), por Jeferson da Costa Valadares, acessível in <https://youtu.be/NHszA3wqvVA>

Éticas del cuidado y teoría decolonial latinoamericana, por María Grace Salamanca González, acessível in <https://youtu.be/G0XdaPAQGA4>

A retomada do ceticismo antigo no período moderno, por Danilo Marcondes de Souza Filho, acessível in https://youtu.be/Y-fw4B0_8rk

O horizonte político do conceito Totalitarismo em Hannah Arendt, por Marcela Uchôa, acessível in <https://youtu.be/ibA6KC9Fb2M>

Globalização e pandemia. Uma resposta a Ulrich Beck, por Mendo Castro Henriques, acessível in <https://youtu.be/KJ5WyXGyjsc>

Éticas del cuidado e interculturalidad, por María Grace Salamanca González, acessível in <https://youtu.be/fwYavrbHMQ4>

Fake News: Conteúdo falso ou fenômeno social?, por Fernando Figueiredo Strongren, acessível in https://youtu.be/74gs_GeOmw

A dimensão filosófica da descoberta do Novo Mundo, por Danilo Marcondes de Souza Filho, acessível in <https://youtu.be/4m0ITPxlj8>

A filosofia dos direitos humanos de Francisco de Vitoria, por Jeferson da Costa Valadares, acessível in <https://youtu.be/VGZp36cMyXM>

Éticas del cuidado y salud colectiva, por María Grace Salamanca González, acessível in <https://youtu.be/oYXNyVF7Bcl>

A filosofia moral e jurídica de João Luis Vives (1492-1540), por Jeferson da Costa Valadares, acessível in <https://youtu.be/7nZNahKfXTM>

A visão cosmopolita dos Estóicos e o novo normal, por Mendo Castro Henriques, acessível in <https://youtu.be/fRRTc6uMjXPA>

The pursuit of truth in the company of friends, por Andrew Orlans, acessível in <https://youtu.be/iMS939eZoZg>

Existential Humanism: Processing the Fragility of Life, por Hugh Taft Morales, acessível in <https://youtu.be/1onaFLJ8mR0>

L' "oblivione delle cose". Le rôle de la mémoire dans les Discours de Machiavel, por Michele Merlicco, acessível in <https://youtu.be/rPkztkGpOZA>

Hiérocles e o cuidado de si, por Tomaz Fidalgo, acessível in <https://youtu.be/zwpFP4-6dHg>

Uriel da Costa na História do Averroísmo português (séculos XIV-XVII), por Emanuele Landi, acessível in <https://youtu.be/mQUdp1i19kg>

Franz Joseph Gall's Phrenology and his controversy with Henrik Steffens, por Pier Francesco Corvino, acessível in <https://youtu.be/CrxZiuPtRYk>

Entre a Ciência e a Crença: O Papel do Oráculo de Delfos sobre o Inevitável, por Gilmar K. Junior, acessível in <https://youtu.be/NbAT-kiaAts>

Confucianismo e pós-marxismo no atual regime político chinês, por Mendo Castro Henriques, acessível in <https://youtu.be/4SrQRuHmivg>

Prologenvity Literature in Late Renaissance Italy, por Laura Madella, acessível in <https://youtu.be/2jfxAUjb6iU>

Retórica e Interdisciplinaridade, por Edgar Lyra, acessível in https://youtu.be/Nin6Jh_AgWg

A Filosofia Moderna como um modo de vida: Sabedoria e Direção Espiritual, por Evaldo Sampaio, acessível in <https://youtu.be/j9JYWqW6Mk8>

A última fase do pensamento de José Marinho, por Jorge Croce Rivera, acessível in <https://youtu.be/lK4N5C0pDfl>

O problema da percepção nos Elementos de Ética de Hiérocles, por Tomaz Fidalgo, acessível in <https://youtu.be/A0MrP8qoRYc>

Filosofia da Tecnologia, por Edgar Lyra, acessível in <https://youtu.be/R8sPRAFxXQE>

A natureza inumana e o vírus, por Pedro Duarte de Andrade, acessível in <https://youtu.be/3-5Uqp1D0nQ>

Sabedoria e Direção Espiritual em Nietzsche, por Evaldo Sampaio, acessível in <https://youtu.be/BO2EdoB-oxl>

A Pinacoteca de Felipe IV e a Consciência do Soberano, por Jorge Croce Rivera, acessível in <https://youtu.be/vyel0CovMx0>

Direitos humanos e o sujeito da injustiça, por Bethânia Assy, acessível in <https://youtu.be/mdhaf8Mh-ug>

Anotações sobre a atividade filosófica em Costa Rica, por Marlon Castro Gómez, acessível in https://youtu.be/egl_ZpFSGm4

Sabedoria e Direção Espiritual em Henri Bergson, por Evaldo Sampaio, acessível in <https://youtu.be/uAyGWQ2uveE>

O Animal Semiótico: a Humanidade e os Signos, por Robert Martins Junqueira, acessível in <https://youtu.be/vJSck2kE2cE>

COVID 19 Uma chaga aberta no mundo contemporâneo: Crime ou castigo?, por Bruno Corsini, acessível in <https://youtu.be/tDjEG8lZZ7l>

Les vertus aristotéliennes dans l'interprétation de Baldassare Castiglione, por Iuliia Nikitenko, acessível in <https://youtu.be/BHropex8RgE>

O sentido da ciência, segundo dois comentários jesuítas de Coimbra e de Évora, por Maria da Conceição Camps, acessível in <https://youtu.be/ZL35jK0MEKA>

Experiência editorial e interdisciplinaridade, por Pedro Duarte de Andrade, acessível in <https://youtu.be/Qeh3pFVSuls>

A situação da 'escola de Coimbra' na história da filosofia, por Mário Santiago de Carvalho, acessível in https://youtu.be/o1c_F8SXnAk

A gênese de Teoria do Ser e da Verdade 1961 de José Marinho, por Jorge Croce Rivera, acessível in https://youtu.be/cLmrqC_zaMw

B.2: La Fonda Filosófica

Na secção "Nosotros" da página Web de *La Fonda Filosófica* (<https://www.lafondafilosofica.com/nosotros/>), Darin McNabb veste a camisola de lente e afiança ter sido criado este projeto, em 2011, com vista acima de tudo a "apoiar a formação (*apoyar la formación*)" daquela/es que têm sido sua/eus estudantes no seio das disciplinas que ministra na Licenciatura em Filosofia do Instituto de Filosofía da Universidad Veracruzana em Xalapa (Vera Cruz, México), nomeadamente Estética e Filosofia Política. Pode ser dito, por tanto, que estamos diante de um reforço pedagógico. Ou então—se tivermos em conta que tudo indica que o alcance de *La Fonda Filosófica* (doravante *LaFF*) ultrapassa bastante o núcleo dos estudantes de McNabb, a começar por nós, que nunca tomamos assento numa sala de aulas *xalapeña*—, mais acertadamente diremos estar em face de algo mais geral do que um reforço pedagógico, que inclui mas ultrapassa este: estamos, acima de tudo, sob o teto de um esforço de comunicação. O objetivo do presente trabalho é dar a conhecer o melhor possível—dentro, é claro, dos limites de extensão que nos foram impostos e das nossas tão marcadas eivas intelectuais—o que é *LaFF* sob o prisma da comunicação. Para tal, procuraremos descobrir, em primeiro lugar, qual é o propósito por detrás desta iniciativa; em seguida, identificaremos a/os destinatária/os deste esforço de comunicação; então, abordaremos as questões sobre a consistência de *LaFF* e sobre os meios por meio dos quais a mesma é desenvolvida; finalmente, serão colocados alguns dados na balança para comentar o impacto de *LaFF* sem cair em ledão engano.

Propósito

LaFF é um esforço de comunicação. Tem, por isso, que ter um propósito? Não somos suficientemente aventureiros para meter as mãos no fogo, seja a favor do 'sim' ou do 'não'. Podemos, contudo, facilitar a vida a quem vier a debruçar-se sobre as peças de um quebra-cabeças de tal forma duro de montar e afiançar que, se por acaso existem esforços de comunicação carentes de qualquer finalidade, esses casos não devem insuflar qualquer fôlego de lei, pois outros há que de propósito não carecem, como seja o de fazer-se ao jogo de paciência que é responder a tal pergunta, ou então o que nos trouxe até aqui, que é o esforço que representa *LaFF*. Esta página Web tem, de facto, um intuito. Caso contrário, não poderia ler-se em "Nosotros" que tudo passa por um esforço no sentido de clarificar o que de complicado existe nas ideias filosóficas, elucidando-as tão lapidar e instrutivamente quanto seja praticável. Contudo, o propósito de *LaFF* não se fica por aqui: é também sob o desígnio de estimular a leitura de grandes títulos da história da Filosofia que esta iniciativa se tem vindo a desenrolar, sendo um pressuposto que os conteúdos produzidos não são mais do que aperitivos numa ementa que recomenda que se vá comer o resto da refeição nas páginas da tradição. Tendo em conta o que foi dito até agora, talvez não constitua um atentado ao bom senso procurar sintetizar o

propósito de *LaFF* com recurso a uma tradução do próprio título do empreendimento para *A Cantina Filosófica*, ao invés de *Pousada*, *Albergue* ou *Pensão*: o propósito de *LaFF* é dar a comer entradas filosóficas. É verdade que é uma cantina na qual apenas são servidos os primeiros pratos, mas não só não poderão queixar-se a/os comensais de publicidade enganosa como também abandonarão a mesa simultaneamente saciados e com água na boca.

Destinatária/os

A quem é que *LaFF* pretende dar de comer? Na linha da frente estão, como já deve estar claro (ver acima), estudantes de McNabb. Este verdadeiro *chef philosophique*, que concluiu o Doutoramento no Boston College em 1997 e ensina na Universidad Veracruzana desde 1998, já terá alimentado e estimulado o apetite de imensa/os estudantes. Basta ver que *LaFF* existe desde meados de 2011, pelo que em meados de 2021—são contas fáceis de fazer—McNabb já leva 10 anos a servir travessas de antepasto em matéria de filosofia para fazer as delícias daquela/es que frequentam as disciplinas por ele ministradas (v. *supra*). Assim, os factos sugerem que a resposta à pergunta sobre a/os destinatária/os de *LaFF* é muito *sencilla*: o esforço de comunicação de ciência—muito particularmente de história da filosofia—que há pouco designamos de 'Cantina Filosófica' (*supra*) tem como destinatária/os a/os estudantes de McNabb, este que desempenha o papel de enunciador nas comunicações que se dão no espaço virtual de *LaFF*. Sem precipitações, convém não fechar o assunto por aqui; pois, mesmo que fosse legítimo limitar a/os destinatária/os de um esforço de comunicação ao público-alvo—isto se considerássemos que todo o esforço deste tipo implica um propósito e que daí resulta sempre a identificação de um *auditoire visé*—, o âmbito da comunicação em geral não deixaria de ser muito mais vasto. Em comunicação, é tida em conta qualquer relação que seja estabelecida entre quem enuncia e quem interpreta; independentemente de haver um fito no sentido de chegar a determinada/o intérprete ou de não haver, importa é que seja estabelecido o elo comunicativo, observável sempre que seja possível identificar uma sede de enunciação e outra de interpretação (para saber mais sobre este assunto leia-se Lane 2014, 66-69). Como podemos ver pelo nosso próprio exemplo e também veremos mais adiante (v. 'Balanço') num âmbito mais alargado, esta iniciativa não só está aberta a chegar como de facto é evidente que chega a um número de intérpretes que ultrapassa as turmas de McNabb. Se de facto se declara (v. *supra*) que a/os destinatária/os de *LaFF* são estudantes de uma das pessoas responsáveis pela tradução da *Obra filosófica reunida* de Charles S. Peirce para castelhano, há ainda assim que lançar uma questão à qual só McNabb será capaz de responder: não constitui, a significativa fatia do grande público internacional capaz de aceder tanto à internet quanto à língua castelhana, o público-alvo de *LaFF*?

Consistência

Muito temos já falado sobre *LaFF*, mas pouco se falou sobre a sua consistência. Em que consiste, afinal, esta iniciativa? Acima de tudo, a *Fonda* é um repositório de vídeos, faixas de som e transcrições de sessões dedicadas a protagonistas e temáticas caras no campo da história da filosofia, como sejam Platão, Aristóteles, Gottfried Wilhelm Leibniz, Jean-Jacques Rousseau, Charles S. Peirce, John Dewey, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Noam Chomsky, por um lado; e, por outro, a ética, a estética, a ideologia, o pragmatismo, a semiótica e a teoria política. Tudo isto e muito mais a partir dos programas das disciplinas ministradas por McNabb, mas não só, uma vez que este declara, em "Nosotros" (v. *supra*) que vai "fazendo vídeos sobre outros temas do seu interesse e competência (*haciendo vídeos sobre otros temas de mi interés y competencia*)". Os vídeos estão dispostos na página de forma ordeira, bem categorizados num índice que se apresenta à esquerda, mas a página incorpora, ainda assim, um motor de busca interno. A cada prato—recorremos a esta expressão porque não só de vídeos se trata, como dissemos antes (*supra*)—é atribuída uma página própria, na qual se pode encontrar o ficheiro áudio e a transcrição, a que no universo de *LaFF* se designa de "guião (*guión*)", disponíveis para *download* em MP3 e PDF, respectivamente. *LaFF* funciona, também, como plataforma de comunicação sobre si mesma, uma vez que qualquer pessoa interessada pode tornar-se subscritor/a; o que, segundo se lê na página, tem interesse por duas razões: a primeira, é que McNabb ficará sinceramente agradecido; a segunda é que quem subscreve receberá uma notificação via *email* sempre que a equipa de *LaFF* acrescentar mais um título à ementa.

Meios

Os meios são tudo aquilo que se encontra numa posição intermédia; quero dizer, tudo aquilo que, sem se confundir com a página Web de *LaFF*, faz parte direta ou indiretamente da mesma, constituindo-a ou veiculando-a. É verdade que uma revisão exaustiva dos meios levar-nos-ia a uma regressão ao princípio dos tempos—que é para não dizer 'ao infinito'—, o que originaria uma desorientação tal que, no meio dela, poderia ocorrer que fosse fomentado o levantamento de questões tão complexas como a de saber se o próprio *Big Bang*, as teorias da Relatividade Restrita e da Relatividade Geral ou a Batalha de Tannenberg com que se encerrava o Verão de 1914 na Prússia Oriental—travada onde é atualmente a cidade de Olsztyn, na Polónia—devem ser ou não metidos ao barulho no que toca a entender de que meios se vale *LaFF* para trazer à luz do ecrã as suas maravilhosas iguarias filosóficas. Por conta das limitações inerentes à condição finita de quem engrossa as fileiras da humanidade, não nos será possível ir tão longe. Desengane-se, contudo, quem pensa que choraremos a nossa miséria, pois apesar

de termos o dom das lágrimas, é de bom grado e com modéstia que abraçamos a nossa fragilidade, tal como a desta nossa sintética exposição. A nossa ambição não é senão esta: descobrir *i)* quem compõe a equipa de *LaFF*, *ii)* se há e de onde vem o financiamento para dar corda à *Fonda*, e *iii)* quais são os instrumentos que formam a parafernália técnica que permite a confeção e a disseminação do pasto filosófico destinado, antes de tudo, a estudantes de McNabb.

Equipa

Por muito difícil que seja acreditar que os 230 vídeos—número confirmado no dia 20 de maio de 2021—, com os respetivos guiões, tenham sido planeados, redigidos, ensaiados e interpretados—no sentido artístico da representação de um papel—, gravados, editados, carregados e disseminados por uma só pessoa, é assim que as coisas parecem ter-se sucedido. Tudo aponta para aí, quero dizer, *LaFF* é uma monumental iniciativa de uma pessoa só: Darin McNabb. Assim, os dedos de uma mão chegam e sobram para contar quantos membros constituem a equipa de *LaFF*. De modo a tornar este número mais interessante para o ouvido, sugerimos que se apure outra forma de dizer 'um', como seja por via da afirmação de que a equipa por detrás desta iniciativa filosófica é constituída por um número ímpar inferior a dois. Tudo se passa, enfim, entre McNabb e quem assume a posição de intérprete; pelo que, no limite, poderá ser dito que a equipa de *LaFF* é constituída pelo investigador especializado no pensamento de Peirce e por quem se senta para comer na mesa que McNabb põe, ou pelo menos pela tropa de barro que subscreve e vai deixando comentários que aquele tem certamente em consideração, pois raro será encontrar um comentário que o mesmo tenha deixado sem resposta.

Financiamento

Tudo leva a crer que há financiamento por trás de *LaFF*, pois: um domínio próprio na internet não se paga sozinho; o tempo de trabalho de um perito do calibre de McNabb não deve custar pouco; os materiais para gravação e o *software* para a edição de vídeo não são, normalmente, baratos; e a gestão da página Web, das plataformas e das redes sociais também não se fazem sem investimento. Por isso, cabe inquirir: de onde vem o dinheiro? Uma vez que não há, em nenhuma das páginas de *LaFF*, referência a qualquer fonte de financiamento, tomamos a liberdade de lançar duas hipóteses, que nos parecem ser as mais viáveis: ou *i)* a *Fonda* é financiada secretamente por algum tipo de mecenatismo discreto, ou *ii)* todo o trabalho destes últimos dez anos saiu diretamente do couro de McNabb. Se fossemos obrigados a ler nas estrelas, diríamos tratar-se *LaFF* de um caso exemplar em que um professor investe não pouco do seu tempo e seguramente um conjunto significativo de recursos materiais para dar mais de si—e, neste particular, mais da filosofia—para toda/o aquela/e que se dispuser a aprender com gosto.

Instrumentos Conexos

Como disse Ana Sanchez, numa mensagem eletrónica que nos foi reencaminhado por uma colega a pedido da anterior (Pinto 2021), "numa iniciativa de comunicação, o canal de comunicação é a própria iniciativa (por exemplo, um evento). Claro que pode haver outros canais para dar a conhecer a iniciativa (por exemplo, anúncios de um evento) e esses podem ser também mencionados pois são a estratégia para chegar ao público-alvo (e conseguir que participem no evento)". Nesta iniciativa de comunicação, o canal é o próprio sítio Web de *LaFF*. Contudo, em conformidade com o que disse Sanchez, outros canais há que servem de instrumentos para disseminar esta iniciativa, permitindo a McNabb chegar ao público da *Fonda*, como sejam Youtube, Spotify, Vimeo, Facebook e Google Drive. Os instrumentos agora listados servem um fito de divulgação; mas não só, pois alguns deles integram mesmo a página Web, permitindo que esta ofereça tudo aquilo a que quem se senta à mesa de McNabb tem direito: vídeos, ficheiros de som e os guiões. Estes últimos estão no corpo da página, em texto, mas é só através de um link Google Drive que podem ser descarregados em MP3, o mesmo sendo verdade com respeito aos textos, neste caso passíveis de serem descarregados em PDF. O Youtube também excede, no seio da *Fonda*, a função de ajudar a chegar ao público-alvo, pois é graças à possibilidade de incorporar vídeos da plataforma de vídeos da Google na Linguagem de Marcação de Hipertexto—o bloco de construção mais básico da Web que normalmente é referido pelo acrónimo HTML—que é possível degustar todos os petiscos filosóficos de McNabb diretamente na página Web de *LaFF*. Para além dos instrumentos agora referidos, certo é que McNabb não poderia levar esta sua iniciativa a bom porto sem dispor de material de gravação e de edição, tal como de muitos e bons livros.

Balanço

Seria bom ter acesso às estatísticas da página Web da *Fonda*, pois tal permitir-nos-ia fazer um balanço mais detalhado dos resultados de 10 anos de atividade desta iniciativa de McNabb. Tal, infelizmente, não está ao nosso alcance, pelo que nos sentimos desarmados. Contudo, tendo em conta que os vídeos incorporados na página Web estão alojados do Youtube, talvez seja através das métricas públicas desta plataforma a melhor forma de obtermos dados suficientes para tecer algumas considerações avisadas sobre o impacto desta iniciativa. Para começar, vejamos quantas visualizações têm os 230 vídeos de *LaFF*. Todos estes dados (*supra et infra*) são do dia 20 de maio de 2021. A unidade de referência será o milhar, pois nenhum vídeo tem menos de mil visualizações, e nenhum ultrapassa o milhão. Aliás, o vídeo com menos visualizações tem cerca de 4 mil e aquele que mais vezes foi visualizado soma cerca de 981 mil. Dando notícia de que todos os arredondamentos foram feitos ao milhar, resta-nos dizer que a soma das visualizações de *LaFF* no Youtube é a que se segue: 149 + 27 + 30 + 193 + 86 + 63 + 43 + 76 + 207 + 32 + 91 + 83 + 42 + 55 + 105 + 62 + 221 + 51 + 128 + 115 + 91 +

43 + 40 + 217 + 204 + 99 + 11 + 59 + 33 + 76 + 39 + 30 + 25 + 24 + 177 + 93 + 84 + 290 + 121 + 62 + 47 + 73 + 145 + 65 + 56 + 48 + 41 + 38 + 20 + 39 + 33 + 47 + 60 + 30 + 28 + 20 + 155 + 95 + 63 + 147 + 93 + 65 + 52 + 416 + 199 + 49 + 163 + 56 + 102 + 60 + 144 + 127 + 41 + 147 + 74 + 55 + 110 + 51 + 39 + 33 + 29 + 189 + 981 + 185 + 519 + 154 + 82 + 75 + 64 + 55 + 37 + 27 + 24 + 19 + 216 + 47 + 50 + 25 + 19 + 253 + 119 + 92 + 77 + 61 + 52 + 166 + 91 + 71 + 120 + 59 + 64 + 48 + 53 + 39 + 47 + 35 + 38 + 36 + 33 + 29 + 29 + 111 + 100 + 369 + 38 + 19 + 14 + 11 + 9 + 28 + 9 + 7 + 21 + 6 + 6 + 23 + 6 + 5 + 5 + 5 + 20 + 22 + 4 + 4 + 20 + 4 + 4 + 6 + 25 + 21 + 22 + 19 + 104 + 22 + 35 + 216 + 91 + 98 + 14 + 35 + 65 + 23 + 41 + 194 + 27 + 100 + 73 + 67 + 13 + 49 + 36 + 33 + 34 + 45 + 27 + 77 + 23 + 38 + 22 + 30 + 22 + 25 + 93 + 18 + 56 + 22 + 14 + 13 + 37 + 13 + 15 + 30 + 44 + 10 + 28 + 17 + 23 + 12 + 22 + 14 + 17 + 14 + 12 + 37 + 92 + 132 + 76 + 45 + 107 + 59 + 31 + 65 + 21 + 46 + 19 + 57 + 14 + 56 + 15 + 60 + 13 + 93 + 42 + 27 + 14 + 39 + 55 + 84 + 31 + 27, o que dá um total de 15935 milhares de visualizações no canal de Youtube da *Fonda* (<https://www.youtube.com/channel/UC6GbAKHWYUJDWlKxY6HPldg>). Ora, assim sendo, só no Youtube *LaFF* soma cerca de 15.935.000 visualizações. Quanto ao número de subscrições, uma vez que o número destas na página Web também só McNabb sabe, voltaremos a atentar ao Youtube, onde são já 209 mil. Ora, atendendo a estes números—e por muito que McNabb continue a afirmar serem *estudiantes de La Ciudad de las Flores* o público-alvo da *Fonda*—, qualquer análise de comunicação de ciência que procure fazer um balanço do sucesso desta iniciativa deverá, ao considerar o impacto, ter em conta que o alcance da mesma excede em muito o seu público-alvo. Estamos seguros que é impossível terem sido apenas estudantes de McNabb a saborear a cultura gastronómica de *LaFF*. Caso contrário, cabe perguntar quase como quem exclama: *madre mía, ¿cuántas personas integran las clases de McNabb en la Universidad Veracruzana?* É sempre possível alegar que um pequeno grupo de pessoas é responsável pelos quase 16 milhões de visualizações que somam os vídeos de *LaFF*; mas, que fique ónus da prova para quem tal afirmar. Quanto a nós, resta dizê-lo taxativamente: o balanço só pode ser positivo, quero dizer, *LaFF* é uma iniciativa de comunicação de ciência que continuará a marcar época, pois conjuga o seu carácter *in fieri* e a possibilidade de evolução que daí advém com um sucesso inconcusso e digno de admiração. Tudo o que foi dito até agora, de todo o modo, foi só um cheirinho do que é *LaFF*. Sabemos, porém, que para 'bom prato' querer saborear uma das iguarias de McNabb, basta o perfume. *Por lo tanto*, deixo a arrefecer nesta janela a ligação para uma apetitosa discussão da natureza da famanaz 'máxima pragmática' de Peirce (<https://www.lafondafilosofica.com/la-maxima-pragmatica>), o segundo dos 230 pratos a terem sido acrescentados à ementa da *Fonda* nestes últimos dez anos de serviço público. Vamos comer? Então, como *suele decir* o nosso *chef*, *buen provecho!*

B.3: China Historical Christian Database

O projeto «China Historical Christian Database» (doravante CHCD) constitui, apesar de ainda *in fieri*, uma ferramenta inovadora e avançada destinada à valorização do conhecimento sobre a presença dos cristianismos na China entre 1550 e 1950. A CHCD promete tornar-se essencial para qualquer investigador/a dedicada/o à temática da história dos cristianismos na China e às temáticas relacionadas—como seja a de uma cristandade própria da China—conquanto o/a utilizador/a seja capaz de ler em língua inglesa ou nos padrões de escrita—seja tradicional ou simplificado—da língua chinesa. Por intermédio do desenvolvimento de uma pioneira base de dados digital geográfica e de relações—nomeadamente entre indivíduos, instituições e eventos—mais uma arrojada plataforma educativa em linha—ainda em fase *beta* mas já disponível em acesso aberto—, e ainda por via do estabelecimento de parcerias estratégicas de índole internacional, a CHCD proporciona uma solução tecnológica inteiramente nova para fazer face a certos problemas típicos da investigação histórica sobre os cristianismos na China e da transmissão dos conhecimentos concernentes, como sejam a pluralidade linguística e a dispersão geográfica das fontes. A abordagem definida no seio do projecto, de orientação marcadamente computacional, é de abertura para o desenvolvimento contínuo, pois o que se procura é que a CHCD evolua de forma constante no tempo e que permita o desencadeamento de transformações no íntimo da própria área de investigação em que a mesma se insere, abrindo o caminho para formas inéditas de transmissão e análise na hora valorizar e aprofundar o conhecimento sobre a história os cristianismos na China ao longo de 400 anos. Assim—se bem que não aprofundaremos o que se segue no presente trabalho—, a CHCD promete provocar um efeito disruptivo no que aos modelos de investigação na sua área, tão inatuais e por vezes caducos, diz respeito. Esta inovadora base de dados, alojada pelo Center for Global Christianity and Mission da Boston University—mas que envolve o Center for the Study of Asia, o Institute on Culture, Religion & World Affairs, o Rafik B. Hariri Institute for Computing and Computational Science & Engineering (estes três da Boston University), o Instituto de História Qing da Universidade Renmin da China, o Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History da University of San Francisco, a SOAS University of London, os Passionist Historical Archives, o Monumenta Serica Institute, o Institute for Advanced Jesuit Studies do Boston College, a Whitworth University, a Università degli Studi di Perugia, o Centro Científico e Cultural de Macau, I.P. (e portanto também a Fundação Jorge Álvares), a Università degli Studi di Napoli "L'Orientale" e os Carleton College Archives—pode ser acedida in <https://chcdatabase.com/>. Ao longo das páginas que se seguem, iremos argumentar que a CHCD representa uma inovação de tipo aberto, social e tecnológico. Por forma a argumentar que a CHCD representa uma inovação no seu contexto disciplinar—inovação, aliás, potencialmente muito lucrativa em termos de conhecimento—, iremos basear-nos numa leitura aberta—e, bem sabemos, com potencial de gerar controvérsia—da noção de inovação como sendo orientada

também para o ramo particular da economia que aqui nos interessa: a economia da investigação.

Inovação orientada para a economia da investigação

Falar de "economia da investigação (*economy of research*)" é apontar para aquilo que Charles S. Peirce considerou ser, "de todos os ramos da economia, talvez o mais rentável (*of all the branches of economy, [...] perhaps the most profitable*)" (Peirce 1931-1958 [1902], vol. 7 pará. 161). Talvez as palavras de Peirce soem um tanto ou quanto exageradas para quem não tiver em conta que na economia da investigação não se trata de lucrar a nível de verbas, mas de *verbos*—quero dizer, *conhecimento*—, sem por isso desconsiderar o papel daquelas no investimento que se faz em ciência, nem mesmo a possibilidade de que o financiamento atribuído à investigação acabe por estar na origem de uma série de desenvolvimentos que venham a desembocar em avultados ganhos a nível monetário ou de outra ordem, no seio de outros ramos da economia. É verdade que a economia da investigação não existe à margem, isolada no fim do mundo, sem relacionar-se com a economia como um todo. Tem, ainda assim, a sua esfera própria—uma esfera aberta e em relação, mas *própria*—, e a análise que se atenha ao nível da economia da investigação deve ter em conta que aquilo que se procura nesse ramo da economia *não é aumentar a conta bancária* ou outra coisa qualquer que não seja *o nosso conhecimento*. É em conhecimento que a/os tia/os Patinhas da investigação devem banhar-se, e é na distribuição das águas desses banhos que estão os verdadeiros ganhos no âmbito da economia da investigação. Uma investigação que pouco nos traga a nível de conhecimento será sempre, sob a ótica que impera neste texto, um investimento que deu prejuízo. Obviamente, a rentabilidade não se aufere de modo assim tão rude: no terreno da economia é preciso ter em conta a relação entre o investimento e os resultados. Não estamos a dizer nada de novo; leia-se Peirce para um maior detalhe:

"A doutrina da economia, em geral, trata das relações entre utilidade e custo. O seu ramo relativo à investigação considera as relações entre a utilidade e o custo de diminuir a probabilidade de erro do nosso conhecimento. Tem como principal problema a maneira como, mediante um determinado dispêndio de dinheiro, tempo e energia, se pode obter o mais valioso incremento do nosso conhecimento. (*The doctrine of economy, in general, treats of the relations between utility and cost. That branch of it which relates to research considers the relations between the utility and the cost of diminishing the probable error of our knowledge. Its main problem is, how, with a given expenditure of money, time, and energy, to obtain the most valuable addition to our knowledge*)" (*Ibid.* [1876], 7.140).

Sendo o nosso fito argumentar que a CHCD representa uma inovação no seu contexto disciplinar e no âmbito deste ramo específico da economia, o que trataremos nas seguintes secções, iremos sustentar a nossa reflexão numa interpretação aberta (e quiçá inovadora) da noção de inovação, como sendo orientada não só para a economia de mercado mas também para a economia da investigação. Como disse Juma (2016, 258), na esteira de Joseph Schumpeter, a inovação resulta "dos esforços de empresários [ou empreendedora/es] (*of the efforts of entrepreneurs*)". Ora, no caso da economia da investigação, deve dizer-se que a inovação resulta, antes de tudo, dos esforços de investigadora/es. Também remetendo para Schumpeter, ao expor as questões filosóficas levantadas no corpo de uma *call for papers* de um evento científico depois recebido pelo St. Annes' College de Oxford em 2016, Vincent Blok (2018, 2) apresentou a inovação como sendo "o produto da *destruição criativa* (*the product of creative destruction*)", pois toda a inovação "é acompanhada pela *destruição* das velhas regras e da velha ordem (*is accompanied by the destruction of the old rules and the old order*)"; e isto que significa que, se a inovação produz um "impacto positivo (*positive impact*)" nesta ou naquela esfera, tal impacto será "sempre acompanhado por repercussões negativas alhures (*always accompanied by negative impacts elsewhere*)". Assim, tendo em conta—para além do âmbito da economia que foi derivado do pensamento de Peirce—a transposição que fizemos a partir do texto de Juma e a noção apresentada por Blok (tudo acima), temos um chão firme para dizer que a inovação orientada para a economia da investigação não só resulta dos esforços de quem investiga como também passa pela destruição de velhas regras e de uma velha ordem, tantas vezes obsoletas, produzindo sempre repercussões simultaneamente positivas e negativas, mediante a perspectiva a partir da qual se considere o impacto da inovação. O que nos parece ser sobremaneira difícil na hora de pensar a inovação no âmbito da economia da investigação é *i*) ultrapassar os velhos hábitos e fazer a transferência desta noção afeta ao mercado para a o ecossistema científico e *ii*) estimular a comunidade científica para que arrume a casa—o ecossistema científico, sendo que *eco* remete para 'casa' e *sistema* para 'arrumação'—de modo a torná-la num ambiente mais amigável para a inovação. Quanto à inovação representada pela CHCD, até pode não parecer ter vindo para destruir nada; e, se fossemos a negligenciar a importância da destruição para a inovação, poderíamos dar aqui um belo exemplo do "enviesamento-da-introdução-de-algo-novo (*the 'introduction-of-something-new' bias*)", alegando que tal enviesamento é na verdade o fruto maduro da evolução no reino das ideias, argumentando que, se assim não fosse, não seria verdade que os "estudos clássicos (*classical studies*)" sobre inovação "exploram a noção Schumpeteriana de destruição criativa (*explore the Schumpeterian notion of creative destruction*)" e os estudos mais "contemporâneos (*contemporary*)" se debruçam sobre a noção de "transição tecnológica, inovação social ou inovação reativa", apenas havendo um espaço para consenso perante "a ideia de que a inovação consiste na introdução de algo novo (*the idea that innovation is the introduction of something new*)" (Goulet e Vinck 2017, 97-98). Contudo, tal não é o caso, pois

apesar de toda a novidade trazida pela CHCD, como veremos em seguida, há uma dimensão destrutiva que lhe garante o título de inovação no sentido pleno da palavra, pois um dos fundamentais motivos por detrás da criação da CHCD passa mesmo pela necessidade de arrasar algumas das dificuldades com que se têm deparado, até agora, aquela/es que investigam sobre a história dos cristianismos na China.

Inovação aberta, social e tecnológica

Como veremos em seguida, a CHCD representa um excelente e multifário exemplo de inovação, quer no âmbito disciplinar em que se insere, quer no âmbito mais alargado da economia da investigação. Sem pretendermos esgotar todos os tipos de inovação passíveis de serem reconhecidos nesta conveniente e proveitosa plataforma em linha, iremos assinalar o carácter aberto, social e tecnológico da CHCD.

Inovação aberta

De acordo com Ron Basu (2015, 141-142), o conceito de inovação aberta, por muito simples que pareça ser, tem muito que se lhe diga, pois é preciso pensar muito bem sobre "o que abrir, como abrir e como gerir os problemas novos advindos de tal abertura (*what to open, how to open it and how to manage the new problems created by that openness*)". No âmbito da CHCD, abriu-se tudo—pois está tudo disponível em acesso aberto—, inclusivamente abrindo os ficheiros que contêm os dados para que a/os utilizadora/es os possam importar para plataformas alheias à CHCD ou mesmo à Neo4j (<https://neo4j.com/>), que é a plataforma gráfica de bases de dados, de código aberto, na qual a CHCD roda. Mas esta inovação poderia estar apenas formalmente aberta, sendo quiçá de muito difícil compreensão e utilização, o que implicaria que a inovação estaria, no fundo, fechada ao grande público. Tal não é o caso: trata-se mesmo de inovação *aberta* no sentido luzidio da palavra. A plataforma é fácil de entender, focando-se em transpor o conhecimento geográfico e as conexões entre os eventos, as instituições e as pessoas que conformam a base de dados em material gráfico de fácil leitura. A ideia é que quando alguém utilizar a plataforma não existam obstáculos ao entendimento do significado da informação apresentada. Ainda bem que é assim, porque caso contrário falar em abertura seria um embuste. A navegação também não é complicada, pelo que a CHCD veio reforçar a ideia de que as interfaces complexas não são sempre necessárias para que seja possível avançar para uma análise complexa. De facto, um excesso de complexidade, especialmente não sendo preciso, impediria a CHCD de fazer o pleno em matéria de inovação aberta. Assim, a plataforma em linha da CHCD—que obedece a uma programação visual minimalista de modo a manter a informação e as ferramentas que incorpora facilmente acessíveis a quem se interessar pela história dos cristianismos na China—constitui um excelente exemplo de como é possível inovar abertamente sem deixar pontas soltas.

Inovação social

É verdade que a inovação social pode ser considerada a partir de vários prismas (Christie e Prasad Chebrolu 2020; Sazesh et al. 2020; Davis 2021). Aqui, contudo, entendemos que uma inovação é social conquanto o empreendimento no seio do qual a inovação se dá apresente um carácter filantrópico. Sendo verdade que a CHCD não tem quaisquer fins lucrativos—não apenas por causa de estar disponível em acesso aberto, mas também porque não se envolve em negócios no domínio da publicidade—torna-se possível argumentar a favor do seu carácter filantrópico. De facto, é preciso agir por amor à humanidade—*φίλος*, uma das palavras gregas para *amor*, e *άνθρωπος*, que na mesma língua quer dizer *humanidade*—para se avançar com um empreendimento da envergadura da CHCD—que envolve um largo número de investigadora/es e instituições, e certamente um avultado investimento a nível de dinheiro—e nem sequer equacionar a obtenção de lucros, em sentido pecuniário. Trata-se, a CHCD, de uma inovação no âmbito da economia da investigação que promete ser ainda mais rentável do que muitos outros—a nível de conhecimento—por se tratar de uma inovação social.

Inovação tecnológica

Por muito que a inovação tecnológica represente "a conotação dominante e restrita (*the restricted and dominant connotation*)" adquirida pela noção de inovação no século XX, trata-se esta apenas de "uma das muitas conotações de inovação (*one of the many connotations of innovation*)" (Godin 2014, 197). Apesar disso, a ubiquidade da inovação tecnológica muito dificilmente pode ser contestada: até o circo—que "dentre a cornucópia de novidades produzidas pela era industrial (*among the cornucopia of novelties produced by the industrial era*)" apenas, se bem que "quase instantaneamente (*almost instantly*)", se apropriou da bicicleta—assimilou recentemente "um elevado número de outras inovações tecnológicas que modificaram a sua infraestrutura (*a large number of other technological innovations which modified its infrastructure*)" (Bouissac 2010, 72-73). No âmbito da economia da investigação, incluindo os sectores da história, a inovação tecnológica passa pelo aproveitamento de potencialidades tecnológicas ainda não exploradas para a produção e valorização do conhecimento, como seja ao longo dos processos de investigação, nos formatos das produções ou na divulgação de resultados. A CHCD representa uma mais valia para a produção de conhecimento sobre a história dos cristianismos na China, acima de tudo porque abre novos horizontes para investigações que pretendam abranger largos períodos temporais, várias áreas geográficas, dados recolhidos em fontes originalmente em diversas línguas e informação referente a instituições, pessoas e eventos relacionados, *inter alia*, aos vários cristianismos. Tal não é de desprezar, pois embora as estruturas organizacionais protestantes, ortodoxas e católicas sejam realmente diversificadas,

a arquitetura flexível da base de dados da CHCD possibilita que tais estruturas sejam documentadas e examinadas conjuntamente, o que constitui tarefa difícil e raramente levada a cabo nas investigações sobre os cristianismos na China. De acordo com Juma (2016, 5), "é discernível que o ritmo da inovação tecnológica é rápido (*the pace of technological innovation is discernibly fast*), o que gera uma "ansiedade intensa que origina esforços no sentido de fazer abrandar a adopção de tecnologia (*intense anxiety leading to efforts to slow down the adoption of technology*)". Se o que Juma disse é verdade, então podemos dizer que as pessoas e instituições por detrás da criação da CHCD dão mostras de saber lidar muito bem com altos níveis de ansiedade, pois esta não os impediu de avançar com uma iniciativa absolutamente ímpar no âmbito da investigação e da valorização do conhecimento voltadas para a história dos cristianismos na China.

Palavras finais

A história dos cristianismos na China poderia continuar a ser estudada sem a CHCD? Certamente que sim. Continuará alguém a querer fazê-lo? Seguramente que sim. Então, a CHCD não serve para nada? Aproveitar o lanço e dizer novamente que sim levaria a uma conclusão semelhante à de quem dissesse que, mesmo sem a invenção dos aviões, as pessoas teriam continuado a poder ir de Portugal até à China—de barco ou até a cavalo—, e que por isso os aviões não servem para nada. Ora, quer-nos parecer que a CHCD está para este sector da história—o estudo do passado cristão da China—como os aviões estão para as viagens entre o sul da Europa e a Ásia oriental, permitindo fazer investimentos que serão bastante rentáveis no âmbito da economia da investigação. As métricas na investigação ainda não conseguem ombrear com as grandes bolsas de valores de outros ramos da economia, mas não é por isso que no seio da economia da investigação a competição é menos feroz; e, também no âmbito desta, os sectores que não vierem a inovar irão, ironicamente, passar à história.

B.4: A arte de conseguir financiamento

Este breve resumo foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Negociação, Avaliação e Elaboração de Candidaturas da Pós-Graduação em Gestão e Políticas de Ciência e Tecnologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. O texto de Laudel (Laudel 2006) foi apresentado aos colegas, por sugestão de Margarida Trindade, por Joana Cruz até à página 495, e o restante, na forma apresentada *infra*, por mim. Algumas estratégias utilizadas pelos cientistas para se adaptarem ao ambiente de investigação são agora classificadas. A prática de investigação dos cientistas está “impregnada” por um “fluxo de escolhas” que ultrapassa mas inclui as decisões sobre o financiamento. Laudel analisa-as atentando às decisões tomadas no que diz respeito ao conteúdo da investigação. Segundo Laudel, algumas destas escolhas podem ser classificadas como estratégicas, pois determinam o curso da produção de conhecimento a médio prazo. Tais estratégias englobam escolhas sobre os problemas, os objetos/resultados e os métodos de investigação, assim como decisões em matéria de comunicação e colaboração, sendo direcionadas para aumentar a probabilidade de conseguir financiamento. Algumas estratégias são orientadas para a fonte de financiamento, e outras para o teor das investigações. Quanto a estratégias orientadas para as fontes de financiamento, Laudel distingue três tipos: apontar para fontes ‘fáceis’; apontar para ‘todas’ as fontes; e apontar para fontes ‘apropriadas’. Alguns padrões de ação que vários cientistas adotaram são, também, considerados por Laudel, nomeadamente: comercialização de resultados de investigação; transferência ilegítima de fundos de uns projetos para os outros (*bootlegging*); ir à boleia/parasitismo (*free-/power-riding*); e venda de serviços (ex: medições). Quanto a estratégias orientadas para o teor das propostas, Laudel distingue: adaptação a parceiros com fins lucrativos; esquivar-se de investigação que comporte riscos; esquivar-se de temas ‘quentes’/polémicos; optar por tópicos pré-determinados, seja do topo para a base, seja da base para o topo, seja por questões de viabilidade metodológica, ou por conta dos interesses das outras partes envolvidas. Por isso, conclui Laudel, os cientistas adaptam as suas propostas de forma mais ou menos radical com o fim de conseguirem financiamento, e tais adaptações nem sempre são entendidas como algo negativo, pois pode ocorrer que não se esquivem completamente dos seus interesses de investigação e se deparem com novas oportunidades para colaboração, como no caso de redes de investigação. Quanto aos efeitos que tais adaptações produzem na investigação, Laudel destaca a diversificação da investigação, o que inclui o surgimento de tópicos e resultados que, não fosse a aplicação de tais estratégias, não seriam programados. Em seguida, são identificados alguns aspectos relativos ao impacto do emprego de tais estratégias na produção individual do conhecimento: o desaparecimento da investigação de progressão lenta; a transição para a investigação aplicada; a dificuldade em inovar na investigação; o decréscimo da qualidade; e mudanças no

caráter experimental/teórico da investigação. Tudo isto foi baseado em entrevistas que Laudel conduziu com cientistas 'normais' e cientistas 'de topo' que atuam na Alemanha e na Austrália, se bem que cientistas britânicos, o ecossistema científico da U.E. e dos E.U.A. também são referidos. Assim, percebe-se que Laudel discuta a credibilidade dos resultados que obteve. Contudo, afirma ter tido isso em conta desde o ponto de partida, pelo que dirigiu as entrevistas de modo a poder desconstruir "racionalizações retrospectivas superficiais". No fim, excluiu testemunhos para os quais não conseguiu fornecer uma interpretação livre de ambiguidade. Laudel crê que os testemunhos que teve em conta são credíveis, e alega que, caso assim não fosse, seria de esperar que não houvesse tanta concordância entre as respostas de cientistas 'normais' e cientistas 'de topo', apesar de que há diferenças, como por exemplo ao nível do grau de disponibilidade para a adaptação dos projetos levada a cabo por ambos os grupos de cientistas quando procuram financiamento. Além do mais, afirma que, do ponto de vista empírico, há tantas razões (ou tanta falta delas) para acreditarmos que os cientistas foram sinceros quanto para acreditarmos que não o foram. Um dos grandes problemas que Laudel identificou, mormente na Austrália, foi o facto de que os cientistas dependem demasiadamente de uma só fonte de financiamento. As condições de obtenção de financiamento, sob a perspectiva de Laudel, levam a que as investigações arriscadas, as que fogem às modas, e as que implicam abordagens interdisciplinares são dificultadas. Laudel também refere que muito fica por fazer, lembrando que as categorias utilizadas para descrever as propriedades dos conteúdos da investigação científica são ainda demasiado confusas para que permitam captar diferenças subtis. Tal não impediu a autora de vislumbrar o facto de que as condições de obtenção de financiamento não obstaculizam todo o tipo de investigação a longo prazo, mas sim aquela que não produz resultados dentro dos prazos dos projetos individuais. De notar, também, é que a agilidade e flexibilidade que se exige aos cientistas na hora de projetarem o seu trabalho não corresponde a uma semelhante flexibilidade e agilidade na investigação propriamente dita. Muito pelo contrário, acabando a qualidade e o caráter inovador dos projetos por sair prejudicados. Mas a que se deverão todos estes constrangimentos? Segundo a autora, a comunidade científica tem sempre que agir sob condições em que os recursos são limitados, pelo que os membros são orientados para a seleção de tópicos e a conceção de projetos que a comunidade em geral considera necessários. É para isso, lembra Laudel, que existe a revisão por pares, que serve para ajustar as perspectivas de investigadores individuais àquelas da comunidade científica como um todo, tal como para que os projetos financiados sejam aqueles que pareçam mais promissores na ótica dos pares e que não impliquem aventuras como a de financiar um cientista para que trabalhe numa área que não é a da sua competência. Apesar de tais restrições parecerem bastante razoáveis, Laudel lembra que os grandes saltos na história da ciência parecem ter resultado de esforços mais ou menos fortuitos levados a cabo sob condições de extrema incerteza. Por isso, considera a autora que forçar os cientistas a adaptarem-se às modas leva a que posições heterodoxas sejam desconsideradas, estas que têm tido

uma importância decisiva para o progresso da ciência. A autora diz que a autonomia dos cientistas, tidos individualmente, é posta em perigo não pelo estado, as forças armadas, ou os mercados, mas pela própria comunidade científica. Tal parece-nos uma visão simplista e, ademais, parcialmente falsa, pois se é à comunidade científica que é dado gerir os fundos e a sua distribuição, não depende, geralmente, dessa comunidade a quantidade de fundos a distribuir, tal como, muitas vezes, o estabelecimento de objetivos para a investigação. Já o dissemos: Laudel partiu de um conjunto de entrevistas para escrever este artigo. Se tal metodologia acarreta limitações, não deixou a autora de reconhecê-lo: sendo a adaptação dos projetos às necessidades de financiamento um processo gradual, os cientistas não estão, muitas vezes, conscientes de tais comportamentos, e tampouco do impacto dos mesmos na produção de conhecimento. Assim, sugere a autora apenas ter sondado a ponta do iceberg, tanto mais que os processos subconscientes de adaptação não podem ser estudados única e exclusivamente com recurso a entrevistas, e mesmo os processos que podem ser descritos desse modo devem ser tidos em conta com o maior cuidado. Assim, concluiu Laudel que as condições atuais de financiamento levam a que a investigação, vergada à competitividade, se limite a projetos de baixo risco, convencionais, baratos, de caráter aplicado e inflexível. Confirmou a autora, com este estudo, que é possível pensar as estratégias adaptativas adotadas pela comunidade científica na busca por financiamento, e que tal é passível de ser feito em geral, isto é, para além dos sistemas de financiamento particulares e independentemente de se tratarem de cientistas ‘normais’ ou ‘de topo’. Para além disso, este estudo permitiu a Laudel corroborar a ideia de que financiamento externo já não serve apenas para o estabelecimento de novas linhas de investigação; que tal financiamento desempenha uma função que já não se limita a permitir investigações extra, mas a investigação em geral; e que as idiosincrasias dos ambientes nacionais de investigação são colocados em cheque perante uma standardização das políticas nacionais de ciência, o que leva a que os tipos de investigação (des)favorecidos sejam mais ou menos os mesmos por toda a parte. Tudo isto leva, remata a autora, a que projetos nos quais se procuram novas relações entre campos do saber, projetos espontâneos, criativos, de caráter inovador e interdisciplinar, projetos cujos resultados sejam difíceis de prever, tal como a liberdade dos investigadores para se lançarem em novas empreitadas, se tornem “espécies em vias de extinção” no ecossistema científico.

B.5: Concurso na Área das Humanidades

Este exercício foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Negociação, Avaliação e Elaboração de Candidaturas. O título que lhe demos foi «Plano para o Lançamento de um Concurso Europeu na Área das Humanidades: a *Idade Latina* como Fonte de Respostas às Interrogações Prementes da Atualidade», e segue assim: *A fim de estimular a qualidade e o impacto dos projetos de investigação sobre a Idade Latina na área das Humanidades, a Agência Executiva do Conselho Europeu de Investigação (CEI) irá proceder ao lançamento do «Concurso Europeu na Área das Humanidades: a Idade Latina como Fonte de Respostas às Interrogações Prementes da Atualidade».*

Âmbito Temático

Por *Idade Latina* entende-se, aqui, o período da história das ciências e culturas na Europa compreendido entre 354, o final da Idade Antiga, de expressão predominantemente grega, e 1644, a ascensão da Idade Moderna, de expressão multilinguística e inovador critério de cientificidade (cf. Deely 2001, 2010 e 2020). A datação é apresentada de forma tão precisa porque carrega um carácter simbólico, apresentando como ponto de partida o nascimento de Agostinho de Hipona e como fronteira última o ano de publicação dos *Princípios de Filosofia* de René Descartes e a morte de João de São Tomás.³ A Idade em que se originaram as chamadas Artes Liberais—o quadrívio da aritmética, geometria, astronomia e música mais trívio da gramática, dialética e retórica, formando o cânone educativo que recebeu, no coração da *Idade Latina* e muito graças a Hugo de São Vítor, também as ditas Artes Técnicas, como sejam a carpintaria e a agricultura (cf. Lagerlund 2019, 36)—tem sido relegada para a escuridão que naturalmente se reserva a uma extensão temporal que se tem depreciado com o título de Idade das Trevas. A busca pelo controlo e por possibilidades de exploração desmesurada de recursos naturais e humanos por parte da própria humanidade, que se acentuaram na Idade Moderna com a evolução da técnica e o estabelecimento, desenvolvimento e

³ Esta nota não faria parte do texto do concurso, mas poderia muito bem vir a servir para melhorar o seu conteúdo. Ao ler este nosso texto, já em maio de 2021, Cristóvão Marinheiro questionou a datação (que bebemos da adega de Deely) proposta acima para a *Idade Latina*. De acordo com o filósofo português, “Numa compreensão filológica, fala-se de latim como língua da Europa ocidental, com as suas variações até Petrarca (morte em 1374). Para o latim escrito após essa data, fala-se de *neo-latinitas*. A interpretação que propõe [Deely], de deixar terminar esse período de *Idade Latina* com *Os Princípios* de Descartes, em 1644, é sensata, de momento que esteja numa leitura historiográfica francesa, que considera que a filosofia moderna representa um novo começo, tanto pelo pensamento como pelo meio de veiculação do pensamento, que serão os vernaculares. Eu próprio sou contra essa leitura, isto por duas razões: veja que o primeiro curso de filosofia em alemão na Alemanha, foi proferido por Christian Thomasius (1655-1728), já no século XVIII e que Christian Wolff (1679-1754) ainda escreve a sua obra em latim, traduzindo-a também para alemão. Para além do mais, a *Estética* de Baumgarten, de 1750, é em latim, num vocabulário escolástico. Ora, sei bem que há geografias diferentes dentro da Europa, mas o latim continua a ser a língua franca da ciência até finais do século XIX. Lembro-me de ter visto uma tradução latina da *Crítica da Razão Pura* de Kant, publicada pela Hachette em Paris nos finais do século XIX. Com isso, em 1644 ainda estamos, nas universidades europeias, em plena *latinitas*.”

instrumentalização de doutrinas científicas baseadas na experimentação, desembocou nos séculos XX e XXI numa realidade que apresenta dois rostos que destoam: por um lado, herdámos um mundo infestado de necessidades às quais urge acudir; por outro, foi-nos legada a competência científico-técnica para que a resposta às urgências do agora seja sustentada em conhecimentos consistentes e aprofundados. Contudo, os excessos da secularização moderna—seguramente, pois, alimentados mas nunca justificados pelos da Inquisição—levaram quase ao oblívio completo do legado proveniente de várias geografias ao longo de um período de tempo que abarca cerca de 1290 anos, Idade em que para além de abusos e erros foi também forjado um quadro intelectual que visa justificar a coexistência pacífica de esferas relativas—como sejam diferentes personalidades, povos e culturas ou também a fé e a razão—, tal como o quão desacertado é proceder à interpretação das diferentes esferas sem reconhecer-lhes uma autonomia hermenêutica relativa (para uma interessante leitura sobre este tema e sobre o papel central desempenhado pela tradição arábico-islâmica veja-se Deely 2001, 186-193 e Carvalho 2020, 10; 37). Importa, ainda, notar que não é apenas no âmbito das relações entre personalidades, povos e culturas que poderá a recuperação da *Idade Latina* ser valiosa: também para o pensamento que no presente é dedicado à relação entre a humanidade e o meio ambiente poderemos encontrar na *Idade Latina* uma interlocução à altura: na *Idade Latina*, lembrou Deely (2011, 72), já se reconhecia que não existem indivíduos senão em relação com o seu ambiente, este que é elemento incontornável no próprio ser de cada qual.

Propósito

Este programa visa financiar projetos centrados em temas, tradições e autora/es da *Idade Latina*, por forma a colocá-los diante dos desafios da contemporaneidade. Os projetos devem buscar contribuir para que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) sejam melhor compreendidos, transmitidos e alcançados. Os projetos deverão, preferencialmente, abordar questões sobre a forma como que a herança da *Idade Latina* nos pode ajudar a erradicar ou a pensar a erradicação da pobreza e da fome, garantir ou pensar a saúde e educação de qualidade, igualdade de género, a ecologia, a dignidade humana, as desigualdades, as cidades, a sustentabilidade, o valor da vida, a paz, a justiça e o lugar das instituições. Assim, as Humanidades serão estimuladas a contribuir para que seja dada uma resposta às interrogações mais prementes da atualidade. Para além disso, a mobilidade de investigadora/es em princípio de carreira na área das Humanidades será estimulada no seio da UE. Prevê-se que este concurso fomente a reabilitação de importantes momentos de uma época suprimida do conhecimento comum, dissipada pelo passado fora e abafada ao longo da Idade Moderna. A finalidade principal deste concurso consiste, portanto, em financiar um conjunto notável de investigadores talentosos empenhados na divulgação da vasta densidade da *Idade Latina* enquanto

inexaurível fonte de orientação para fazer face, com um olhar voltado para o porvir, às inquietações da contemporaneidade.

Elegibilidade

a) Candidata/os

Apesar deste concurso ser designado de "Concurso Europeu", apenas candidata/os nacionais dos 27 Estados-membros independentes da União Europeia poderão concorrer. No âmbito das candidaturas individuais será dada preferência a jovens investigadora/es talentosa/os em princípio de carreira que tenham concluído o Doutoramento no máximo há 3 anos, se bem que serão elegíveis toda/os a/os candidata/os que tenham concluído o Doutoramento há menos de 10 anos, i.e., no ano civil de 2011. A preferência dada a jovens investigadora/es talentosa/os em princípio de carreira que tenham concluído o Doutoramento no máximo há 3 anos materializa-se na limitação de 7 pacotes de financiamento individual a projetos apresentados por candidata/os que apresentem esse perfil. Serão elegíveis toda/os a/os candidata/os independentemente da sua proveniência e género, mas será estimulada a equidade e a interação, por via da atribuição de 7 pacotes de financiamento exclusivamente voltados para projetos mistos. Estes projetos devem ser mistos na medida em que as candidaturas devem ser apresentadas conjuntamente por uma investigadora e um investigador com diferentes nacionalidades e proveniências institucionais distintas.

b) Propostas

Os projetos devem enquadrar-se em alguma das áreas das humanidades ou nos seus cruzamentos. Será dada preferência a projetos que incluam ou se insiram no desenvolvimento de investigação sobre o período tardio da *Idade Latina* nas áreas da filosofia, da geografia, da história e da linguística, tal como a projetos que se debrucem sobre a contribuição de filósofas de qualquer proveniência, etnia, credo e cultura tal como da filosofia arábico-islâmico para a atualidade e o diálogo científico e cultural na *Idade Latina*. Os pacotes de financiamento são concedidos numa perspectiva do topo para a base, pois os projetos devem procurar contribuir para que os ODS da ONU sejam melhor compreendidos, transmitidos e alcançados. Serão imediatamente rejeitadas todas as propostas que não declarem expressamente a relação entre a investigação a desenvolver e os ODS da ONU. Os projetos individuais devem prever duas fases de desenvolvimento a serem levadas a cabo em duas instituições sediadas em países distintos daquele do qual a/o candidata/o provém. As candidaturas aos pacotes de financiamento para projetos mistos devem ser apresentadas por uma candidata e um candidato que pretendam levar a cabo, em conjunto, um projeto de investigação em duas fases, em instituições sediadas em dois países diferentes daqueles de onde a candidata e o candidato são provenientes. Todas as instituições envolvidas (de proveniência e de destino) devem estar sediadas num dos 27 Estados-membros da União Europeia

(UE), podendo ser instituições de investigação públicas ou privadas. A duração dos projetos deverá ser superior a 32 meses e inferior a 37 meses, e deverão ter início dois meses após a publicação dos resultados da avaliação.

Financiamento

Prevê-se a atribuição de um total de 5.100.000*, distribuído em 27 pacotes de financiamento: 20 para candidaturas individuais (150.000* para cada projeto financiado) e 7 para candidaturas mistas (300.000* para cada projeto financiado). Caso não haja 7 candidaturas mistas acompanhadas de uma avaliação positiva, cada um dos pacotes de financiamento remanescentes será repartido em 2 pacotes de financiamento para projectos individuais e cada um dos pacotes de financiamento resultantes será atribuído a outros projectos individuais qualificados com uma avaliação positiva. Os pacotes de financiamento serão concedidos a/os investigadora/es diretamente mas de forma faseada, sendo o total do financiamento a atribuir dividido pelo número de meses da duração do projeto. No caso dos projetos mistos, o pacote de financiamento será concedido ao par mas adjudicado separadamente, pelo que cada participante do projeto receberá o valor correspondente ao de um pacote de financiamento para projetos individuais. Cada investigador/a poderá beneficiar de um financiamento suplementar de 1500*/ano para estadias e deslocações para qualquer país do mundo. A atribuição do subsídio para deslocações/estadia será feita na forma de reembolso e exigirá que o/a investigador/a apresente um requerimento para o efeito, acompanhado de uma justificação, a apresentar ao CEI nos meses de janeiro ou fevereiro do ano civil imediatamente a seguir ao da contração das despesas. Caso o painel de avaliação do CEI considere que a fundamentação carece de sentido, o requerimento será indeferido, sem possibilidade de recorrer da decisão do painel.

Processos

a) Candidatura

Esta é a primeira edição do Concurso Europeu na Área das Humanidades: a *Idade Latina* como Fonte de Respostas às Interrogações Prementes da Atualidade, que decorrerá anualmente por tempo indefinido. Para que a candidatura seja validamente lacrada, os formulários oficiais, o projeto de investigação e os documentos suplementares, que incluem a carta de aceitação das instituições-destino, a carta de motivação e todos os documentos pessoais listados no regulamento, deverão ser incluídos. A candidatura deverá ser lacrada até ao dia 31 de agosto, e os resultados serão publicados a 31 de outubro (validação das candidaturas) e 31 de dezembro (avaliação das candidaturas). As chamadas foram publicadas nesta página, na página do CCI, no portal de Financiamento e Concursos da Comissão Europeia e enviadas por via eletrónica para todas as Unidades de I&D na área das Humanidades sediadas na UE. Candidata/os deverão

ler a chamada atentamente e redigir uma proposta original. Não serão aceites projetos que se limitem a propôr um aprofundamento de temas já antes tratados por si ou por outrem, a não ser que o façam em resposta ao ODS 4, procurando não só ir mais fundo na investigação mas também tornar os seus resultados acessíveis gratuitamente numa plataforma em linha num formato adequado para que constituam uma oferta de aprendizagem ao longo da vida ou voltada para crianças com menos de 12 anos de idade. Recomenda-se que a/os candidata/os se familiarizem atempadamente com o serviço para a submissão de propostas da UE e submetam as suas propostas tão cedo quanto lhes seja possível. Assim que o fizerem, será enviado um email para o endereço facultado no formulário com o documento unificado da candidatura que será apreciado pelo painel de avaliação, incluindo os anexos. Nenhuma proposta poderá ser apresentada ou alterada uma vez ultrapassada a data-limite; antes disso, as propostas submetidas poderão ser alteradas um número ilimitado de vezes por via do upload de um novo documento na secção "Projeto", o que levará à substituição do anterior documento pelo novo e ao envio de um novo email com o novo documento unificado da candidatura. No fim da fase de validação das candidaturas, o CEI informará toda/os a/os candidata/os sobre a validação ou não-validação das suas propostas, que poderão ou não avançar para a fase de avaliação das candidaturas por parte de um painel de especialistas externos ao CEI, recrutada/os por este. Apenas propostas validadas seguirão para o processo de avaliação por um painel de especialistas externos.

b) Avaliação

As propostas serão avaliadas por um painel internacional de especialistas externos ao CEI com base na excelência e na sua articulação com os ODS da ONU. O painel de avaliação irá apreciar e avaliar todas as propostas que passem da fase de validação de candidaturas. Na presente edição deste concurso, o orçamento e as tipologias dos pacotes de financiamento não sofrerão alterações, podendo ser alvo de aumento, decréscimo ou revisões em edições posteriores. A execução dos pacotes de financiamento fica-se pela atribuição dos mesmos, mas a não-execução dos projetos ou de parte destes levará à instauração de um processo visando a averiguação das causas. Em casos de não-execução parcial ou total dos projetos, poderá ser exigida a devolução total ou parcial do financiamento por parte da/os candidata/os. O painel de avaliação será constituído por 54 membros, uma investigadora e um investigador especializada/os em temas da *Idade Latina* e provenientes de cada Estado-membro da UE, que serão seleccionada/os pelo Conselho Científico do CEI com base na sua reputação científica. Os nomes dos membros do painel de avaliação serão tornados públicos na página Web do CEI apenas na data em que tenha sido dada resposta a todos os eventuais recursos.

Recurso

A/Os candidata/os dispõem da prerrogativa de interpor recurso perante as decisões tomadas pelo painel de avaliação nos casos do indeferimento imediato das propostas e na sequência dos resultados da avaliação. Para recorrer da decisão do painel de avaliação na fase de validação das candidaturas, a/os candidata/os deverão fazê-lo até 10 dias depois da publicação dos resultados, e receberão a resposta no decorrer dos 15 dias seguintes à interposição do recurso. O recurso na sequência dos resultados da avaliação deverão ser apresentados até 15 dias após a publicação dos resultados, e serão informados do resultado da apreciação do recurso no decorrer dos 20 dias após a interposição do mesmo. Todos os recursos serão apreciados por um painel de avaliação externo recrutado para o efeito pelo Centro Comum de Investigação (CCI). Por cada recurso, será enviado um despacho escrito para o CEI e para a/os candidata/os que apresentaram o respectivo recurso, a especificar e fundamentar a decisão, favorável ou não, do CCI. O CCI pode:

- i) considerar o recurso desprovido de mérito e sustentar a anterior decisão do CEI;
- ii) constatar que apenas erros irrelevantes ou inofensivos foram detectados no processo de atribuição de financiamento do CEI e, como tal, indeferir o recurso;
- iii) considerar o recurso meritório e poderá
 - iii.i) proceder à inclusão da candidatura original, conforme apresentada, no processo de apreciação e avaliação da candidatura, sempre que esta tenha sido indeferida de imediato, o que não assegura a concessão do financiamento, antes permitindo que a proposta inicialmente indeferida seja novamente inscrita no processo de avaliação para efeitos de atribuição de financiamento;
 - iii.ii) ou estipular as medidas necessárias, que poderão compreender, designadamente, a atribuição parcial dos fundos, uma nova avaliação das candidaturas ou quaisquer outras medidas previstas pelo CEI e pelo CCI para os casos de recursos meritórios apresentados posteriormente à publicação dos resultados da avaliação.

C: Bibliografia de Apoio

- Basu, Ron. *Managing Projects in Research and Development*. Farnham, Surrey, England e Burlington, VT: Gower, 2015.
- Blok, Vincent. «Philosophy of Innovation: A Research Agenda». *Philosophy of Management* 17, n. 1 (1 de Fevereiro de 2018): 1–5. <https://doi.org/10.1007/s40926-017-0080-z>.
- Bouissac, Paul. *Semiotics at the Circus*. Semiotics, Communication and Cognition 3. Berlin e New York: De Gruyter Mouton, 2010. <https://doi.org/10.1515/9783110218312>.
- Bursztyń, Marcel, e Maria Beatriz Maury. «The Brazilian Experience with Institutional Arrangements for Interdisciplinary Graduate Programs: I2S May Provide a Way Forward». Em *Disciplining Interdisciplinarity: Integration and Implementationsciences for Researching Complex Real-World Problems*, editado por Gabriele Bammer, 343–47. Canberra, ACT: Australian National University E Press, 2013.
- Camps, Maria da Conceição. «‘The pleasures of seeing’ according to Manuel de Góis’ ‘Coimbra Commentary on De Anima’ (1598)». *Quaestio*, n. 15 (2015): 817–26. <https://doi.org/10.1484/J.QUAESTIO.5.108653>.
- Carvalho, Mário Santiago de. *Falsafa. Breve introdução à filosofia arábico-islâmica*. 2.^a ed. eQuodlibet. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2020. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4420368>.
- . «Cursus Conimbricensis». Em *Conimbricenses.Org Encyclopedia*, editada por Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2019. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3234133>.
- Christie, Neha, e Shambu Prasad Chebrolu. «Creating Space for Women Leadership and Participation Through Innovative Strategies: A Case of Tribal Women’s Dairy Cooperatives in Gujarat». Em *Cooperatives and Social Innovation: Experiences from the Asia Pacific Region*, editado por D. Rajasekhar, R. Manjula, e T. Paranjothi, 235–47. Singapore: Springer, 2020. https://doi.org/10.1007/978-981-15-8880-8_16.
- Davis, Grace. «Comparative Job Skill Development Initiatives in Northwest Arkansas and Barcelona». *Management Undergraduate Honors Theses*, 1 de Maio de 2021. <https://scholarworks.uark.edu/mgmtuht/10>.
- Deely, John. *Medieval Philosophy Redefined as the Latin Age*. 1st edition. South Bend, Indiana: St. Augustines Press, 2020. <https://www.staugustine.net/our-books/books/medieval-philosophy-redefined-as-the-latin-age/>.

- . *Medieval Philosophy Redefined: The Development of Cenoscopic Science, AD354 to 1644 (From the Birth of Augustine to the Death of Poinsot)*. Scranton, PA: University of Scranton Press, 2010. <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/distributed/M/bo10192605.html>.
- . *Four ages of understanding: the first postmodern survey of philosophy from ancient times to the turn of the twenty-first century*. Toronto studies in semiotics. Toronto e Buffalo: University of Toronto Press, 2001.
- Deledalle, Gérard. *Charles S. Peirce, 1839-1914: An Intellectual Biography*. Amsterdam e Philadelphia: J.Benamins Pub. Co, 1990.
- Drucker, Peter. *Managing in Turbulent Times*. New York: Routledge, 2011 [1980].
- Esfeld, Michael, Alberto Voltolini, Anna Marmodoro, Georg Bertram, e Véronique Zanetti. «Evaluation Panel: ARTS AND HUMANITIES – Philosophy». Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2019. <https://www.fct.pt/apoios/unidades/avaliacoes/2017/docs/Philosophy.pdf>.
- Ferrer, Diogo. *Transparências: Linguagem e Reflexão de Cícero a Pessoa*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.
- Forster, Paul. *Peirce and the threat of nominalism*. Cambridge e New York: Cambridge University Press, 2011.
- Gaultier, Benoit. «On Peirce's Claim That Belief Should Be Banished from Science», *Transactions of the Charles S. Peirce Society* 52, n. 3 (2016): 390-415, <https://doi.org/10.2979/trancharpeirsoc.52.3.06>
- Godin, Benoit. *Innovation contested: the idea of innovation over the centuries*. Routledge studies in social and political thought. New York, NY: Routledge, 2014.
- Goulet, Frédéric, e Dominique Vinck. «Moving towards Innovation through Withdrawal: The Neglect of Destruction». Em *Critical Studies of Innovation*, editado por Benoît Godin e Dominique Vinck, 97–114. Cheltenham, UK e Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing, 2017. <https://doi.org/10.4337/9781785367229>.
- Haack, Susan. «Do Not Block the Way of Inquiry». *Transactions of the Charles S. Peirce Society* 50, n. 3 (2014): 319-339. <https://doi.org/10.2979/trancharpeirsoc.50.3.319>.
- Iwao, Seiichi, Tarō Sakamoto, Keigo Hōgetsu, Itsuji Yoshikawa, Terukazu Akiyama, Shōkichi Iyanaga, Hideichi Matsubara, e Shizue Kanazawa. «182. Dōjuku». Em *Dictionnaire historique du Japon*, 4:103–4. Persée - Portail des revues scientifiques en SHS, 1978. https://www.persee.fr/doc/dhjap_0000-0000_1978_dic_4_1_876_t2_0103_000_0_3.

- Johnson, Björn. «Institutional Learning». Em *National Systems of Innovation: Toward a Theory of Innovation and Interactive Learning*, editado por Bengt-Åke Lundvall, 23–45. London: Anthem Press, 2010. <https://doi.org/10.7135/UPO9781843318903.003>
- Juma, Calestous. *Innovation and Its Enemies: Why People Resist New Technologies*. New York: Oxford University Press, 2016. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190467036.001.0001>.
- Junqueira, Robert Martins. «Charles Sanders Peirce and Coimbra». Em *Conimbricenses.Org Encyclopedia*, editado por Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 2020. <https://doi.org/10.5281/zenodo.4044285>.
- Kenton, Will. «Critical Mass». Investopedia, 25 de Dezembro de 2020. <https://www.investopedia.com/terms/c/critical-mass.asp>.
- Lagerlund, Henrik, ed. *Knowledge in Medieval Philosophy*. The Philosophy of Knowledge: A History. London, New York, Oxford, New Delhi e Sydney: Bloomsbury Academic, 2019. <http://dx.doi.org/10.5040/9781474258340>.
- Lane, Robert. «Peircean Semiotic Indeterminacy and Its Relevance for Biosemiotics». Em *Peirce and Biosemiotics: A Guess at the Riddle of Life*, editado por Vinicius Romanini e Eliseo Fernández, 51–78. Biosemiotics, 1875-4651 11. Dordrecht: Springer, 2014. https://doi.org/10.1007/978-94-007-7732-3_4
- Lankford, William M. “Benchmarking: Understanding the Basics.” *The Coastal Business Journal* 1, no. 1 (s.d.): 57–62.
- Laudel, Grit. «The art of getting funded: how scientists adapt to their funding conditions». *Science and Public Policy*, 2006, 489–504.
- Margolis, Joseph. *Pragmatism's advantage: American and European philosophy at the end of the twentieth century*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2010.
- Merrell, Floyd. *Peirce, Signs, and Meaning*. Toronto e Buffalo: University of Toronto Press, 1997. <https://doi.org/10.3138/9781442678330>
- Milhazes, José. *A Saga dos Portugueses na Rússia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011.
- Peirce, Charles S. *Charles Sanders Peirce: Contributions to “The Nation”, Part Three: 1901-1908*. Editado por Kenneth Laine Ketner e James E. Cook. Texas: Texas Tech University Press, 1979.
- . *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Editado por Charles Hartshorne, Paul Weiss, e Arthur W. Burks. 8 vols. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958.

- Pinto, Ligia. Carta para Alexandre Rocha, Ana Aranda, David Farto, Fernando Borges, Joana Cruz, Lúcia Nóbrega, Nádia Marques, Ricardo Cordeiro, Robert Junqueira, Ana Sanchez e António Granado. «FW: PGCT - Análise evento comunicação de ciência», de 27 de abril de 2021 às 10:02.
- Porter, Theodore M. *Trust in numbers: the pursuit of objectivity in science and public life*. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1995.
- Rambo, Lewis. *Understanding Religious Conversion*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- Sazesh, Alireza, Ruhollah Samiei Samiee, Parviz Saeedi, e Mahmoud Reza Mostaghimi. «Designing a Model of Social Innovation and the Effect on the Behavior and Mental Health of Citizens». *Razi Journal of Medical Sciences* 27, n. 7 (10 de Outubro de 2020): 120–29. <http://rjms.iums.ac.ir/article-1-6363-en.html>.
- Tamm, Marek. «Introduction: Juri Lotman's Semiotic Theory of History and Cultural Memory». Em *Culture, Memory and History: Essays in Cultural Semiotics*, por Juri Lotman, 1–26, editado por Marek Tamm, traduzido por Brian James Baer. Cham: Springer International Publishing, 2019. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-14710-5>.
- Trout, Lara. *The Politics of Survival: Peirce, Affectivity, and Social Criticism*. New York: Fordham University Press, 2010. <https://muse.jhu.edu/book/63642/>.
- Tutino, Stefania. «Jesuit Accommodation, Dissimulation, Mental Reservation». Em *The Oxford Handbook of the Jesuits*, editado por Ines G. Županov, 215–40. Oxford University Press, 2019. 10.1093/oxfordhb/9780190639631.013.10.